ELIZABETH NUNES MACIEL

**"JUNTÊMO O MEDO E A CORAGE
E VIÊMO PRA CIDADE..."**
**MULHERES TRABALHADORAS AUTÔNOMAS NA
CONSTRUÇÃO DE ESPAÇOS FEMININOS PERIFERIA DE
(PASSO FUNDO/ RS - 1996 a 1998)**

CAMPINAS - SP
1998

5823089

UNIDADE	BC
N.º CHAMADA	UNICAMP
V	M 119
P.º	35813
P.º	395/98
P.º	0 k
P.º	28.11.00
DATA	13/11/98
N.º CPD	

CM-00118524-1

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP**

N922j Nunes, Elizabeth Maciel.
"Juntêmo o medo e a coragem e viêmo prá cidade" :
mulheres trabalhadoras autônomas e a construção de espaços
femininos na periferia de Passo Fundo - RS / Ana Cristina
Ferreira. -- Campinas, SP : [s.n.], 1998.

Orientador : Olga Rodiruges de Moraes von Simson.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Mulheres do campo. 2. Trabalhadoras rurais. 3.
Trabalho à domicílio. 4. Grupos comunitários. I. Simson, Olga
Rodrigues de Moares von. II. Universidade Estadual de
Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

ELIZABETH NUNES MACIEL

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida por Elizabeth Nunes Maciel e aprovada pela Comissão Julgadora.

Data: 26 de agosto de 1998

Assinatura:

Olga P. de Moraes e Silva

**CAMPINAS - SP
1998**

Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção do Título de MESTRE em EDUCAÇÃO na Área de Concentração: Ciências Sociais Aplicadas à Educação, à Comissão Julgadora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação da professora Dr^a. Olga Rodrigues de Moraes von Simson.

COMISSÃO JULGADORA

Olga R. de Moraes em Junção.
Traxia Christina de Souza Campos
Zilda de B. F. De art.

AGRADECIMENTOS

No momento em que entrego esta dissertação para análise pública, relembro com carinho das pessoas que, no curso de sua elaboração, de uma ou de outra forma colaboraram para que a mesma se tornasse realidade. De modo especial agradeço:

A prof.^a Olga Rodrigues von Simson, minha orientadora, que com dedicação e amizade abriu-me os caminhos para a pesquisa, com a paciência própria dos que tem sabedoria.

A prof.^a Zeila de Brito Fabri Demartini.

A prof.^a Neusa Gusmão.

A prof.^a Ana Lúcia Goulart Faria.

A prof.^a Maria Cristina Siqueira de Souza Campos.

A prof.^a Arlete Assunção Monteiro.

Aos funcionários da faculdade de Educação, e do Centro de Memória da Unicamp.

Aos demais professores do programa de Mestrado da Faculdade de Educação da Unicamp.

Aos colegas de curso, e em especial as amigas Mairise, Magali, Maria Aparecida, Patricia, pelas sugestões, carinho e "abrigo", com elas aprendi muitas lições de solidariedade; aos amigos Pedro e Beth pelo apoio emocional e pelo apoio operacional.

Ao companheiro João Carlos e aos meus familiares pelo apoio, compreensão pelas ausências, e angústias partilhadas.

De modo muito especial às mulheres, minhas entrevistadas, que com sua pronta colaboração e com suas histórias viabilizaram esse estudo.

A agência financiadora , CAPES, pelo apoio financeiro.

RESUMO

Preocupada com o intenso processo de migração rural/urbano em Passo Fundo/RS optei por estudar esta questão, sob o ângulo da participação feminina nesse processo de transformação social. O presente estudo valeu-se das histórias de vida de um grupo de mulheres pobres, migrantes localizadas na periferia do meio urbano de Passo Fundo (RS). Procuo mostrar através da narração das mulheres migrantes, as dificuldades vividas por elas e por suas famílias, suas "andanças" até se fixarem no bairro periférico, onde residem atualmente. Nesse contexto focalizo, como elas vão elaborando novas formas de enfrentar a realidade urbana, na condição de pobres, adaptando vivências do meio rural. Nesse caminho seguem sempre estabelecendo a comparação entre o "lá e o cá", que envolve por exemplo, diferenciar a alimentação que se tinha, daquela que se tem hoje, a morada que se tinha, daquela conseguida em meio urbano, as relações de amizade no rural e agora os novos hábitos no meio urbano. Há um processo de assimilação de novos hábitos no novo meio, assim como uma resistência na preservação do "ethos camponês", significando a valorização do trabalho enquanto valor moral, da família enquanto último objetivo de todos os esforços. Neste cenário a figura feminina da mãe, esposas e trabalhadora se destaca. Serão as mulheres que irão buscar e realizar o equilíbrio das relações familiares colaborando de forma determinante para superar as dificuldades econômicas e de adaptação do grupo familiar. Tornam-se mediadoras fundamentais nesse processo. Este grupo de migrantes se diferencia dos demais no momento em que busca resolver seus problemas de forma coletiva, através dos grupos comunitários. Esse espaço que é fundamental para a concretização dos novos laços sociais, e para a realização da nova forma de trabalho, o trabalho a domicílio. Destaco neste estudo as principais preocupações das mulheres e a forma singular e criativa como enfrentam até mesmo graves problemas cotidianos, sejam familiares, ou sociais. Através de sua nova atuação em meio urbano alteraram algumas relações no meio familiar, ao mesmo tempo que procuraram manter outras; através das suas experiências nos grupos comunitários são capazes de dominar com sabedoria o espaço privado e aos poucos irem adentrando o espaço público, manifestando uma preocupação também com o social.

ABSTRACT

This study was chosen due to the intensive migration (from rural to urban area) at Passo Fundo (RS), regarding woman participation in the process of social transformation. It is related to the life stories of poor woman groups which migrates to the urban center surroundings, showing all their way through until the present dwelling. Thus, it focus how they face the new urban reality (as being in a poor class level) adapting their own rural life experience (for instance, comparing present and past changes: food, dwelling, relationship). At the same time they are taking new habits but also as keeping the "countryman ethos" meaning the work valorization as a moral value and the family as the last target of all efforts. In this context, the woman position is remarkable as mother, wife and worker. Women will search and realize the equilibrium of family relationship contributing and overcoming economic difficulties and family adaptation. Therefore, they become an important key in this process. These people are different from the others in searching solutions through group actions. This space is a bases to achieve new social ties and to realize a new working form, that is working at home. This research also remarkes about woman worries and how creative they are when facing daily social or familiar serious problems. Through new actuation in an urban environment they could change some family relationship at the same time they maintain others. Their experiences provided in the community groups made them able to hold with wisdom the private gap and step by step growing in the public area, keeping in mind also their concern on social matters.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	2
CAPÍTULO I <i>“somos a alma do bairro, quando a gente se organiza e se escuta, como diferencia”</i>	
I. 1 - Perspectiva teórica	5
I. 2 - A pesquisa	15
I. 3 - A definição dos temas da pesquisa	25
I.4 - As falas	29
I.5 - As mulheres	35
I.6 - A origem e funcionamento dos grupos comunitários	39
CAPITULO II <i>“...o pobre é um eterno andarilho vai onde tá o serviço...”</i>	
II. 1 - Origens rurais	48
II. 2 - A partida	57
II. 3 - As “andanças mundo a fora”	62
II. 4 - Grupos Comunitários locais: espaços femininos e educacionais	77
CAPÍTULO III <i>“..a gente esperneia, é briguenta e teimosa, por isso continua...”</i>	
III.1 - Trabalho: eterna busca	95
III.2 - Família: centro orientador da vida	126
III.3 - A moradia: “graças a Deus chega de tanto rolá”	154
III.4 - Saúde: entre ervas e remédios	169
III.5 - Alimentação: o dilema entre: “prazer ou tortura”	185
III.6 - Relações de vizinhança	202
III. 7 - Educação: a esperança futura	209
CONSIDERAÇÕES FINAIS	224
<i>“Juntêmo o medo e a corage e viêmo pra cidade”</i>	
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	230
ANEXOS	236

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo analisar o cotidiano¹ de mulheres pobres² e de classe média baixa, de origem rural, através dos três grupos comunitários. Este foi o espaço principal de nossa observação, visto que é freqüentado e organizado por elas no bairro São José, de Passo Fundo (RS), com apoio da Igreja Católica. Da história dessas mulheres, privilegiamos dois aspectos de suas vivências: a migração rural-urbana e sua inserção e atuação no bairro, através dos grupos comunitários. Também focalizo a reflexão que fazem sobre o próprio trabalho na luta pela sobrevivência em meio urbano.

O bairro São José³, se mostra basicamente como cenário único, pois ali acontecem as relações, os contatos, amizades e conflitos; é o espaço por excelência da sociabilidade das mulheres e suas famílias. A cidade é referida como um espaço distante, para onde elas se deslocam a fim de usufruir de alguns serviços

---

¹ “ O cotidiano é aquilo que nos é dado a cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão presente. Todo dia pela manhã aquilo que assumimos ao despertar é o peso da vida, a dificuldade de viver, ou de viver nesta ou noutra condição, com esta fadiga, com este desejo. O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a meio-caminho de nós mesmos, às vezes velada. Não se deve esquecer este “mundo memória”, segundo a expressão de Peguy. É um mundo que amamos profundamente, memória olfativa, memória dos lugares da infância, dos prazeres. Talvez não seja inútil sublinhar a importância do domínio desta história “irracional”, ou desta “não-história”, como o diz ainda A. Dupront. O que interessa ao historiador do cotidiano é o invisível...(De Certeau, 1997: 31)”

² Quando falamos em *pobres*, cabe esclarecer que estamos nos referindo às pessoas destituídas dos instrumentos que, na sociedade capitalista, conferem poder, riqueza e prestígio, capital e meios de produção.

³ Certeau nos auxilia na compreensão do que seja bairro,: “.../o bairro constitui um termo médio de uma dialética entre o dentro e o fora.E é na tensão entre esses dois termos, um dentro e um fora, que vai aos poucos se tornando um prolongamento de um dentro, que se efetua a apropriação do espaço. Um bairro, poder-se-ia, dizer, é assim uma ampliação do habitáculo; para o usuário, ele se resume à soma das trajetórias inauguradas a partir do seu local de habitação. Não é propriamente uma superfície urbana transparente para todos ou estatisticamente mensurável, mas antes a possibilidade oferecida a cada um de inscrever na cidade um sem número de trajetórias cujo núcleo irredutível continua sendo sempre a esfera do privado (De Certeau, 1997 : 42)”.

essenciais ou se dirigiam para trabalhar, geralmente como empregadas domésticas ou eventualmente no setor de serviços.

Na vida cotidiana do bairro, elas se organizam e se *reconhecem*. Ali constroem e reconstroem aos poucos suas vidas marcadas por muitas *andanças*, necessárias quando a sobrevivência é uma luta constante e a busca por trabalho é uma premência. Nesse contexto, tento analisar, e compreender quais são os valores que dão sentido à vida dessas mulheres. Para desvendar fragmentos dessa realidade, tornou-se fundamental conhecer e participar dos encontros dos grupos comunitários do bairro, em número de três: grupo São José, São Sebastião e grupo Nossa Senhora Aparecida. Neles busquei observar e avaliar como essa vivência de grupo influenciou na forma de pensar e agir das mulheres, pois definidos como espaços de práticas religiosas, supuz que pudessem ser também *espaços de práticas feminina*.

Foi imprescindível, igualmente incorporar as experiências vividas pelas mulheres enquanto migrantes rurais. Foram vivências fortes que se incorporaram há alguns anos à sua história pessoal, mas estão ainda muito presentes nas suas falas. A transição do rural para o urbano está ainda sendo “absorvida”. Há hábitos e valores recém-adquiridos que se manifestam a todo momento e que fazem com que elas comparem e estabeleçam relações entre a *vida presente e a vida passada*”. São comportamentos novos, que se confrontam com antigos modos de ser.

Duas são as questões orientadoras da pesquisa: desvendar o significado da participação dessas mulheres nos grupos comunitários dentro de um processo de migração e integração um modo urbano de vida em periferia. E compreender quais as repercussões na vida social e familiar que essa participação traz,

considerando o valor moral atribuído por elas ao trabalho, que parece ter um sentido, além daquele inerente a uma simples forma de sobrevivência.

Analiso o trabalho autônomo enquanto definidor do novo papel da mulher no âmbito familiar e na comunidade ao mesmo tempo, tento entender os grupos comunitários como locus da resistência sociocultural da população de origem rural, e como espaços de educação não formal na absorção de maneiras novas de viver os desafios do meio urbano. Considero que foi através do trabalho autônomo e domiciliar que as mulheres pesquisadas passaram a perceber o papel central exercido no grupo familiar, vindo tal percepção a alterar as relações no âmbito familiar e no exercício dos papéis femininos tradicionais.

Tento notar se na frequência regular às atividades do grupo comunitário, a consciência social pode ser ativada e a participação ao nível da cidadania conseguiu ser atingida.

Utilizei a observação participante, que foi muito rica, e possibilitada pela convivência prolongada necessária permitindo a coleta de dados. Esta foi complementada através das informações trazidas pelas entrevistas que as nove mulheres se dispuseram a conceder. Busquei estabelecer um vínculo de colaboração com as informantes, dentro da proposta do método biográfico, a qual se traduziu não apenas numa convivência e simpatia espontâneas, mas num desejo verdadeiro de compreender a vida dos sujeitos por parte da pesquisadora e numa disposição por parte deles para discutir suas próprias trajetórias⁴

---

⁴ Ver sobre a questão metodológica Brioschi e Trigo (1989).

CAPITULO I

“Somos a alma do bairro, quando a gente se organiza e se escuta, como diferencia...D. (46 anos, comerciante)”

I. 1 - Perspectiva teórica

O contexto histórico da década de 1960, os vários movimentos sociais surgidos nesse período, entre eles o movimento feminista, a entrada massiva das mulheres no mercado de trabalho, a possibilidade de contracepção cada vez mais assegurada, são algumas das transformações dos últimos trinta ou quarenta anos e que provocaram um grande número de estudos de pesquisadores de várias áreas do conhecimento⁵, convencidos de que não é mais possível se furtar à presença feminina em todos os setores da vida moderna. Desse modo, a mulher torna-se objeto visível de estudos, através de novos recortes teórico-metodológicos, que privilegiam o cotidiano, espaço por excelência de visibilidade feminina⁶

As mulheres que escolhemos como objeto de estudo, não fazem parte de uma categoria homogênea: Elas compõem um

---

⁵ No campo da história a partir de 1920-30, passou-se a contar com uma nova e importante produção, que se tornaria fundamental para repensar as questões do cotidiano, do microsocial, que pouco chamavam atenção. Tratava-se do Grupo dos Annales, que desenvolveu novas teorias, instaurando uma nova forma de pensar a história, abandonando a preocupação com o domínio público e com a racionalidade universal e direcionando seu interesse para a história dos seres humanos concretos e para a trama do cotidiano. Nessa instância, inevitavelmente, encontramos as mulheres presentes no espaço privado, focalizadas com um novo olhar, trazendo uma nova fala, um novo pensar de sua vida, de suas práticas, que nada têm a ver com fragilidade, passividade ou determinação biológica. Embora as mulheres não fossem logo incorporadas à historiografia pelos Annales, esses contribuíram para que isso se concretizasse nas décadas seguintes. Mais um importante passo se dava no sentido de visualizar e abrir espaços para a discussão dos temas femininos.

⁶ Havia, antes, um discurso estritamente estruturado para pensar o sujeito universal, ações individuais e práticas coletivas marcadamente masculinas, de tal maneira que a história nos revelava apenas os feitos dos homens, e somente marginalmente as narrativas sugeriam a presença das mulheres (Rago, 1996).

segmento social considerado *pobre* ou, como se definem algumas delas, *remediada*, enfrentando problemas específicos em razão de sua condição social e de gênero; possuem identidades sociais diferentes e diferenças substantivas em relação às mulheres de outras classes sociais.

Concordo com Soihet (1996), quando diz que as mulheres são biologicamente femininas, vivem inquietações e problemas em razão de sua condição, porém se movem em papéis e contextos diferentes. No plano familiar e nas relações comunitárias, essas mulheres *remediadas* vivem diferentemente os dramas do cotidiano. Não são apenas diferentes biologicamente dos homens, mas diferentes entre em relação às mulheres de outros estratos sociais, por possuírem identidades sociais diferentes.

No caso em estudo, optamos por analisar e compreender *mulheres trabalhadoras pobres* e suas relações cotidianas, entre as quais os problemas socioeconômicos e culturais cotidianos são vividos de forma mais intensa e aguda. Este é, por outro lado, o contingente mais numeroso de nossa cidade, onde apenas 10% da população local ganha acima de dez salários-mínimos⁷. Historicamente, as mulheres das classes populares sempre foram trabalhadoras, ao contrário do que o senso comum dava a entender.

A vida cotidiana, especificamente a vida cotidiana que envolve os afazeres discutidos por Certeau (1994), Bruschini (1989) ao mesmo tempo que questionam auxiliam no porque das atividades domésticas tão essenciais serem tratadas de forma secundária. Diariamente, essas mulheres executam um sem-número de tarefas indispensáveis à sobrevivência e bem-estar da família. O trabalho referido por elas é o do espaço doméstico e o

trabalho fora, esse por vezes, ocorrendo no próprio domicílio, mas sendo considerado *prá fora* por ser voltado para consumidores externos. Enquanto trabalhadora rural, a mulher tem um papel fundamental, visto que o seu *trabalho prá fora* neste meio significa trabalho na roça, nas proximidades da própria casa, como cuidar de animais, da horta, cortar lenha, realizar o beneficiamento da produção, ou seja, o trabalho feminino tem um peso extraordinário na organização da vida familiar no interior. Então, trabalhar faz parte da luta pela sobrevivência e é, ao mesmo tempo um valor positivo *ser pobre e trabalhadora* em oposição ao valor negativo *ser pobre e vagabundo*

Assim, a categoria trabalho, para as mulheres pesquisadas, ganha outro sentido, que vai além do prover a própria sobrevivência. Existe uma outra lógica, que comanda esse processo, não é a do mundo mercantil, mas é a de um mundo construído por representações, recursos simbólicos provenientes de uma visão camponesa e rural, que dão sentido ao seu lugar no mundo, mesmo que se sintam destituídas de meios materiais⁸. O trabalho não é um momento isolado na vida destas mulheres: faz parte de um projeto maior de vida. Trabalha-se em função de um todo, de um coletivo, que não acontece, porém, sem conflitos⁹. No dia-a-dia da periferia urbana, as mulheres dividem seu tempo entre

---

⁷ Segundo *Boletim de Informações Socioeconômicas do Município de Passo Fundo*, (v.1, n 1 - nov. 1997).

⁸ O trabalho que é uma realidade objetiva e ganha uma valorização, uma representação, um sentido subjetivo no seu fazer. Accardo nos ajuda a pensar o que seja a representação aqui aplicada: "Entendemos por representação a elaboração subjetiva, mental, que os indivíduos fazem das suas condições materiais de vida. Consideramos que as estruturas econômicas e sociais possuem tanto uma realidade subjetiva incorporada pelos indivíduos, quanto uma realidade objetiva que transcende os agentes sociais que lhe dão visibilidade e concretude. Nesse sentido, "(...) o individual e o social, as estruturas (...) internas da subjetividade e as estruturas sociais externas (...) longe de serem estranhas por natureza e de se excluírem mutuamente, são, ao contrário, dois estamentos da mesma realidade, da mesma história coletiva que se depositam e se inscrevem simultânea e indissociavelmente no corpo e nas coisas" (Accardo et alii, 1986, p. 55).

⁹ Família e individualidade constituem um problema fundamental nas análises de identidade feminina. Sobre essa questão ver Durham (1983), Moraes (1989), Sarti (1995).

o “trabalho da casa” e “atividades fora” que geram renda e a participação nas atividades do bairro. Nos encontros semanais, relatam suas atividades, contam minúcias, pequenos fatos que compõem o dia-a-dia ao seu redor. Não são mulheres insatisfeitas com sua vida restrita ao lar, ao contrário, sentem satisfação com seu trabalho doméstico, *ver tudo limpo e as crianças bem alimentada*. As queixas existem, porém as situações de insatisfação e indignação são em relação ao trabalho mal-remunerado ou realizado na casa da patroa; nessas atividades, sim, sentem-se exploradas¹⁰.

Todas as conversas aconteceram em dias de reunião sendo, o grupo é o palco das discussões, onde nascem sugestões e soluções para atritos surgidos no trabalho e no lar. As questões fundamentais que se colocam são: como por meio do trabalho doméstico, elas mantêm valores fundamentais relacionados ao espaço da casa e da família, provenientes de uma visão camponesa. Que mudanças ocorrem quando se tornam provedoras? Que influências o grupo comunitário e as relações de vizinhança exercem sobre elas? Serão estes espaços, espaços de educação não-formal? Considerando os estudos de Almerindo Janela (1992) e outros autores estarei tentando responder essa questão, no sentido de compreender essa lógica das mulheres de classe popular.

Lobo (1991), por exemplo, esclarece que a “lógica da casa”, assim como do trabalho remunerado, possui diferentes significados para o homem e para a mulher, porque eles foram inseridos de

---

¹⁰ Pesquisas, como as de Chaney e Castro (1993), dizem que enfrentar esse problema é colocar-se inevitavelmente face ao dilema de uma desigualdade patente no interior do próprio gênero, porque não há como pensar as empregadas domésticas sem nos vermos. Embora quase todas tenham passado por essa experiência, não vamos tratar dessa categoria especificamente, mas como um momento também relevante da história profissional das mulheres.

forma diferente e educados no mundo para uma clara divisão sexual uma papéis. No momento em que a mulher, mesmo restrita ao espaço da casa, é capaz de ali tirar seu sustento e o da família, as relações se alteram ou permanecem as mesmas? Ou esse fato não tem conseqüências imediatas? Perrot (1992) afirma que "há um tempo econômico diferente para cada um dos sexos", ambos sentem de forma diferenciada os problemas da família. E para as mulheres esse "sentir diferente" vem acompanhado de uma preocupação que envolve o coletivo familiar, ou seja, foram preparadas para pensar nos filhos, no marido, nos parentes.

E é pensando no coletivo familiar que a mulher busca nas várias possibilidades formas de trabalho, uma estratégia para os problemas cotidianos. Na bibliografia sobre família e trabalho, uma das contribuições mais relevantes da perspectiva que focaliza a participação na população economicamente ativa não mais de indivíduos isolados, mas de famílias como núcleos sociais para a determinação da oferta, é a desmistificação da crença de que apenas o trabalho assalariado é capaz de suprir as necessidades do trabalhador e de sua família. Segundo essa abordagem, o emprego remunerado está longe de ser o único determinante do nível devida e bem estar das pessoas, uma vez que existem outras atividades que se conjugam para a manutenção e reprodução das famílias (Bruschini, 1993). É valorizando e concordando com esta noção, que é preciso estar mais analisar com mais atenção o trabalho a domicilio realizado pelas mulheres.

Pesquisas, como de Bruschini (1989), Saffioti (1969), Sarti (1996), já vêm há algum tempo discutindo as especificidades do trabalho feminino, apontando para essa concepção diferenciada e mostrando, entre outras coisas, a centralidade deste trabalho no

âmbito da família e o descaso e invisibilidade com que ele é ainda tratado, inclusive pelos órgãos oficiais.

Zaluar (1985), diz a respeito que: "...o trabalho tem um valor moral vinculado ao status do trabalhador como ganha pão do grupo doméstico e não à execução da atividade propriamente dita..."

Pode-se transpor essa afirmação para as mulheres que ganham o pão para sua família, tornando-se provedoras: é muito mais o sentido de dar conta do sustento da família que importa para elas, neste momento do que, propriamente o trabalho em si. Outro aspecto observado, e interessante de ser salientado, é que elas consideram todo contexto doméstico como um espaço de trabalho, na medida em que ali se realiza não só o próprio trabalho doméstico, mas outras categorias de atividades, como o trabalho a domicílio e aquele das fabricas caseiras, aspecto a ser será discutido no capítulo três deste trabalho.

O grupo das nove mulheres estudadas possui especificidades e características importantes a serem salientadas: são mulheres trabalhadoras, pobres ou remediadas, de origem rural, com forte liderança e atuação social no bairro em que vivem.

Sobre a condição feminina dessas mulheres, Madeira esclarece:

...o sexo é social, e portanto o gênero é uma das suas relações estruturantes, que situam o indivíduo no mundo e traçam seu destino: oportunidades, escolhas, trajetórias, vivências, lugares e interesses ...a categoria gênero torna mais nítida a compreensão das formas e dos conteúdos que vêm tomando as relações entre as gerações, de como vem ocorrendo as mudanças e as permanências dos "pápeis sexuais" na socialização de crianças e adolescentes e, o mais importante, apontando mecanismos de ruptura ou de revisão das hierarquias de gênero (1997, p..9).

A vida da mulher, do homem, dos filhos se constrói em relação, de tal forma que é fundamental considerar as diferenças e especificidades de cada um no meio social onde atuam.

As mulheres envolvidas na pesquisa contam que estão atentas a todos os acontecimentos fora ou dentro da casa; estão sintonizadas com todos e com tudo que gira ao seu redor, percebendo as modificações lentas ou mais aceleradas, e expressando-as à sua maneira:

“ a mulher sente mais os problemas da família, aqui em casa só meio pra tudo, tenho a situação da casa na mão, estamos mais carregadas...” D. (46 anos, casada, origem luso-brasileira, comerciante)

A valorização da prole, a preocupação com a educação das crianças e com as relações atuais entre pais e filhos também são muito discutidas, bem como o dilema que não se resolve da difícil participação masculina na vida cotidiana da casa e a relutância em mudar comportamentos que envolvem poder e participação na esfera doméstica.

Saffioti (1995) afirma que as relações sociais de sexo ou as relações de gênero travam-se também no terreno do poder, no que é confirmado por Scott (1990), que, ao realizar pesquisa sobre as percepções masculinas relativas ao espaço doméstico, define as relações de gênero como ordenadas pela mesma lógica de todas as relações sociais: o poder. Esse autor supõe que ao homem estaria destinada uma condição de “patriarca em potencial”, o que, entretanto, não lhe é possível alcançar devido à impossibilidade de preencher o papel de provedor. Como se comportariam os

maridos das mulheres frente a perdas de autoridade dentro da família?

Percebe-se que a mulher, no espaço pesquisado, já assume a casa e o cuidado que ela envolve, assumindo cada vez mais o sustento econômico da família como um todo. Ela reclama da restrita participação do marido e, por vezes, tenta "largá-lo", porém, em alguns casos, a figura masculina está revestida de um "respeito necessário", principalmente frente à comunidade local. As mulheres dividem-se entre novos comportamentos, sobretudo fora do lar, e atitudes conservadoras, legitimadas pela tradição e pelo discurso religioso dentro do espaço privado. Os filhos são os responsáveis por essas mudanças e pelos atritos entre as gerações.

São mulheres, por outro lado, que ganharam a respeitabilidade dos filhos, da comunidade e da vizinhança mais próxima por serem capazes de enfrentar desafios comunitários, familiares e econômicos e situações graves dentro desses espaços¹¹.

As nove mulheres pesquisadas pertencem a um estrato social no qual o trabalho faz parte da vida, já que desde muito cedo trabalham até se autodenominando *eternas trabalhadeiras*. Os fragmentos captados da história de cada uma, revelam que o trabalho contribui para a construção de uma identidade social que

---

¹¹ Estudos defendem que o poder masculino nunca foi, de fato, absoluto, no que concordamos, visto que, sempre que puderam as mulheres manipularam e exerceram poderes em esferas como a religiosa, sexual, amorosa entre outras, ainda que de maneira desigual, mas detendo parcelas de poder. Todavia valores e comportamentos também perpassaram décadas e se perpetuam no modo de ser e agir de nossa cultura. Ainda educamos e cobramos do homem o papel de provedor e protetor da família, enquanto à mulher se reserva a função da reprodução e o trabalho doméstico. Apesar de não estar mais sustentando sozinho a família, o homem ainda carrega um poder simbólico que lhe permite impor sua vontade sobre os demais. A situação de pobreza, auxiliada pelo desenvolvimento capitalista fez com que a mulher saísse cada vez mais

as define enquanto sujeitos, e o fato *ser trabalhadeira* traz consigo qualidades morais, que subtraem a negatividade da palavra *pobre* ou *remediada*.

A moralidade nestas situações, é considerada numa perspectiva durkheimiana, isto é, nega qualquer "essência boa ou má, à ordenação moral que fazem os pobres do mundo social, mas busca compreender qual é a interpretação que os sujeitos envolvidos fazem de sua experiência de vida, expressa em normas e valores (Sarti, 1996:03).

Os valores morais, por vezes, fazem parte do mundo construído por elas, e as relações funcionam regidas por valores adquiridos, que causam sérios conflitos quando não cumpridos.

O valor da família é enfatizado na fala da maioria das mulheres as quais, ao migrarem para o espaço urbano, trouxeram também crenças, concepções e uma lógica camponesa de pensar e agir que tem como esteio principal a família. Essa é pensada como uma unidade de força de trabalho e de consumo centrada no casal e nos filhos, aos quais se podem agregar outros membros; porém, a sua unidade é essencial para a sobrevivência e manutenção do grupo (Woortmann, 1996). De acordo com Bilac (1989), A família é um grupo diferenciado internamente no trabalho e hierarquizado, onde o indivíduo está enraizado na família e a ela subordinado .

Esse modo de conceber o trabalho e a família é transplantada para o meio urbano, fazendo com que também no espaço urbano se tente conservar os mesmos costumes e valores. No entanto, não é só o aspecto econômico que conta nesta luta; a

---

da esfera privada para a esfera pública, porém o mesmo não aconteceu com o homem que, dominando o espaço público, não adentrou o espaço do privado para dividir tarefas com a mulher.

família é considerada um bem, um valor essencial, sendo reforçada por um discurso religioso muito forte, que se acentua na medida em que os grupos comunitários são locais também de práticas religiosas.

Há uma "obrigação moral" em relação ao grupo familiar; existem regras, lugares definidos, compromissos que se cumprem não sem conflitos, que implicam ganho ou na perda de respeito e autoridade. O processo de integração das migrantes ao mundo urbano acontece com novas relações de trabalho, vicinais, incorporando um sistema novo e complexo; porém, há um esforço de manter as relações tradicionais no âmbito familiar. E a lógica camponesa novamente surge, isto é, todos, anteriormente, trabalhavam para o sucesso da pequena propriedade agrícola; agora, todos devem também trabalhar para o sucesso econômico da família, colaborando com uma cota de sacrifício ou salário

O que nos importa, no momento, é perceber de que forma a nova realidade social auxilia na compreensão da identidade feminina que se redefine no meio urbano. E as mulheres são as grandes mediadoras no processo de mudança e preservação do rural para o urbano. Como essa mulher se organiza em termos de trabalho na dinâmica do mundo urbano? O que trouxe de avanços ou problemas para o grupo familiar? E, ainda, de que forma, os movimentos comunitários organizados por elas, sob a égide da Igreja, colaboram para visualizar melhor sua presença na família e na comunidade, para discutir seus problemas, possibilitando estabelecer uma relação e uma reflexão mais lúcida sobre a realidade em que vivem hoje e como enfrentam as condições desprivilegiadas de vida?

I. 2 - A pesquisa

O interesse em estudar *grupos comunitários* e mulheres trabalhadoras pobres, de origem rural, não é exclusivamente teórico. Advém, sobretudo, da minha própria experiência, como filha de migrantes rurais, e que vivendo boa parte de minha infância e adolescência, rodeada pelas mulheres da família, já que meu pai, avô e tios trabalhavam numa serraria vizinha de nossa cidade, voltando para casa somente no fim de semana. Mãe, avós, tias, primas, acompanharam meu crescimento e desenvolvimento, tornando-se presenças muito significativas na minha formação. Nesse conviver, sempre pude perceber relações de subordinação e também as táticas que elas criavam para realizarem as coisas a seu modo, sobrepujando, as relações de opressão.

Nos estudos de 1º e 2º grau, realizados em escolas religiosas, sempre estive envolvida, em trabalhos realizados nos bairros e vilas de periferias de cidades, nos quais somente mulheres apareciam para participar e cujas conversas e queixas me intrigaram. Minha própria condição de mulher, com certeza contribuiu para que eu sentisse de forma diferenciada essa problemática¹².

Com o decorrer do tempo, passei a perceber que a situação de marginalização da mulher não acontecia somente na minha casa, ou no bairro onde trabalhava, mas era uma realidade comum à grande maioria das mulheres. Embora o trabalho feminino fosse

---

¹² Por seu lado, o investigador não é um observador neutro, pois, independentemente da postura adotada, leva para a situação de pesquisa determinantes de classe, formação cultural, profissional, sexo e idade, todos esses elementos que influenciam na escolha do tema a ser investigado (Brioschi e Bueno Trigo, 1989).

indispensável, não era valorizado, donde surgiu o desejo de estudar o binômio: mulher e trabalho.

Minha preocupação centrou-se inicialmente nas mulheres inseridas no meio social; ao longo dos contatos, fui afunilando meu olhar para enxergá-la como uma trabalhadora que constroi sua trajetória de autonomia e independência financeira através dos grupos comunitários.

São nove as mulheres que participaram desta pesquisa, três de cada grupo comunitário estudado. Todas participam ativamente da vida comunitária, estão ou já estiveram ligadas a movimentos, associações, ou clubes de mães. Em razão, dessa experiência anterior, além de moradoras, são elementos atuantes na vida do bairro.

O primeiro contato com as mulheres deu-se através da apresentação, de uma líder comunitária, ex-candidata a vereadora pelo bairro, que acompanha a turma dos idosos do grupo Creati¹³. Fui apresentada por ela às mulheres do grupo São José, às quais expus meus objetivos de forma genérica e rápida. Noutra reunião geral, que compareci, encontravam-se as lideranças dos três grupos, quando, então, apresentei-me e novamente, expondo de forma sucinta o que desejava estudar, isto é, conhecer a vida do bairro, das mulheres em especial, suas atividades e trabalho junto à comunidade. Assim como na primeira vez, algumas mostraram-se, foram receptivas, outras reservadas e algumas, ainda, indiferentes. Com isso, a impressão inicial, que tive é de que pisava uma areia movediça, onde não sabia se iria afundar *dar com os burros n'água* como falam, ou se

---

¹³ Creati - associação recreativa para idosos.

iria encontrar *terra firme e fértil*. Preferi apostar na segunda hipótese.

O bairro não foi escolhido por acaso, já tendo sido motivo de pesquisas anteriores por suas características rurais. Além disso, várias moradoras que trabalham no centro da cidade como domésticas ou no comércio já eram minhas conhecidas, o que facilitaria minha inserção no bairro como pesquisadora.

Para conhecer as mulheres comecei a participar dos grupos comunitários, onde fui ganhando a confiança das mulheres que, pouco a pouco, passaram a me receber com simpatia e abrindo suas casas, contando suas histórias de vida e surpreendendo-me com suas opiniões e visões de mundo. Desse modo, deixei de me sentir totalmente estrangeira, passando gradativamente, a me integrar no seu mundo. Tenho consciência de que, embora houvesse um esforço de minha parte, para tornar-me parecida ou igual a elas, sendo reservada e modesta no meu modo de vestir, de falar, de comporta-me, às diferenças estavam sempre presentes. Elas também notavam isso, inclusive faziam observações e brincadeiras a respeito cobrando ajuda para a solução de problemas do bairro com os quais se encontravam envolvidas. Não poucas vezes, colaborei com rifas beneficentes, ou doando brindes; houve situações até que, ao me oferecerem rifas beneficentes diziam entre risos: *a senhora pode, tem que comprar muitos, não pode dizer não!*¹⁴ Todas as formas de *integração* para obter maior sucesso e aceitação, foram adotadas

---

¹⁴ “O processo de aproximação entre sujeito e objeto coloca em relação duas espécies de intencionalidade - a do sujeito que procura conhecer e a do “sujeito objeto do conhecimento”. Assim sendo, o investigador se depara, no processo de pesquisa, com um objeto que reage à sua presença, detém um saber que lhe é próprio decorrente de sua experiência de vida, capaz de atribuir significado às suas ações e ao seu discurso, expressando e articulando seus pensamentos à sua maneira. Essa é, justamente, a riqueza que se busca na coleta de relatos de vida (Brioschi e Bueno Trigo, 1989, p. 27)”.

para melhor conhecer a realidade ali vivida, a qual sem ajuda das mulheres, eu não conseguiria dominar apanhar/apreender.

No dia-a-dia, no contato com cerca de sessenta mulheres, algumas começaram a se aproximar mais, seja por simpatia, ou por curiosidade ou até com outros interesses. De qualquer forma, tirei proveito dessa aproximação para conhecê-las melhor e torná-las mediadoras dos meus interesses de pesquisa. Dos três grupos contatados, destacaram-se: Dona R. 55 anos, casada, migrante de descendência italiana, do grupo S. Sebastião; S. 39 anos, casada, migrante de descendência italiana, do grupo São José; e V. 35 anos, casada, origem afro-brasileira, do grupo Nossa Senhora Aparecida. essa a pessoa mais disposta a colaborar. Esses sujeitos fizeram a ponte necessária, apresentando-me as outras mulheres que circulavam nos grupos, ora chegando, ora saindo e, mesmo, aos moradores vizinhos. Nas caminhadas que fizemos pelo bairro, íamos cumprimentando um, falando com outro, parando na frente da casa de um terceiro, e elas seguiam fazendo considerações sobre as pessoas e sobre a infra-estrutura do bairro.

Depois de acompanhar várias reuniões, sugeri que as entrevistas fossem realizadas na casa de cada uma delas, o que foi aceito por poucas. Mais tarde compreendi o porquê, dessa rejeição: a saber as casas eram pequenas, os aposentos não ofereciam privacidade e, em algumas famílias, os maridos (desempregados) se encontravam em casa durante grande parte do dia. Além disso, comportamento e as respostas das mulheres não tinham a mesma espontaneidade no espaço do lar, sendo elas bem mais cautelosas. Noutras casas, notei a presença de idosos, de filhos, noras, enfim, pessoas que ficavam assistindo

às conversas ou opinando sutilmente. Como os temas tratados ligam-se às questões familiares, ficava, por vezes, difícil falar ou criticar aspectos da vida familiar com mais espontaneidade na presença de outros. A presença dos homens, em especial, impedia essas mulheres de se expressarem livremente. Também a proximidade dos vizinhos às vezes se tornava problemática, pois, sendo as casas muito próximas, é possível escutar as conversas alheias sem maior esforço. Então, o melhor ambiente para ouvi-las acabou sendo mesmo aquele das de reunião dos grupos comunitários, com todas as dificuldades "técnicas", barulho, várias pessoas falando juntas, crianças ao redor e, até, troca repentina de assunto, pela intervenção de uma terceira pessoa. Entretanto, a qualidade técnica foi deixada de lado em favor da liberdade de expressão e de maior espontaneidade das depoentes.

No decorrer do trabalho, passamos a viver uma troca baseada na curiosidade recíproca: eu voltada para o trabalho e cotidiano delas, e elas cada vez mais querendo saber sobre minha vida e trabalho. Por isso, hesito em chamar muitos depoimentos de entrevista, visto que foram obtidos em grande parte em conversas individuais e coletivas nos grupos, numa relação de amizade e interação de várias participantes no diálogo.

Foi interessante perceber como pesquisadora e pesquisadas falavam e escutavam, invertendo situações e perguntas, não poucas vezes me devolvendo a pergunta que fizera, sentindo-se à vontade e passando a compor comigo, o mesmo trabalho. Isso porém, implicou também momentos de tensão, criados por causa

de minha presença nas reuniões do grupo, e também por desacertos entre as próprias participantes.

Com o passar do tempo, contudo, e com as amizades mais solidificadas, fui perdendo a impressão de que era uma invasora, de que estava ali para colher os dados, analisá-los, digeri-lo e ir embora isso, em parte, é verdadeiro, mas penso que mais adiante, por uma questão ética e de responsabilidade, deverei dividir com elas o resultado final da pesquisa.

A cada reunião, surgia uma nova mulher se interessava por conhecer o trabalho; as conversas se dilatavam, assim como o número de participantes. Meu trabalho parecia ter um interesse coletivo, portanto, não era mais apenas "meu". Sob influência delas, eu conduzia e refazia as intenções do próprio trabalho, em vista dos muitos assuntos que, desordenadamente, elas falavam que pareciam todos ser importantes, por fazerem parte de suas vidas. Elas teciam seus panos e pareciam tecer junto situações acontecidas no ontem; de tal forma estavam preocupadas que iam costurando assuntos e impondo uma ordem própria às conversas, discutindo o que lhes era familiar e mostrando o que, para elas, tinha mais sentido e significado.

O gravador sempre permanecia ligado enquanto elas falavam. No final dos encontros, ou em suas casas, sempre queriam escutar o que fora gravado, ficando felizes em "escutar-se"; diziam se haviam gostado ou não, faziam críticas à sua própria fala, achando bonita ou engraçada sua voz, mas a reação unânime sempre foi de satisfação em "ouvir-se". Quando estavam em casa, chamavam o marido e os filhos para escutarem a gravação juntos; as crianças eram as primeiras a quererem também falar no gravador. Pedindo-me para tocá-lo e manipulá-lo

no momento da escuta. Era quase sempre uma briga, visto que se acotovelavam em frente ao pequeno aparelho disponível, de tal forma que muitas vezes precisei intervir. Quando me viam chegando, elas já vinham perguntando: *“Tia você trouxe a maquininha que guarda a voz da gente?”* As crianças têm a capacidade de nos seduzir, mas não poucas vezes dificultaram as conversas e o ritmo do trabalho, solicitando as mães a todo momento, revelando bem o que essas dizem: *“a gente não pode mais ficar sem eles, (pois) a casa fica triste e quieta, mas dão o maior trabalho”*.

Quando aconteciam as conversas em grupo ou não, estimulavam-se as narradoras, sugerindo os assuntos que mais me interessavam. O trabalho foi coletivo. Recuperar lembranças esquecidas, modos de viver, comportamentos, o *“antigamente e o hoje em dia”*, falar das dificuldades atuais, foram processos lentos, por vezes feliz, por vezes dolorido. Foram momentos que vivenciei, e que me transportaram para outra dimensão da vida dessas mulheres; fui cooptada, num bom sentido, e foi difícil não me deixar levar pela emoção e pelo paternalismo, especialmente quando ouvia suas histórias e passava a conhecer sua real situação de vida.

Recordo Velho (1981) quando diz que é fundamental que o pesquisador esteja consciente de que, a cada momento do processo de investigação, sua subjetividade está presente. Portanto, por mais que procure captar dados *“reais”* e *“objetivos”*, o resultado é uma interpretação, uma versão dos fatos que poderá ser confrontada com outras. Assim, os esforços não devem ser mobilizados no sentido de anular as *“interferências”* da subjetividade, mas, sim, de conhecer e saber lidar com elas. No

limite, seria possível dizer que o compromisso com o conhecimento objetivo não implica, necessariamente, anulação das crenças e das emoções do pesquisador.

As mulheres não têm *“trava na língua”*, como me afirmou uma delas; falam da vida pessoal, da vida dos políticos da Associação dos Moradores, fazendo críticas contundentes a todas as pessoas que não colaboram para melhoria do bairro. Zaluar, faz a seguinte constatação:

...Os pobres urbanos, descobri, como quaisquer seres humanos, pensam a respeito de suas condições de vida e dos inúmeros valores, normas, regras, significados com que costumam ser “educados” ou “formados” pelas inúmeras agências estatais e religiosas, bem como pelos meios de comunicação de massa (1985: 28).

Fiquei surpresa, muitas vezes, com minha visão preconceituosa em relação as moradoras, julgando que não realizavam reflexões tão profundas sobre sua realidade; e assim além de ouvi-las, obriguei-me a rever minha postura.

Ao tratarem de assuntos muito íntimos ou que pudessem comprometê-las, elas agiam com reserva, com meias-palavras, silêncios e olhares que precisam ser entendidos e interpretados. Além do fato de estarem diante de uma estranha, anos ou décadas de um educação repressora, quando aparentemente concordavam com tudo, fizeram-nas aprender a arte da prudência, da dissimulação, a serem *“matreiras”*. Assinar papéis de desconhecidos nem pensar, disse uma delas: *“... esse negócio de assina folha em branco, a gente não faz, foi minha mãe que me ensina isso, eu era mocinha, faz muito tempo, coisa escrita vira documento, a senhora sabe?”*. Esse comentário foi motivado pela

coleta de assinaturas de apoio a futuros projetos da prefeitura da cidade.

Ganhar a confiança das mulheres foi um processo lento, era preciso mostrar ser merecedora dessa confiança. Para ilustrar, vale a pena lembrar um episódio acontecido no grupo de mulheres da comunidade S. Sebastião. Numa determinada reunião, após uns três meses de contato com os grupos, fui convidada a prestar alguns esclarecimentos, o que me deixou momentaneamente surpresa e preocupada, não entendendo porque eles desejavam maiores explicações sobre meu trabalho e sobre minha pessoa, se já o tinha feito no início do trabalho. Ocorre que, as mulheres tinham se deixado levar, por comentários e pela desconfiança de uma das líderes, (dona R., 55 anos, casada, origem migrante italiana) que, inclusive, recomendaram-lhes que não fornecessem informações. Elas, então, passaram, a me questionar detalhadamente sobre a minha vida profissional e pessoal até se certificarem de que se tratava de *“pessoa séria e bem intencionada”* e não era nenhuma *“enviada”* de alguém ou de algum órgão oficial fiscalizador, com objetivos excusos. Perguntou-me uma senhora: *“você não é alguma polícia secreta querendo saber de nossa vida, é? Porque faz tanta pergunta”?*

Depois de ter sanado as suas dúvidas, e ter realizado o *“ritual de passagem”*, passei a receber um tratamento diferenciado e mais atencioso delas, e também das pessoas do bairro, porque rapidamente as informações se espalhavam e, como as referências eram positivas, foi como receber um cartão de entrada franca. Notei a partir de então, a atenção e receptividade de outras pessoas do local, com as quais não tinha tanta proximidade.

Por outro lado, a intensa convivência, no tempo /período de desenvolvimento do trabalho criou momentos de profunda amizade, respeito, solidariedade, de tal maneira que eu, sentia falta quando não podia participar de todas as reuniões, e elas também cobravam minha ausência. Dia a dia ocorriam pequenas mudanças no tratamento pessoal, como por exemplo, agora eu era chamada de “Betinha” num tom carinhoso. Mas, com a amizade também vinham cobranças sutis. Era convidada a redigir pequenos textos para as campanhas por elas organizadas: “(...) *já que a senhora gosta tanto de escrever, então podia fazer pra nós...*”. Ser professora, do ponto de vista delas, significa estar numa posição mais elevada em termos de conhecimento, porém, significa também poder ser cobrada “*por saber mais*”. Por isso, eu deveria ajudar em determinadas tarefas, dar respostas e auxiliar sem ter o direito de dizer não. Às vezes, surgiam solicitações, como por exemplo: ser porta-voz dos seus pedidos nas reuniões gerais mensais perante os coordenadores da Cáritas e do pároco, para colocar uma posição da qual discordavam, mas tinham pouca coragem de falar. Sempre conduzi a conversa me negando cortesmente, de tal forma que percebessem a importância da palavra delas e de que não necessitavam de porta-voz¹⁵.

---

¹⁵ Zaluar (1989) nos relata com muita propriedade experiências semelhantes por ela vividas no bairro Cidade de Deus. Diz que somos presas de “armadilhas clientelísticas”, porém como negar um pedido que vem acompanhado da certeza de sua resposta? Há momentos em que não há como dizer não, afinal estamos “trocando” com nossos pesquisados. De outro lado, não podemos nem devemos assumir “paternalisticamente seus problemas”, como se não fossem capazes de resolvê-los.

1. 3 - A definição dos temas da pesquisa

No desenvolver das conversas com as moradoras nos grupos comunitários, eu buscava rastrear o universo cultural dessas mulheres, porém passei a perceber que os diálogos tinham na maioria das vezes como pano de fundo o “trabalho”. Fui alertada para isso pela forma como algumas delas se identificavam *“aqui todo mundo é trabalhadeira, sempre trabalhamos,”* de tal maneira que a categoria “trabalho” se afirmava cada vez mais como importante, atravessando todas as histórias que ouvia. Porém, tratava-se de uma categoria ampla e complexa. Como delimitá-la ou como isolar um aspecto, se ela envolve toda a vida das mulheres? (V. 35 anos, casada, afro-brasileira, oito filhos), nos advertiu com a seguinte colocação:

“...se nasce nessa nossa situação, a gente vai tê que vive lutando pra melhorá ou pra não piorá, então não tem, já nasce trabalhadeira... mas é melhor assim, que vivê que nem muitos, vagabundiando por aí, fazendo besteira...”

Se, por um lado, trabalhar fora do lar significa ser explorada, por outro, ser pobre e preguiçoso é um defeito grave e, que dentro dos valores morais que cultivam, é inconcebível. As mulheres vivem relações complexas com a realidade e, mesmo que sejam oriundas da mesma origem rural, vivem e passaram por experiências de vida e trabalho diferentes.

Tratei, inicialmente, as componentes dos grupos, como se fossem um todo assemelhado, como um conjunto homogêneo. Notei que a impressão e imagem primeira, que tivera estavam equivocadas e, aos poucos, fui remodelando e organizando

minhas visões a respeito das entrevistadas. Aparentemente com falas fragmentadas, elas possuíam, uma seqüência lógica, costurando apreciações sobre trabalho, recontando e enfatizando alguns temas de interesse de todas, como família, filhos, educação, saúde, moradia, alimentação e o bairro, entre todos esses. As mulheres criaram, assim, uma hierarquia de temas que são recorrentes em todos os depoimentos e que representam um conjunto importante e significativo para elas e para a pesquisadora¹⁶.

Acredito que, pelo fato de serem em sua maioria migrantes e e terem tido experiência de vida no meio rural, em famílias constituídas segundo o modelo de cultura camponesa, fazem constantemente comparações entre o "passado e o presente"; é quase um "antes e um depois" que lhes permite refletir sobre sua realidade urbana atual. Outro aspecto relevante são as diferenças que enriquecem o diálogo, porque são mulheres jovens, maduras e idosas, com condições econômicas, necessidades e trajetória ligeiramente diferentes, mas com um ponto comum: todas provenientes de famílias pobres e com experiência no meio rural.

A forma como viveram essas situações é singular em cada uma, e a individualidade das narradoras transparece fortemente nos relatos, conforme vão enfatizando um ou outro tema. Dona S. (67 anos, viúva, origem migrante de descendência italiana, aposentada, artesã), por exemplo, ordena sua vida e sobrevivência a partir de dois momentos significativos para ela: o primeiro, e o segundo casamento. O trabalho aparece na narrativa, e não deixa de ter importância, mas não é o fio

---

¹⁶ Roteiro reelaborado a partir dos contatos feitos com as informantes.

condutor da sua fala. O relato se constrói tomando como referenciais seus dois casamentos, o parto difícil que sofreu do primeiro filho e a luta para criar e cuidar do segundo filho, excepcional. Dona I. (40 anos, casada, migrante de descendência italiana, bordadeira), quando fala da família, enfatiza a morte da mãe durante um parto quando ainda era criança, a perda de um filho pequeno, pela falta de assistência médica e a luta atual para enfrentar o problema do alcoolismo do marido. Também aí o trabalho está presente embora indiretamente. Já, o relato de Dona R. (55 anos, casada, migrante italiana, confeitadeira) é o próprio retrato de uma vida de trabalho em todos os sentidos. Desde criança assumiu a casa e até hoje é responsável pela manutenção da família. A morte de um filho jovem recentemente também trouxe à tona um sentimento de profunda dor e incompreensão. Em meio a tudo isso, porém, ainda busca esperança e a alegria.

Parte de suas histórias foram por mim registradas, ora nas conversas acontecidas nos salões da comunidade, ora nas suas casas; outros detalhes foram apanhados informalmente, em situações inesperadas, como, por exemplo, num encontro dentro do ônibus, na rua, na missa. Tudo era por mim anotado e embora parecesse no momento não ter conexão com o trabalho, era registrado.

Reorganizei os temas de acordo com o nível de importância e preocupação das mulheres. Às vezes, me perguntei em que tempo das narrativas me fixei mais o que, não sei exatamente definir, porque na verdade as mulheres falavam nos dois tempos: passado e presente. Mello, nos ajuda a compreender o porquê de, ao passar para o papel as falas tão ricas em expressões, tons,

ênfases, exclamações, indignação, alegria, o registro parece tão frio e sem vida, perde muito de sua qualidade. Diz ela:

“...quando se trata de vidas humanas, a pesquisa é um recorte penoso na matéria viva, porque a vida das mulheres não está contida nas fitas do gravador, nem aprisionada nas palavras escuras e secas que compõem nosso trabalho”. Portanto, há uma perda constante que é necessária registrar. Do momento vivo em que as histórias estão sendo gravadas, dos gestos, das expressões, para a fita ouvida no gravador, quando apenas tonalidades, e inflexões da voz são retidas. Na passagem da fita para o papel também esse aspecto se perde. O conjunto só pode ser reconstruído pela sensibilidade do leitor” (Mello. 1988: 24).

A reformulação temática a partir da realidade do bairro e da vida das informantes¹⁷.

---

¹⁷ O diário de campo e a observação participante compensam em parte a perda da transcrição e contribuem para a riqueza da interpretação que o pesquisador elabora.

I. 4 - As falas

Os depoimentos ou conversas são, muitas vezes, fragmentados, porém, não são histórias lineares ou simplesmente pitorescas; são pedaços do dia-a-dia, relações muito concretas com pessoas e espaços, objetos do cotidiano, mesmo quando elaboradas pela recordação. Há um modo peculiar de contar os fatos empregado pelas informantes. São narrações feitas com muito envolvimento afetivo, retratando o lugar que ocupam na sociedade, de tal maneira que as situações retratam o processo de migração e a adaptação às novas condições de vida urbana. Dialogam e falam de pessoas queridas, como se estivessem presentes; em alguns diálogos, reconstroem também a fala do outro:

“...eu disse pro F.(marido), que nós precisamos arrumá essa Kombis, é um dos nossos objetivos esse ano, ainda mais com essas leis de trânsito. Por causa disso não podemos carregá todas as crianças, ela tá meio velha. Sabe guria, tu não imagina o que aconteceu: como não podia carrega todas as criança na Kombis, são oito, e tudo, ficaram em casa. E eu e o F.(marido) fomos levá o presentinho de aniversário do meu sogro, porque se leva só dois, três (criança) os outros ficam chorando. Eu recomendei que os maior, cuidasse os menor, eles são quatro pequeno e quatro grande, mas são bonzinho, artero normal de criança, quando é pra obedece, eles obedece. Aí, nós tava lá na casa do sogro e da sogra, sentado embaixo de umas árvores tomando chimarrão, quando chegô a vizinha correndo, afobada e nervosa dizendo que tinha acontecido um problema com um dos

meninos. Saímos correndo, chegamos em casa, pegamos ele e foi o que deu prá chegá no hospital. Ele botô a mão, assim na porta, e o outro veio de lá correndo e empurrô, corto o dedinho. Enquanto o médico costurava o menino, começô a fazê um sermão de duas horas prá nós, e eu já tava me sentindo mal com aquilo, e ele dizia: Eu não sei onde está a responsabilidade desses pais que saem e deixam os filhos por aí, é uma falta de consciência, depois a gente é que tem que se virá aqui”, e foi e foi...Então, eu resolvi de responder, e disse: Olha!, moço, o senhor não me conhece, e não sabe tudo que eu faço pra não falta nada pra meus filho, o senhor não sabe como eu e meu marido cuidamos deles, deu o acauso da gente saí e acontecê isso. Não é porque o senhor é médico que o senhor pode dizê o que senhor quisé... ele fez uma cara séria e foi embora, e deixô a enfermeira terminando o curativo. Eu fiquei gelada, nunca pensei ter essa coragem...” V.(35 anos, casada, origem afro-brasileira, microempresária) conta a situação e introduz o diálogo, tornando a cena viva, para que eu possa imaginar o acontecido e perceber a atitude de abuso de poder do médico, que vai além da sua função, passando a repreender os pais. V. se sentiu humilhada, porém satisfeita ao perceber que foi capaz de realizar sua defesa, ao dizer ao médico que o seu dever é simplesmente curar: “não é porque somos pobres, que ele tem o direito de chamar nossa atenção”.

Essas situações freqüentes e aparentemente corriqueiras ou banais, são, de fato, para elas, muito significativas, e de tal forma que seus relatos lhes imprimem sentido, percepções, introduzindo diálogos, personagens e acentuando a fala de um ou de outro, dando, assim, mais dramaticidade a algumas situações ou pessoas, refletindo sua afetividade e emoção. Ao revivê-las,

acrescentam a fala dos outros participantes de forma a torná-los novamente reais, revivendo o real; em oposição às vezes, decidem não relatar determinadas situações de suas vidas, porque as consideram muito doloridas. E é preciso respeitar a opção, não insistindo no assunto ou aguardando um momento mais adequado para isso.

Exemplo dessa situação, foi vivida com N. (42 anos, casada, migrante de descendência italiana, dona de casa) uma das participantes do grupo São José, numa visita que fiz à sua casa com intenção de conhecê-la melhor. Para começar a conversa, elogiei sua casa e os móveis, tendo ela respondido que fora difícil chegar até ali:

“...minha gente não sabe a metade do que eu passei, sofri. Minha mãe morreu e não ficô sabendo de nada, é melhor. E depois não é, a gente vai lembrando o que passô do bom e o que passô do ruim, tanto que agora, eu vô no psiquiatra. Eu fui lá (ao médico), ele marcô dia 20 pra mim voltá, porque eu tomo aquele remédio faixa preta. O psiquiatra do INSS, esse mês já preencheu tudo, é só mês que vem, mas eu mês que vem vou caí fora, eu não vou, e daí, ele conversô comigo. Eu disse: Olha, dottor!, o senhor qué que eu lhe diga uma coisa, eu tenho meus motivo, vou só dá uma adiantadinha, e não me faça mais pergunta que eu não vou respondê, depois que eu digo que não vou respondê, não respondo mesmo, por isso os outros médicos me mandaram pra você, mas eu não respondo mesmo...não tem perigo, porque, eu passa pelo que eu já passei duas vezes, eu tenho meus motivos, então ele disse: “Ah! então a senhora tem seus motivos?” Eu respondi eu tenho. Daí, já comecei que eu perdi uma irmã que eu não cheguei a conhecê, perdi meu pai....e não venho mais e

ninguém vai me obrigá a fala, nem um médico me obrigô até agora, não vou...". N aumentou o tom de voz e tornou-se de um momento para o outro visivelmente nervosa. Nesse momento, entrou no ambiente S. (39 anos, casada, origem migrante italiana, dona de casa) que é vizinha de N; aos poucos, ela foi se acalmando e a conversa ficou mais descontraída e tranqüila tomando outro rumo.

Nessa situação como continuar a entrevista se, antecipadamente, ouvi a afirmação taxativa de que não queria recordar situações que a deixavam deprimida? Pensei que, por uma questão de bom senso, ética, não deveria reiniciar as perguntas, e a presença da vizinha S. (39 anos, casada, origem migrante italiana, dona de casa) foi fundamental, pois, com sua chegada, resolvi uma situação que não sabia de imediato como contornar. S. contava ansiosa como estava esperando a chegada da primeira netinha, dos preparativos para o nascimento, que esses são geralmente bem-vindos, e enfim, um assunto que sempre é tratado com alegria. Optei, então, por realizar uma entrevista formal, mas uma conversa descontraída sobre vários assuntos e, na medida do possível, conduzi a conversa para as questões que eram de meu interesse, de tal forma que N. acabou falando de sua história com mais tranqüilidade e espontaneidade, tocando nos aspectos que me interessavam naquele momento, sem maiores envolvimentos emocionais. As entrevistas conjuntas, às vezes, pareciam caóticas, justamente porque havia intervenções de outros não esperadas, porém trouxeram a riqueza de novas informações, não esperadas, e cuja a memória das informantes detonava no processo de rememorar outro fato.

Outro aspecto importante a considerar nas falas das mulheres é sua linguagem. Elas falam na linguagem popular, como ouvem falar ao seu redor mesmo tendo a maioria 1º grau completo e duas informantes, 2º grau. Das nove mulheres, somente S.(67 anos, viúva, migrante de descendência italiana), a mais idosa, fala ou procura falar com mais correção, usando de palavras pouco comuns no vocabulário das demais. Para a grande maioria e segundo, o falar popular da região, o arremate final dos erres e esses é suprimido, praticamente inexistindo no uso diário da linguagem. O fato da minha presença no grupo não alterou em nada seu modo de falar; elas falavam alto, gesticulavam bastante, davam risadas sonoras, sem se preocupar com as outras pessoas ou o ambiente. Durante as andanças conjuntas pelo bairro, gritavam para as vizinhas, acenavam com entusiasmo, conservando grande liberdade de expressão, em oposição à forma recatada da classe média ou alta. Os espaços sociais que freqüentam parecem ser “seus”, por isso, se mostram soltas e livres.

O sotaque é carregado e variado, segundo as suas origens étnicas italianas, alemã, cabocla apresentando expressões típicas. Muitos “causos” são contados com prazer e não envolvem só desalento. Recordar também permite uma releitura e uma nova avaliação do fato passado, com a visão que o presente permite elaborar, geralmente sendo visto sob um aspecto muitas vezes positivo. Além disso, as mulheres passam a se dar conta da importância da sua atuação, quase sempre como mediadoras em

momentos decisivos ou situações adversas envolvendo a família ou o grupo de vizinhança¹⁸.

---

¹⁸ Quando querem, sabem ser irônicas e irreverentes; sabem, ao mesmo tempo, respeitar e “dar-se o respeito”. A rua lhes pertence, ela ressoa com passos e vozes; conhecem e andam por todos os cantos do bairro.

I. 5 - As mulheres

"...a gente que se oriente porque se quisé acompanha tem que corrê" E.(42 anos, professora primária)

Do grupo de nove mulheres, oito vieram de áreas rurais, algumas de famílias de pequenos proprietários rurais; outras mais pobres, sem condições de comprar terra, trabalharam junto com o grupo familiar como agregados ou arrendatários. Uma única, (V. 35 anos, casada, origem afro-brasileira, líder no grupo N.S.Aparecida) nasceu no próprio bairro, o qual de certa forma, há mais ou menos trinta anos atrás, apresentava-se mais como um meio rural do que meio urbano. Essa traz consigo fortes lembranças da experiência de vida na família do marido, que era formada por trabalhadores rurais vivendo como agregados de fazendeiros. Ela é das informantes a mais jovem, com 35 anos de idade, e S. a mais idosa, com 67 anos.

As mulheres entrevistadas têm de dois a oito filhos, e todas enfatizam a necessidade de reduzir o número de filhos, devido às grandes dificuldades econômicas para criá-los e educá-los. Essa afirmação revela uma influência externa e a possibilidade de realizarem o controle de natalidade. Revelam em suas conversas que o método mais usado de anticoncepção é a pílula; a camisinha é usada, mas muitas vezes enfrentando resistências dos maridos. Elas tem medo de contrair Aids, porque não confiam totalmente nos companheiros, e, nesse campo, o diálogo do casal fica difícil e reduzido.

Todas são casadas dentro dos moldes tradicionais, isto é, pela Igreja Católica e pelo registro civil. O tempo mínimo de residência no bairro é de dez anos e o máximo, de trinta anos. O nível de instrução é muito baixo, sendo que quase todas tem apenas o primeiro grau completo; somente duas V. (35 anos, casada, origem afro-brasileira, microempresária) e E. (42 anos, separada, origem luso-brasileira, professora primária) têm o 2º grau concluído, a primeira em contabilidade e a segunda na área magistério. Todas trabalharam “pra fora” em algum período de suas vidas, e referem que *“profissão que a gente não larga é a de dona de casa”*.

No momento, realizam as seguintes atividades: R. (55 anos, casada, migrante de descendência italiana) é padeira, confeitadeira, e arrimo de família; I. (40 anos, casada, migrante de descendência italiana) é bordadeira e com seu trabalho completa o orçamento doméstico; S. (67 anos, viúva, aposentada, migrante de descendência italiana) é artesã, faz bonecas de pano para vender e complementar a aposentadoria de r\$130,00 reais com a qual sustenta o filho deficiente; S. (39 anos, casada, migrante de descendência italiana) é dona de casa e faz eventualmente tricô, bordados para fora; N. (42 anos, casada, migrante de descendência italiana) é dona de casa (no momento), já trabalhou de doméstica e lavadeira; D. (46 anos, casada, origem luso-brasileira, comerciante) é dona de casa e está organizando uma nova lojinha em sua casa; V. (35 anos, casada, origem afro-brasileira), quando realizei os primeiros contatos era auxiliar de limpeza, agora trabalha em casa e na pequena fábrica de palanques (mourões) de concreto e telas de arame, que montou nos fundos de casa; autodenominando-se micro empresária. E. (42 anos, separada, luso-brasileira) é professora primária e no

outro turno trabalha num pequeno bar/armazém que o filho mais velho montou; L. (38 anos, casada, origem migrante de descendência italiana) é dona de casa e também empregada doméstica.

Elas se apresentam:

“Me chamo D., (risos), meu marido é o N. a maioria conhece, ele é brigadiano, tenho três filhos e se eu fosse me apresenta assim, dizê da minha vida, eu ia dizê que sô muito contente com minha vida porque eu venci muita coisa. Quando olho pra trás a gente enxerga, a gente vê que seguro a família, porque o N. ele é muito calmo, por ele caía a casa e tava tudo bem, hoje tô contente. Eu vim lá dos interior de Clemente Argolo, hoje é distrito de Lagoa Vermelha, não tinha nada hoje já fiz muita coisa.”

“Eu sô eu (risos) assim como vocês me conhecem, me chamo S., mas tem quem me chame de B. (apelido), meu marido é o J., tenho duas filha, e sô a avó mais nova e coruja do bairro (risos), aqui não tem lugar melhor no mundo. A gente ajuda levá o grupo porque pensa no bairro, nos que precisamos ajudá quem vem vindo e tem menos que a gente. Nasci em Forquilha, e tô aqui.”

“N. é meu nome, tenho quatro filho, meu marido é construtor de estrada, tudo conhece é o A. todo mundo se conhece, vim de Forquilha (pequeno distrito), a gente é meio parente com outras mulhê aqui da sala, se fêz meio junto, tenho quatro filhos, uma adotiva.”

“Olha! eu vim de Mato Castelhana, sô E. me criei lá, a gente não esquece, principalmente tive dois filho rapaz, separei faz tempo, agora tô viúva porque ele morreu e não fizemos os papéis no juiz, tô criando uma neta. Esse é um lugar especial de vim, aqui pra mim é uma hora sagrada, se ajudamo e ajudamo os outros”.

“Eu me chamo I. B., tenho dois filho, meu marido é o E. B., sô quieta de natureza, mas observadera (risos), sempre fui assim, bordadeira, sempre trabalhando, gosto muito do pessoal vim de Ernestina, minha vida todo mundo conhece ”.

“Me conhecem por “Dona Flor e seus dois maridos” (risos), bem que eu queria, porque tive dois maridos, me chamo S. conhecida de todos da comunidade, sou viúva, tenho dois filhos de sangue e um adotivo, do primeiro marido, do segundo não tivemos filhos por causa da idade. Já fiz de tudo na vida, agora estou aposentada, vim de Ciriaco e graças ao bom Deus, vivo bem, com simplicidade, mesmo sendo a mais velha tô sempre disposta e participando de tudo, as mulher aí sabem disso”.

“Meu nome é R., sou confeitadeira, padeira, não tem quem não prove dos meus pão, então, a gente vai ficando mais conhecida, tendo comércio, tenho cinco filhos, um falecido de pouco, vocês sabem. Eu saí de Mato Castelhana, tivemos que vim, porque meu marido fico parálítico, a gente vive lutando, como diz o ditado “não podemo se entregá...” (risos), tenho minha nora que também vive comigo e me ajuda e a S., minha irmã, a mulherada lá tomo conta (risos)”

“Sou V. Aqui no grupo e no bairro todo mundo me conhece e conhece minha vida. Tenho oito filhos, meu marido é motorista de ônibus, trabalho muito, mas acho que a gente tem que tê na vida um objetivo que é ajudá quem precisa, não é só os nosso, porque atrás tem gente precisando mais, por isso sempre fui preocupada com a nossa comunidade e criei o grupo...”

Todo mundo me chama de L., vim do interior, tenho quatro filhos, meu marido é o V., eu sempre pensei que duas cabeça pensa e faz mais que uma, então a gente taí, apostando nisso, eu sô feliz de tê caído aqui pra vivê... a gente que se orienta porque se quisé acompanha tem que corrê...”

I. 6 - Os grupos comunitários

“ Quando a mulhererada se reúne e começa a falar e que nem colocá fogo em capim ...S.(39 anos, dona de casa)”

A intenção da pesquisa de investigar mulheres migrantes e seu cotidiano de trabalho na periferia urbana, aos poucos, foi se redefinindo de tal forma que percebi que era impossível analisar a vida das mulheres sem me deter também nos grupos comunitários. É nesse espaço que elas se revelam, eles são o ponto alto da sociabilidade feminina no bairro, sendo espaços femininos legitimados na comunidade. Considerei necessário buscar as raízes dos grupos comunitários, a respeito de como e quando surgiram, por que, por quem e com que objetivos se organizaram.

Estudos, como os de Frei Beto (1978), Alves (1979), Souza (1979), indicam que essas experiências tiveram seu nascedouro nos movimentos populares iniciados em 1960 e são por assim dizer herança dos CEBS - Comunidade Eclesiais de Base a expressão mais marcante do movimento de renovação da Igreja Católica e da Teologia da Libertação. Trata-se de uma experiência em nível local, centrada na "opção preferencial pelos pobres", que passa a contar com a participação ativa das mulheres das camadas populares, já integrantes majoritárias das paróquias, embora sem terem ocupado até então postos de decisão na vida paroquial.

Mais tarde, especialmente na década de 1980, essa experiência deu origem a um conjunto de reflexões, da qual as mulheres passaram a fazer parte como agentes de pastoral. Foi esse processo de mobilização das mulheres nas comunidades e a incorporação da Teologia da Libertação que propiciou a entrada efetiva da mulher como sujeito e objeto da reflexão teológica institucionalizada, uma área tradicionalmente masculina. A partir daí, percebe-se uma participação diferencial das mulheres nesses novos movimentos populares e no contexto das CEBS, pois elas passaram a ser valorizadas a partir de seu cotidiano e de sua experiência de vida como "mulher pobre" (Rohden, 1996).

A Igreja ao expressar, na década de 1960, a opção pelos pobres, em defesa dos que sofrem opressão e dor, articulou uma prática que se materializou nos trabalhos de base na periferia. Propôs a igualdade entre os cristãos ao mesmo tempo "promovendo" a participação da mulher na vida comunitária (Alves, 1979). É através de uma pseudo igualdade pregada pela

igreja que a mulher encontra um espaço de participação nas paróquias.

Uma das líderes da Cáritas, instituição ligada à Igreja e que apoia os grupos comunitários, confirma que os três grupos surgiram a partir da iniciativa, capacidade de organização e persistência das mulheres, porém apoiadas também economicamente pela Cáritas e com orientação de cursos que visavam formar lideranças. De certa forma os grupos tem essa primeira raiz e o impulso inicial da Igreja católica.

Os grupos em estudo estão todos ligados à paróquia e devido à extensão física do bairro, ele é dividido em comunidades e funcionam da seguinte maneira: são três, o grupo São José e o de Nossa Senhora Aparecida funcionam utilizando o salão contíguo da Igreja paroquial para se reunir, já o grupo São Sebastião passou por um processo de conquista do seu terreno junto à prefeitura, realizando mutirões para construir o atual salão de reuniões.

As reuniões são semanais em cada grupo, ocorrendo também algumas mensais, com todas as lideranças, para realização de um balanço das atividades e dos projetos em andamento. Cada grupo tem autonomia para discutir e escolher que tipo de trabalho ou curso, ou projeto a desenvolver.

“...eu não conhecia ninguém, o que eu conheci de gente, fiz de amizade, é o momento que se reza, canta, costura, fala com as vizinha e de ajudá as pessoa porque é esse o maior objetivo...”
S. (39 anos, casada, migrante de descendência italiana, dona de casa).

“...sempre vô, não falto, sempre tem o que fazê em casa, mas eu vô lá prá reza, conversa, distraí,. tu sai aquela hora, renova, só em casa, dá um esse tal estres, eu falo canceira, mas tem que saí um pouco...” N. (42 anos, casada, migrante de descendência italiana, do lar).

Essas falas fazem pensar na importância do relacionamento social e, talvez, seja esse um dos possíveis sentidos desses grupos “ conversar, dialogar, escutar e ser ouvida, ajudar”. Falar e não ser ouvida é uma reclamação antiga das mulheres¹⁹.

Como se percebe pelos depoimentos, esse espaço é fundamental para realizar a aproximação das moradoras, escolhi participar das reuniões semanais e de suas atividades religiosas e comemorativas. Seria uma forma de entrosamento e, talvez, de atingir o objetivo de conhecer as mulheres e, ao mesmo tempo, tentar decifrar o significado e o sentido dos grupos criados e mantidos há tantos anos no bairro.

Conforme depoimentos das próprias mulheres, os grupos têm como objetivos principais o “serviço fraterno, a caridade e a auto-ajuda”. Num primeiro olhar, diríamos que não passam de locais onde se realizam atividades atribuídas milenarmente às mulheres, como costurar, bordar, rezar, pintar, curar, atender os filhos. Mas a curiosidade se aguça quando lá também se encontram com seus “causos” a benzedeira, a rezadeira, as lideranças femininas da Associação de Bairro (que já não é mais

---

¹⁹ As mulheres são, muitas vezes, acusadas de “faladeiras” pelos homens; de fato, são faladeiras, mas num sentido positivo do termo, ou seja, basta deixar vir à tona uma onda de lembranças para que elas comecem a falar; ao contrário, os homens são mais calados e sérios. Perrot (1992, p. 207) coloca o seguinte: “ o homem habituou-se demais a impor silêncio às mulheres, a rebaixar suas conversas ao nível da tagarelice, porque elas falam muito e com grande espontaneidade”.

só encabeçada pelos homens), mulheres que são arrimo de suas famílias, (doceiras, domésticas), avós e futuras mães, desde as mais tradicionais até as mais liberais, tanto mulheres separadas quanto viúvas ou casadas. Enfim, mulheres com muitas histórias, opinando e divergindo em muitos assuntos, mas, como uma delas nos disse, “não ficamos quietas nem de braços cruzados”. Uma vez por semana, em pequenos salões com piso de cimento, sem nenhuma infra-estrutura, vinte, trinta e, às vezes, até cinquenta mulheres e suas crianças inquietas têm encontro marcado.

Passados meses, lá estão elas com o mesmo entusiasmo, a mesma agulha, o mesmo emaranhado de linhas, pincéis, tintas... e muito assunto. Fazem e recomeçam, a mesma peça, o mesmo chinelo ou paninho de prato, a mesma reza. Depois de algumas sessões de observação, pensei: parecem penélopes²⁰ incansáveis, que não estão pacificamente, a espera de nenhum ulisses, mas discutindo sobre os feitos do dia-a-dia que envolvem os “seus ulisses”. O cotidiano da mulher pobre²¹ é contado entre panos e linhas, histórias pessoais e da comunidade correm por ali sem embaraço.

---

²⁰ Penélope e Ulisses são personagens da mitologia grega e do poema *Odisséia*, de Homero. Penélope, junto com o grupo de outras mulheres que também esperavam seus “guerreiros ausentes”, durante os vinte anos em que o marido Ulisses viajava sem dar notícias, foi muito admirada pelos homens que com ela queriam se casar. Penélope prometeu escolher um deles assim que acabasse de tecer o pano. Para que isso jamais acontecesse, Penélope desmanchava de noite o trabalho que executava de dia. Não sei se essa metáfora pode ser válida, porém não posso deixar de lembrá-la e quis registrar essa idéia. Quando faço essa analogia, não estou imaginando que essas mulheres estejam à espera de um Ulisses, mas fazendo e desfazendo seus bordados, como que buscando algo, que não decifrei; talvez num gesto simbólico, busquem compreender o social e o seu entorno.

²¹ Na visão sociológica sobre os pobres, sobretudo a partir da década de 1960, prevaleceu a tendência a defini-los por uma negatividade, como o avesso do que deveria ser, perspectiva que marcou significativamente a literatura. Nesse sentido, o resultado acaba sendo uma desatenção para a vida social e simbólica dos pobres e para o que ela representa de positividade concreta (Sarti, 1996). O trabalho de Antônio Cândido sobre *Parceiros do Rio Bonito* publicado em 1964, mostra uma perspectiva de análise do pobre como uma dimensão positiva.

Assim sendo, o grupo é o (espaço) criado e dominado pelas mulheres, contribuindo para a formação de um coletivo que supõe interação e solidariedade. É voltado para “dentro” para as necessidades das mulheres e é, ao mesmo tempo, voltado para “fora”, pois, a medida que cria um espaço coletivo, constrói uma idéia de direitos e de reconhecimento do espírito de coletividade. Dessa maneira, o grupo é capaz de, com sua dinâmica, articular a esfera privada e a esfera pública, elaborando formas alternativas de ação que orientam as práticas cotidianas.

E possível notar que as mulheres, no dia-a-dia, fazem uso de dois procedimentos distintos para atingir em seus objetivos: as “estratégias”²², aplicadas no plano coletivo do grupo e as “táticas”²³ utilizadas no plano individual e familiar. A distinção fundamental entre ambas é que a *tática* é determinada pela ausência de poder, ao contrário da *estratégia* que é organizada pelo postulado de um poder (De Certeau, 1994: 99).

Nos grupos comunitários, as mulheres sentem-se fortalecidas e imbuídas de poder, porque, como indivíduos, isoladas, não conseguem realizar sua luta, assim “se juntam e fermentam”, tiram

---

²² “A estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito como “algo próprio” e ser a base de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos...a estratégia são portanto ações calculadas que acontecem a partir de um lugar de poder...Permite capitalizar vantagens conquistadas, preparar expansões futuras e obter assim para si uma independência em relação à variabilidade das circunstâncias. É um domínio do tempo pela fundação de um lugar autônomo (De Certeau, 1994)”.

²³ “Diferentemente de estratégia, a tática “aproveita as “ocasiões” e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas, o que ela ganha não se conserva. Este não-lugar lhe permite sem dúvida mobilidade, mas numa docilidade aos azares do tempo, para captar no vôo as possibilidades oferecidas por um instante. Tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário. Aí vai caçar. cria ali surpresas. Consegue estar onde ninguém espera. É astúcia” (De Certeau, 1994, p. 100-101). A prática das mulheres sempre foi envolvida pela astúcia, dado que lhe foi imposta uma condição de inferioridade tanto na esfera pública quanto na privada; então, para sobreviver a essa situação, elas sempre usaram de sutilezas e subterfúgios.

da aparente fraqueza, a força para fazerem a luta cotidiana, já que no âmbito público se sentem subjugadas e em posição desfavorável. Então, o grupo oferece as possibilidades para se criar em *estratégias* que venham a atender as necessidades mais imediatas das participantes, quer econômicas, quer proporcionando apoio no que diz respeito as relações humanas. Foi, por exemplo através do grupo que R. (55 anos, casada, migrante de descendência italiana) conseguiu montar a padaria que hoje serve de sustento para todo o grupo familiar. Os cursos de artesanato, por sua vez ajudaram S. (67 anos, viúva, migrante de descendência italiana), a aperfeiçoar seus trabalhos de forma a poder comercializá-los. O material que usa na confecção das bonecas em parte é doado pelo grupo. I. (40 anos, casada, migrante de descendência italiana) aprendeu técnicas mais sofisticadas de bordado na máquina doada pela Cáritas ao grupo, e atualmente borda para fora "*não venço o serviço*", em retribuição ensina as mulheres que desejam aprender a bordar L. (38 anos, casada, migrante de descendência italiana), põe em prática as aulas de manicure nos fins de semana na casa das vizinhas, depois de ter organizado o curso no grupo. Assim seguem vários outros exemplos.

Aos poucos, as participantes dos grupos vão criando novas "estratégias" de sobrevivência, transmitindo seus aprendizados na comunidade, entusiasmando outras mulheres, amenizando as condições econômicas precárias de vida e se descobrindo como sujeitos atuantes, capazes de estabelecer novas relações no grupo e na própria comunidade.

Por outro lado, a *tática* consiste em ações acontecidas e organizadas no espaço da casa e que envolvem as relações

familiares. Assim o entendemos porque a casa, embora seja considerada pelas próprias mulheres como sua principal esfera de atuação, é o terreno onde o homem desprovido de poder no trabalho ou na comunidade tenta exercer sua autoridade sobre filhos, parentes e sobre a esposa. São situações surgidas e vividas de forma explícita ou não, nas quais a mulher se vê obrigada a usar de *táticas* variadas, para, com jeito, dissimulação, ou mesmo criando conflitos resolver os problemas. Não raras vezes, a mulher se percebe dominada e explorada. Aceitar determinados comportamentos masculinos faz parte de um tipo de educação recebida e de um padrão cultural que ainda hoje persiste na sociedade, que privilegia os homens e atribui o poder ao sexo masculino em detrimento da mulher (Saffioti, 1988, Lobo, 1991). Diante desse quadro as mulheres adotaram as *táticas*, e tiveram sucesso, “Se elas não têm o *poder*, as mulheres tem, *poderes*”, isto é, as mulheres se afirmam por outras palavras, por outros gestos. No grupo, na comunidade, em casa, possuem outras práticas cotidianas, formas concretas de resistência que demonstram a racionalidade do poder e que têm raízes no uso do tempo e do espaço que lhes são próprios (Perrot, 1992: 167)

O que foi possível perceber é que agem conforme a “ocasião”; a criatividade, a astúcia, sempre são aplicadas, ora para poder realizar um trabalho não aceito pelo marido, ora para resolver o problema de alcoolismo desse, ora para evitar maiores atritos com os filhos, enfim, elas viabilizam uma vida melhor e modificam as relações familiares, criando, inclusive, novos hábitos na relação maridos/ esposa/filhos. Com isso, fortificam suas posições e passam a desfrutar de incontestável prestígio.

Portanto, através dessas duas operações: a “tática” e a “estratégia”, o grupo de mulheres pesquisado atinge outras formas de poder, um poder muitas vezes oculto, porém eficaz. Acredito, de qualquer forma, que os grupos comunitários são fundamentais nesse processo de crescimento da mulher e na aquisição de um novo modo de ser, visto que os grupos fazem a ponte entre a casa e o bairro, possibilitando a inserção e a articulação entre o espaço público e privado, viabilizando o trabalho feminino e valorizando sua presença e suas práticas.

CAPITULO II

“...o pobre é um eterno andarilho, vai onde tá o serviço...”

(42 anos, bordadeira)

II.1 - As origens rurais

As narrativas das mulheres nos conduzem a uma movimentação no tempo e no espaço, comum a todas, indicando uma origem rural idêntica. As suas primeiras lembranças, recordando a infância, remetem-nos a histórias nas quais com emotividade tentam recompor o meio sociocultural, em que cresceram e que marcou profundamente a sua visão de mundo.

Todas nasceram no Rio Grande do Sul, na região Centro-Norte, em pequenas localidades do interior, sejam cidades ou distritos vizinhos de Passo Fundo, que também se localiza na região centro norte. Na busca de trabalho muitas dessas, as mulheres e suas famílias foram obrigadas a circular por outras localidades gaúchas.

Algumas das cidades de onde partiram as informantes são tão próximas que fazem limite com o município de Passo Fundo²³, como é o caso de Carazinho, Ernestina e Mato Castelhano, os dois últimos que, na época de sua saída, constituíam-se distritos daquele município.

---

²³ A povoação de Passo Fundo se inicia por volta de 1827, quando chegava à região João Manuel das Neves, também chamado Cabo Neves, que ali ergueu seu rancho, ele trouxe consigo a família, escravos e gado, conforme relato do mais antigo historiador da cidade Antonino Xavier. Nasce (oficialmente) a povoação que formará a futura cidade, localizada ao norte do Estado do Rio Grande do Sul. Para selar o início do povoamento, foi erguida a Capela Nossa Senhora Conceição, em 1830. Os primeiros povoadores começam a chegar a partir do ano de 1827, de início todos extrativistas e pequenos lavradores (Ávila 1993).

No cidade de Carazinho, cresceu S. (67 anos, casada, aposentada, migrante de descendência italiana); Ernestina foi a terra onde viveu boa parte da vida I. (40 anos, casada, migrante de descendência italiana, bordadeira). Outro município igualmente novo e pequeno é Mato Castelhana, de onde partiram R. (55 anos, casada, migrante de descendência italiana, confeitadeira); L. (38 anos, casada, migrante de descendência italiana, empregada doméstica/manicure) e E. (42 anos, separada, origem luso-brasileira, professora primária). Forquilha, município vizinho essencialmente agrícola, é a terra de origem de N. (42 anos, casada, migrante de descendência italiana, dona de casa) e de S. (39 anos, casada, migrante de descendência italiana, dona de casa). Clemente Argolo se conserva como pequeno distrito pertencente a Lagoa Vermelha, cidade vizinha a Passo Fundo, e local de onde partiu D. (46 anos, casada, origem luso-brasileira). A exceção é V. (35 anos, casada, origem afro-brasileira, microempresária) que nasceu no município de Passo Fundo e sempre residiu no próprio bairro São José. Algumas das mulheres migrantes, ao aqui chegarem, eram ainda, adolescentes, outras já adultas e casadas, haviam morado em vários lugares e, finalmente, fixaram-se no bairro São José em estudo. Esse grupo retrata bem o êxodo ocorrido na região e as estratégias encontradas para uma nova inserção no mundo do trabalho e na sociedade urbana.

De acordo com pesquisa realizada pela Universidade de Passo Fundo, o decréscimo da população rural ocorreu rápida e abruptamente;

“O censo de 1991 indica que 43% da população, residente na região, ainda habita a zona rural, percentual bem acima do que se evidencia a nível de Estado, 24%. Ao se buscarem indicadores sobre a procedência dos moradores não naturais, confirma-se o papel do êxodo rural. Em torno de 41% da população urbana de P.Fundo foi um dia migrante. Daqueles que migraram e vivem no município, 63% saíram diretamente da zona rural, enquanto, que vindo de cidade para outra cidade, migraram em torno de 37% de pessoas da população migrante. (Tedesco et ali, 1993)²⁴.

Distante da visão sobre migração fornecida pelos números e dados está o discurso das mulheres, que, ao falar em dessa saga vivida a partir do lugar de origem, dão-lhe um outro enfoque. Quando se escutam os seus depoimentos, imagina-se uma sucessão de cenários que são muito diferentes. Nos seus relatos, elas não falam em números, mas desfilam pessoas, lugares, objetos, todas carregados de afeição; alegria, dores, que geram sentimentos ambíguos, ora nostálgicos, ora críticos. São vivências e laços criados com vizinhos, parentes e compadres, marcados por um jeito de “ser e viver” próprio do meio rural; lembranças e marcas do passado, que são fundamentais na construção de sua nova identidade social. Elas se reconhecem semelhantes como migrantes e, ao mesmo tempo, percebem-se diferentes de tantas outras protagonistas de sagas similares, mas fazem questão de também marcar suas individualidades.

Independentemente da origem étnica das mulheres, a sua relação com a terra é profunda, seja no meio rural, seja no terreno do bairro onde vivem hoje. O alimento que vem de uma horta caseira ameniza muitos gastos, assim como ou noutra situação foi fundamental para as que viveram diretamente ligados ao trabalho

---

²⁴ Entre outras razões, também contribuiu para a expulsão do homem do campo a extensão dos direitos trabalhistas ao trabalhador rural nas décadas de 1960/70.

na terra. Desse modo, essa relação com a terra está ainda muito viva para todas elas. Nas lembranças, entre elas as do trabalho, falam sempre da terra, pois dela, no passado dependia toda a alimentação e principalmente a fartura da mesa. Essa ligação é muito forte, ou seja do trabalho nela é que saíam os ganhos do marido e, também, as “coisas miúdas” de que precisavam como roupa, objetos do mobiliário, remédio, material escolar, ou seja, tudo dependia da terra, pois além de fonte de renda, do marido nela se cultivava de subsistências, com o que a manutenção familiar se completava.

“...meu pai era plantador de arroz, sabe? Nos táva lá em Coxilha (hoje pequeno município), daí ele foi plantá uma lavoura de arroz lá... Em Coxilha arrendô mais terra prá plantá, achou que era vantage, que era do meu tio, foi plantá lá, que produzia mais., Então, daí ele continuava na lavoura de arroz. Três anos depois, o pai já tinha voltado das terras que ele tinha arrendado, daí nós viemos mora ali (em Coxilha). Daí o A. (marido) veio trabalha em granja, fazenda que dizia, e daí continuei fazendo comida pra aqueles home... Tinha que ir onde tinha terra e serviço.. eu trabalhava na roça, e em casa, cuidando dos filhos. E quando eles passava a máquina que caía a soja, daí eu ia lá com as crianças e juntava, então aquele era um serviço nosso, meu e das crianças, então, a gente tirava pra roupa, era dali, no caso, o salário do A (marido), era pra o rancho, pras outras coisa a gente tinha que se virá...” R. (55 anos, casada, migrante de descendência italiana, confeitira/padeira).

As mulheres, nos seus relatos, nos mostram a dura realidade do trabalho, ou seja, o esforço para obter o sustento depende de todas as mãos disponíveis.

A carga de trabalho no meio rural para a mulher, é muito pesada, pois, além do serviço na roça, com a terra, que exige muito esforço físico, a labuta também continua na casa, com o beneficiamento dos frutos da terra, além do cuidado com os filhos e com a moradia.

“...a gente ia na roça de manhã cedo, lá era capina, plantá, arrancá as pedra, porque a terra às vezes é muito empedrada. Aí pega na enxada, não tem jeito de plantá, arrancá os mato, e aja coluna que aguente, parreinho com meu marido, às 11 horas e meia pra casa, tinha que fazê comida pra tá pronta ao meio dia. Ali pelas três horas, depois de fazê o serviço da casa, ia na roça de novo, chegava em casa de noite, aí tinha leite pra tirá, fogo prá acendê, lenha pra fazê, fogão a gás não tinha naquela época, tinha que se virá prá fazê tudo...” (40anos, casada, migrante de descendência italiana, bordadeira).

O trabalho infantil era comum, e a respeito uma informante conta que aprendeu a trabalhar ainda criança, pois as meninas assumem tarefas de adultos ainda na infância.

“Quando eu tinha uns treze anos, eu fiquei sozinha em casa, daí as irmã mais velha casaram, daí então, eu fiquei a mais grande de tudo os que ficaram. A mãe era doente, então, eu fiquei, tive que toma conta daquela turma. Somos treze irmãos, deveria de tê uns dez em casa, que me lembro, mas na época a mãe ganhô mais

uns dois, três... e nós tirava leite, trabalhei que tá loco. Fazia queijo pra vendê pra fora, cuidava das criança, a mãe parava mais no hospital do que em casa, eu fico pensando como é que eu vencia...Mas tem uma coisa que não sei como lhe dizê, explicá, a vida era pesada, mas parecia mais calma em certas horas. No final do dia, por exemplo, as criança sentavam na área da casa comigo e a gente via o sol se escondê, depois ligava o rádio e ficava ali em roda pra ouvir a Ave Maria que dava no rádio, todas às seis horas, ajoelhava, e rezava. Lembro que as crianças resmungavam, criança não gosta de ficá muito tempo quieta, mas eu fazia eles escutá, depois iam brincá... ” R. (55 anos, casada, migrante de descendência italiana, confeitadeira/padeira).

Nas famílias pobres e muito numerosas, ou quando naquelas em que filhos são ainda muito pequenos, o cuidado da roça exige a quase totalidade dos esforços dos membros adultos do grupo, inclusive da mãe. No caso, relatado, constata-se que a mãe também passou boa parte da vida grávida, cabendo aos irmãos maiores o cuidado com os menores além de boa parte do serviço doméstico.

Um dos aspectos negativos de trabalhar para os outros mencionado pelas entrevistadas, foi que a necessidade de trabalhar das mulheres as obrigava a aceitar em situações de exploração e abusos, como o não-pagamento pelo seu trabalho ou o pagamento em “espécie”²⁵: *“...tinha vez que a patroa dizia que não tinha dinheiro e então ele pagava nós com roupa usada, a gente acabava aceitando...” S. (67 anos, viúva, migrante de descendência italiana, aposentada/artesã)*

---

²⁵ Sobre estas questões ver “ *A mulher e as contradições do capitalismo agrário* “ de Ferrante e Saffioti (1983)

“... o que a gente trabalhô! que nem eu falo, essa parte, esse negócio que tu tem tá dividindo, o dono da terra, se um quilo de feijão é teu, o outro é dele, o serviço é todo teu, por exemplo: tu prepara a terra, bota a semente, bota o teu serviço e depois quando chega na hora, tu tem que entrega aquela parte, só por causa da terra, que a terra não é nossa, não é certo...”. D. (46 anos, casada, origem Luso-brasileira, comerciante).

“... eu sabia desde cedo, tudo que foi preciso fazê pra chega a tê aquele pé de alface, o queijo, o leite, aquela serviçama sem fim, desde comprá a semente botá na terra, todo dia cuidá, é quase como a gente cuidá dos filho, tem que tê paciência, às vez vem a geada ou sol demais mata dum dia pro outro , eu sei o que é isso. E o leite então, levantá de domingo a domingo tirá, fazê o queijo, com frio, tá loco, e depois vem essa gente bem vestida da cidade e pichincha, qué que baixe o preço, não sabe que o queijo não caiu do céu?...” L. (38 anos, casada, migrante de descendência italiana, empregada doméstica/manicure).

O tempo vivido em comparação ao de agora, nos pequenos povoados ou nas propriedades, era outro, ligado aos ciclos da natureza e às fases de exploração agrícola; era determinado pelas pessoas ainda que houvesse patrão, pois ele não estava presente o tempo todo e só aparecia de vez em quando. Dessa forma, a vida, embora acompanhada de muito trabalho, parecia andar num ritmo mais lento, num ritmo que a cidade desconhece, que se deixa fluir mais naturalmente como que acompanhando o ciclo da natureza. É ela que define o tempo pela luz do sol, pela lua, pela

chuva, de maneira que as trabalhadoras rurais viviam uma ordem mais próxima da natureza.

“...mas tinha uma coisa que é preciso se dizê: a gente trabalhava que não era fácil, mas não tinha problema com o relógio, de andá correndo. Fazia o tempo que levasse, o tempo a gente cuidava pelo sol alto, se chuvia ficava fazendo servicinho de dentro de casa, costurando...” E. (42 anos separada, origem luso-brasileira, professora primária).

“A planta sempre tem que obedecê à lua, às época certa da chuva, isso a gente aprendeu com os mais velho...” L. (38 anos, casada, migrante de descendência italiana, empregada doméstica/manicure).

“...hoje tá mais confuso o tempo, mas olha dona Maria partera daqui não errava, os parto ela sabia a hora e o dia pelas fases da lua”. N. (42 anos, casada, migrante de descendência italiana, dona de casa).

O trabalho da mulher rural, apesar de indispensável, é contínuo, invisível e, como aparece sob a forma de “ajuda”, também não adquire valor monetário, por isso o salário é sempre familiar e recebido pelo marido .

“...tem o lado que quando a gente tá nas terra alheia, a gente é sempre mandado, é fulano faça isso, fulano corra fazê aquele outro, sempre tão botando defeito, achando que a gente faz corpo mole, dão o rancho que querem pra gente, porque quando

nos tava nas granja o patrão é que trazia o rancho. Então ele escolhia do mais grossero, do mais comum, porque era pra nós, e quando precisava dum dinheiro fora do prazo, nem quero me lembra, parece que ele tava fazendo o maior favor prá nós. Eu sempre trabalhei, mas do patrão ou da patroa nunca recebi salário...” S. (67 anos, viúva, migrante de descendência italiana, aposentada/artesã).

De todo o grupo a única que tem um discurso diferente das outras mulheres é S., (39 anos, casada, migrante de descendência italiana, dona de casa), que fala da vida rural sem tristeza, com entusiasmo e saudade. O trabalho não é visto por ela de forma negativa, pois, embora reconheça os sofrimentos, considera que faziam parte da vida e de determinado período quando havia pouco conforto.

“...o recurso era difícil, mas a gente trabalhava junto, então eu adorava a gente tinha uma turma grande, ia na roça, carpia, colhia milho junto com o pai. Pra mim era um divertimento, porque a gente andava tudo junto, era uma festa. Era uma tropa indo pra roça, levava salame, pão quente, suco, polenta...claro era uma coisa sofrida, mas era divertido, era o tipo de vida que se tinha naquela época. Era uma coisa divertida, pra mim eu não tenho queixa, não. E hoje em dia lá fora eles tem o recurso que nem na cidade, telefone, luz, água, é tudo dentro de casa, e casa bonita. É mansão, hoje tá uma maravilha mora lá pra fora, não precisa ir pra roça tem trator, arrendô as terra, vende leite. Pessoa que gosta de trabalha vive muito bem, agora sempre tem os vadio, uns que tem terra e não plantam um grão de arroz, não tem uma galinha. Meus pais não vêm pra cidade de jeito nenhum...”

Mais tarde vim a compreender o modo de sentir dessa entrevistada de entendendo a sua experiência, pois ela foi a única cujos pais não precisaram se desfazer da terra, tendo vindo para a cidade porque se casou. Seus familiares mantêm toda a propriedade onde ela viveu quando pequena, e hoje possuem melhores condições melhores de vida, com mais conforto e benfeitorias. S. mantêm relações próximas com a família a qual visita regularmente. Essa diferença é fundamental, visto que, no caso das demais, ou a família vendeu as terras ou, como não eram proprietários, foram aos poucos sendo empurrados para a cidade, por razões que já conhecemos. Essa saída forçada ficou marcada nas suas memórias.

II. 2 - A partida

O processo de rememorar é sofrido, quando passam a contar as dificuldades de viver no meio rural que multiplicavam, já que tinham pouca ou nenhuma terra, além de escassa saúde, desembocando na inevitável partida em busca de melhores condições de vida.

“...nós viemos pra cidade quando deu o derrame no A. (marido), quando ele ficô doente, que daí, lá fora sabe a gente que não tem terra, tem que fica plantando e repartindo, então daí, que nem ele já não podia trabalhá e ninguém vai te dá lugar pra você morá, se tu é uma pessoa inválida, que tu não dá renda, tem que dá renda pro dono da terra, pra pode se colocá... lá era longe do recurso (assistência médica). Mais viemo pra cá também por causa

do recurso, quando deu isso aí (a doença do marido),...” R. (55 anos, casada, migrante de descendência italiana, confeitadeira/padeira).

“...eu e a S. (39 anos, casada, migrante de descendência italiana) morava pertinho lá em Forquilha, fiquei até os quinze anos lá fora, depois casei e vim pra cá, daí fiquei morando com a sogra um ano, depois saímos pro mundo a fora. Nós viemos pra cidade, porque a mãe não podia trabalhar, e daí era só eu e o W, e ela era de idade (a mãe), daí não tinha como trabalhar na roça. A terra era dela, então ela vendeu a terra e se colocou aqui no bairro. Não conheci meu pai, ele faleceu, nós era em onze e minha mãe criou um neto ainda, porque morreu uma nora, então nós era em doze. Uma pensãozinha e o W., que era o mais velho trabalhando e cuidando dos negócios, W. é o marido da N., lá do grupo. Era só eu, ele e a mãe, e aquele sobrinho. A mãe já não podia trabalhar na época, ela já táva de idade bastante, daí o W. quis, vendemos a terra, então daí compramos o terreno, se fosse dividido entre todos não dava um palmo pra cada um, tudo na base da enxada, então fazê o quê...” N. (42 anos, casada, migrante de descendência italiana, dona de casa).

A família de N. foi se desorganizando quando o pai morreu, pois o irmão que assumiu a propriedade, brigava muito com os outros irmãos²⁶

---

²⁶ “A morte ou incapacidade do pai, por exemplo provoca quase que necessariamente a dispersão da família...Nesse caso, o grupo só poderia sobreviver como unidade quando houvesse filhos adultos, pois a mãe não conseguiria exercer as atividades domésticas e produtivas simultaneamente...é comum a desorganização do grupo, pois a figura do pai envolve uma posição de autoridade que raramente um irmão pode assumir, sem criar conflitos e ressentimentos que tendem a fracionar a família (Durham, 1984, p. 68).

" saí por aí, sem era nem bera, é uma coisa que não quero pra ninguém, pegamo o ônibus, com os filho e as mala, e sacolada com panela, coberta, de tudo, dava uma tristeza olhá as terra que passava pelo vidro do ônibus. Quando chegamo na casa de minha irmã, ela recebeu a gente bem, coitada, fêz o que pode. Com tempo as criança começaram brigá, bagunça, era muita gente pra pouca casa. Lá ficamo até nós arrumá emprego e alugá umas peça, porque não tinha como durmi tudo amontoado.... Se for contá a história até chegá nesta casa que taí erguida hoje dá uma novela. A casa, que a senhora vê, foi meu pai que deu a madeira pra fazê, nós não tinha condição, os vizinho ajudava nos fim de semana a erguê (...), o pior é que aqui os costume eram diferente, tudo mundo repara em tudo mundo, não é que nem lá no interior, a ropa, a fala, é tudo diferente, qualquer coisa não serve, principalmente os filho, não fosse eu mulhê de fibra não sei (...)" L. (38 anos, casada, migrante de descendência italiana, empregada doméstica/manicure).

Todas as mulheres lastimam ter saído do "lugar de moradia", o que envolve a tristeza de perder a terra, muitas vezes herança de avós ou bisavós. É uma dor interior de quem se obriga a deixar as coisas mais queridas para enfrentar o desconhecido e a dificuldade; a dor revelada vai além das questões materiais, é um sentimento interior de que algo se rompeu. "...a gente não tinha escolha, a terra dos outros é assim, nunca se sabe o dia de amanhã, se as coisa piora ou melhora, a gente anda conforme os grande manda..." N. (42 anos, casada, migrante de descendência italiana, dona de casa)

O migrante vive e realiza modificações nos padrões de comportamento e nas relações sociais, que se refletem, no nível dos sujeitos, nas alterações que ocorrem na ordem estrutural²⁷.

“...você vê nosso caso, se é muitas bocas de comê não tem jeito, nós era em nove e dois, três pra trabalhá, é brabo de vencê, então não é por querê, tem que procurá outros recurso. A mãe, coitada, naquele tempo sem saúde, ela era sempre meio-triste, eu acho que eu puxei dela essa depressão, ela sentava numa banca atrás do fogão a lenha e ficava pensando, eu acho que era como criá a fiarada...” E. (42 anos, separada, origem luso-brasileira, professora primária).

“...meu pai, minha mãe, e os filho já não vencia o serviço. Era na base da enxada, e o tempo já tava mais avançado, tinha vizinho que já tinha máquina de plantá, é menos sacrificado, e eu me lembro que era aquelas coxilha de soja, era só o que se via..., ninguém mais queria sabe de plantá trigo, feijão, e lidá com essa semente, meu pai não queria. Ou a gente se empregava nas granja, ou vendia o pedaço que tinha de terra. Uns irmão mais velho ficaram trabalhando nas fazenda de soja...” D. (46 anos, casada, origem luso-brasileira, comerciante).

As falas das mulheres são claras no que diz respeito à exploração do trabalho familiar, porém o mecanismo socioeconômico responsável pela expulsão das famílias de sua terra original não é percebido por elas como um fato de origem

---

²⁷ Ver Durham (1984).

socioeconômica, de tanta magnitude semelhante às do movimento migratório. As circunstâncias que envolvem a venda da terra e a ida para cidade, segundo a percepção das mulheres, são de cunho familiar ou individual, específicos, dizendo respeito aos problemas de cada família e não às mudanças sociais maiores vividas pelo país no período. *"...O pobre tem que ir onde tá o serviço, então larguemo tudo e juntemo o medo e a corage e viemo pra cidade..."*

I. (40 anos, casada, migrante de descendência italiana, bordadeira)

A afirmação dessa depoente é muito significativa e sintetiza a migração forçada e os sentimentos que ela envolve. De fato, nas suas falas as migrantes revelam o tempo todo estes dois sentimentos: medo e coragem para enfrentar a vida nova na cidade. É coragem e a necessidade ainda que fazem com que aceitem qualquer trabalho. "Aceitamos o que aparecer, quando a gente tem bocas pra alimentar não se escolhe muito", conforme me disse uma delas. Entretanto, também a capacidade de resistência permanece e novas soluções são buscadas através dos grupos de mulheres, como veremos em sequência.

II. 3 - As “andanças mundo a fora”

As depoentes contam que, após a saída do local de origem, moraram em vários outros, lugares, só depois se estabelecendo no bairro São José, em Passo Fundo, ou seja, houve a passagem por outros lugares, às vezes tão pequenos, locais, que não aparecem sequer no mapa. O sonho de melhorar de vida, promessas, desejos, muitas vezes inatingíveis, acompanhavam o projeto de partir para a cidade.

“...nós tivemos três anos na Bahia, lá é lugar de vivê, tá loco, lá eu tenho saudade, você qué sabê de tudo as minha morada? Olha, morei no Passo da Cruz, morei em Engenho Grande, as mudança se dava porque o patrão dizia, lá não tem quem faça comida pros peão, você podia ir? Como que vai dizê que não? Morei em Coxilha, Mato Castelhana, até chegá aqui.” R. (55 anos, casada, migrante de descendência italiana, confeitadeira/padeira).

“Eu nasci no interior de Carazinho, com 7 anos já trabalhava nas casa dos outros, com 17 fui prá Iraí, morei em Palmeira das Missões, tudo por conta de trabalhá. Depois de casada ficamos 8 anos numa chácara, e depois nós viemos pra cá, em Passo Fundo, sempre atrás de alguma coisa melhor...” S. (67 anos, viúva, migrante de descendência italiana, aposentada/artesã).

“Eu nasci em Victor Greef, depois nós fomos morá pra Santa Catarina, meu pai, minha mãe, eu tinha três anos, minha mãe faleceu, daí, eu fiquei sem mãe, então, com três anos, uma tia

minha ali de Ernestina, pegô eu e minha irmã pra criá. Vivi a maioria do tempo em Ernestina, casei lá também. Trabalhava na roça, depois o marido conseguiu o serviço na Prefeitura de Passo Fundo, e daí ele ficô até uns dois meses sozinho pra cá. Depois ele veio pra me buscá, porque ele não podia ficá sozinho, por causa da comida, coisarada, roupa e tudo. Fim de semana ele ia pra casa, lá em Ernestina, mas eu tinha que deixá as coisa dele ficá tudo pronto, prá ele se virá, então não podia um lá, outro cá, aí a gente veio...” I. (40 anos, casada, migrante de descendência italiana, bordadeira).

“...nossa vida foi uma via-sacra, parando um poco ali, outro poco aqui, seguindo conforme o serviço, onde saía a comida a gente ia...” D. (46 anos, casada, origem luso brasileira, comerciante).

As “andanças” são necessárias para quem não tem os meios de produção e conta somente com a saúde e a força dos braços. Embora os depoimentos não explicitem, sabe-se que as “andanças”, são também o resultado da modernização da agricultura, da urbanização e industrialização do país²⁸. Por conta da adoção de um modelo de desenvolvimento econômico que teve como objetivo modernizar a agricultura e atender aos interesses do capital industrial urbano, milhares de pessoas foram expulsas

---

²⁸ Por volta de 1930, o município foi marcado por intensas transformações nas suas relações de produção, na sua organização espacial e social. A população urbana começou a crescer mais aceleradamente nesse período e o esvaziamento do campo já refletia as políticas nacionais de urbanização e industrialização. Porém, foi nas décadas 1960/70 que o município sofreria de forma mais intensa o êxodo rural e a ocupação desordenada do espaço urbano. A concentração passou a ser cada vez maior da população na área urbana do município, que pulou de 20,81% em 1970 (registrado pelo Censo) para 40% em 1980 (Tedesco et alli, 1993). A partir desse período é que vamos ter alguns dados que falam sobre a participação das mulheres na atividade produtiva.

do campo e vieram parar nas periferias da cidade²⁹. A cidade de Passo Fundo, inserida nesse processo, realizou nesse período a ampliação da sua estrutura urbana. Assim como aconteceu em nível nacional, também na região as relações de produção no campo se redefiniram, dificultando o acesso à terra intensificando o êxodo rural.

O bairro cresceu nesse período de êxodo. Nas poucas pesquisas localizadas que focalizam o bairro, percebe-se que sua formação iniciou-se no período das migrações mais intensas no país.

“O bairro passou a ser povoado na década de 50/60, com a chegada de inúmeras famílias que ali buscaram um “lugar para viver”, quando, no campo se esgotaram as condições de sobrevivência. As especificidades do povoamento e a dilatação dos limites do Bairro São José, seguiram as determinações da expansão urbana de Passo Fundo, ou seja, refletindo o processo maior(Dal Moro, 1996 : 13)”.

A primeira leva ou geração de migrantes que se fixaram no bairro São José trabalharam em atividades informais, pequeno comércio, prestação de serviços, ou se empregaram em atividades nas indústrias e comércio local³⁰. Todos revelam ter tido *“muita*

---

²⁹ O censo do período 1950/60 acusa uma população de 32 milhões de pessoas movimentando-se entre os estados brasileiros.

³⁰ Em pesquisa recente realizada pela Universidade de Passo Fundo, informações confirmam que a grande maioria da população, em termos de estrutura produtiva, caracteriza-se essencialmente pela produção do setor terciário, ou seja, as atividades dos setores comércio e serviços representam 72% do setor produtivo; o setor secundário fica com 32% aproximadamente, e o setor agropecuário com 6%. Outro dado importante a ser destacado é que 54% da população ocupada está também envolvida na atividade informal, revelando a intensificação da crise social que se vive, desemprego, salários muito baixos e a necessidade, de incrementar o orçamento familiar (Moretto, 1996).

ilusão com a cidade, aqui vive bem quem tem dinheiro". O bairro³¹ São José, pode ser considerado um bairro dormitório para os homens, pois com exceção dos velhos, crianças e parte das mulheres, os demais adultos trabalham no centro da cidade, só retornando à comunidade local ao final do dia.

Essa população oriunda da zona rural elegeu o bairro São José porque buscava um lugar semelhante àquele onde já vivia, e onde já havia residido conhecidos e parentes, que pudessem, num primeiro momento, socorrê-los se necessário fosse. Os trechos que seguem ilustram como a rede de relações de amizade ou parentesco é fundamental no processo de fixação ao hábitat mais citadino.

"...aqui era muito parecido com o lugar de onde nos vinha, era um bairro que mais parecia uma chácara no começo. Hoje já tá bem maior(à semelhança da zona rural), então às vezes ficava a impressão de que era lá pra fora..." E. (42 anos, separada, origem luso-brasileira, professora primária).

"...eu vim pra cá pro bairro porque já tinha minha cunhada, que já tava por aqui. Então eles foram ajeitando pra nós vim, arrumô emprego pra mim de doméstica, alugamos uma casa e fomo se ajeitando..." N. (42 anos, casada, migrante de descendência italiana, dona de casa).

---

³¹ Sobre o bairro São José, o que se sabe é fruto de informações dos moradores, inexistindo dados quantitativos. Os dados colhidos pelo IBGE, quando processados, não trabalham com as especificidades de cada bairro, ou seja, são dados gerais sobre o município. Hoje se sabe que o município é composto por 96,5% de população urbana, conforme dados do IBGE de 1996.

A vida no bairro, de características mais rurais que urbanas, atraiu muitos moradores que ainda cultivam os mesmos usos, os mesmos valores das localidades que abandonaram. Ainda é a mesma gente, porque se encontram rodeados de parentes³². Mesmo afirmando uma melhora de vida, as condições para a maioria continuam precárias. O cenário de uma localidade rural predomina em boa parte do bairro, estando presente nos patos que gritam dentro de cercados, nas galinhas e até nas vacas de leite vistas a transitar pelas ruas.

Da mesma forma que as pessoas têm o costume de cultivar uma horta e plantar, também encontra facilmente criação de animais, uma atividade que, mesmo no meio urbano, continua sendo tarefa das mulheres ou das crianças que estão em casa. É comum ver animais invadirem as ruas, e várias vezes assisti cenas em que os carros e, mesmo os ônibus, foram obrigados a parar para aguardar os cavalos e vacas, no seu passo lento, atravessam a rua. Algumas vezes, também notei homens transitando pelas ruas vestidos com trajes típicos do gaúcho (peão), bombacha, guaiáca, ou chinelo campeiro, situação pouco comum observar no centro da cidade³³

O bairro São José é sem dúvida, um misto de rural-urbano, por suas características físicas e humanas, costumes, ritmo, pela linguagem e pelo modo de vestir dos seus habitantes.

---

³² O fato de terem semelhanças de origem e de condições de vida contribui para que se sintam bem, mas revela, inclusive, que realizaram a fusão do modo de ser urbano com o modo de ser trazido no meio rural. Durham (1984, p. 72) nos diz o seguinte: "(...) em São Paulo, o "bairro, com efeito podia ser iniciado por determinada família, que ocupava e estabelecia as bases de sua exploração e povoamento. Com o tempo atraía parentes, ou filhos casados se estabeleciam, bem como genros, etc... A formação do bairro acontecia por razões de parentesco, físicas e econômicas".

³³ Essas são vestimentas típicas do gaúcho usadas no dia-a-dia principalmente pelos trabalhadores da Campanha, peão, capataz de fazenda, porém não tão usadas na cidade. A roupa de festa típica do gaúcho é também chamada de *pilchas*.

S. (67 anos, viúva, migrante de descendência italiana, aposentada/artesã) a certa altura, me disse: *"aqui é bom de morar, porque a gente mora na cidade, perto de tudo, mas é quase como se morasse na colônia, porque se tem muitas amizades, a gente é conhecida, qualquer coisa tem um vizinho que acode, não tem a correria da cidade, as rua são calma, a gente não que vive na correria..."*

Para os moradores, O São José é um bairro periférico³⁴ no sentido geográfico, para indicar distância do centro da cidade. Eles o vêem como periferia no sentido de um local à margem, pobre, esquecido.

V. (35 anos, casada, origem afro-brasileira, micro empresária) é a única das nove mulheres entrevistadas nascida no bairro, onde ali viveu desde o início do seu povoamento. As histórias por ela relatadas e dificuldades vividas no meio urbano se confundem com as do meio rural. O marido veio do interior e através das experiências vividas por ele, conta passagens que não se diferenciam das dificuldades de quem viveu no meio rural.

---

³⁴ Nos últimos anos, a periferia tornou-se algo importante. Pouco a pouco a palavra foi adquirindo novos sentidos, sendo hoje moeda corrente em conversas de políticos, nos planos do governo, em discursos militantes, como não poderia deixar de ser, nas análises dos cientistas sociais...A palavra é usada (também por nós) para designar os limites, as franjas da cidade, talvez em substituição a expressões mais antigas, como *subúrbio*. Mas sua referência não é só geográfica: além de indicar distância, aponta para aquilo que é precário e infra-estrutura urbana...Quase sempre quando se fala de *periferia* parece estar presente a identificação de um certo tipo de espaço urbano a uma forma de comportamento coletivo de seus moradores. Também este espaço ficou conhecido pelas formas de organização popular surgidas em função de reivindicações que se referem, sobretudo, à qualidade de vida na cidade, colocando em evidência a novidade dos movimentos : uma nova forma de fazer política saudada como genuinamente democrática (Caldeira, 1984, p. 8-9)". É um pouco com este sentido que usamos o termo. Com certeza qando falamos de *periferia* de uma grande metrópole e quando falamos em *periferia da cidade de Passo Fundo*, estamos tratando de duas realidades e de termos com sentido diferentes. Para seus moradores, trata-se de um espaço distanciado, com problemas de infra estrutura, porém, como já dissemos, não como um espaço marginalizado ou como me disse uma moradora " aqui não tem favela, é tudo gente boa e remediada".

“Nasci aqui no bairro, aqui em baixo (na parte considerada baixada), eu não vim do meio rural, se bem que era como se fosse interior. Só meu esposo, ele veio, se você quisé conversá com ele, alguma coisa, ele tem carta branca pra dizê o que sofreram lá pra fora, sem terra. Eles tinha que arrendá terra pra pode plantá, e daí quando tava tudo bonito, a terra bem limpa, eles mandavam pra outro pedaço mais sujo, era assim, até que eles cansaram, eles eram agregado, vieram embora...” V. (35 anos, casada, origem afro-brasileira, micro empresária, oito filhos).

A vinda para a cidade foi motivada pela esperança de que talvez dias menos difíceis chegassem, a esperança que se refere à melhoria de condições. Porém, essa melhora não diz respeito muitas vezes ao nível de vida e, sim às possibilidades de trabalho (Martins, 1993). Vislumbraram principalmente a possibilidade de melhorar de vida e “trabalhar por conta”, o que significa deixar de trabalhar na roça dos outros, no caso das mulheres na “casa dos outros” ou mesmo na casa paterna, onde o trabalho é pesado, para construir a sua vida com a sua família, ou seja, trabalhar para si própria e para seu grupo familiar restrito³⁵. Contudo, esse sonho nem sempre se realiza de pronto ao chegarem à cidade. No caso das mulheres, praticamente todas trabalharam como domésticas, em períodos intermitentes, o que significou: voltar a lavar roupa, cozinhar e cuidar de crianças na “casa dos outros” até conseguirem se organizar. A situação de vida na cidade aparentemente mudava, mas, especialmente no início, passaram por situações de carência e privação. A maioria relata que vivem

---

³⁵ Martins (1993), ao falar da saída dos migrantes, aponta três razões: ausência de perspectiva no lugar onde estavam; ao migrar, levam em conta a possibilidade de no lugar novo encontrar parentes e, por fim, estabelecer uma nova base segura de sobrevivência.

situações, como constante escassez de dinheiro, pagamentos em espécie (como alimentos, roupas) além de poucos salários. Na atualidade, dizem não aceitar mais esse tipo de pagamento, afirmando que o trabalho deve ser pago em dinheiro.

É interessante notar que as mesmas informações dadas pelas mulheres e depois pelos homens têm enfoques muito diferentes, seja no que se refere a fatos relacionados à própria pessoa ou ao relatar experiências vividas por parentes ou amigos. As mulheres se sentem mais responsáveis pela família; apontam mais as dificuldades vividas pelos membros do grupo familiar e principalmente pelos filhos. E. (42 anos, casada, separada, origem luso-brasileira, professora primária) diz que os costumes da cidade são diferentes, porém ali *"logo se faz amizade e se acostuma"* porque os laços de amizade e solidariedade são cultivados.

A sociabilidade no bairro é intensa, especialmente nos pequenos negócios dirigidos por aposentados e pelas mulheres. Próximo de um ponto de ônibus, na parte considerada "o centro do bairro", de onde se tem uma visão privilegiada dele, uma loja tornou-se ponto de encontro de idosos e transeuntes, pois ali se observa e aprecia o movimento do bairro. Sentados embaixo do beiral de uma casa, metade moradia, outra metade transformada em pequena loja de produtos importados do Paraguai, seu

Merquedes dono da loja, conta que o estabelecimento é o ponto de visita da “caboclada”, referindo-se aos amigos ³⁶.

Seu M.(dono da loja) com um bonezinho na cabeça, conversa muito, caminha vagorosamente arrastando os chinelos campeiros ao se levantar de vez em quando para atender algum freguês. Ali já se formou um ponto de encontro e parada obrigatória de amigos, além de ser ponto de informação e local para se saber das novidades. A parada de ônibus em frente a loja torna mais atrativo o ponto para as pessoas que por ali passam. Reconhecidas ou não, são alvo de comentários, controle social, ou se muito amigas, chamadas para participar da roda de chimarrão. Enquanto estive por ali, várias pessoas mulheres e homens chegaram e se sentaram nas cadeiras de palha cobertas por pelegos, conversando sobre o dia-a-dia; os transeuntes ficavam um pouco e saíam, de tal maneira que a turma se renovava constantemente.

Espaços como esses são muito comuns no bairro, tornando-se locais de grande sociabilidade. Assim como a loja de seu Merquedes é ponto de encontro, a padaria de R.(nossa entrevistada) é o local onde circulam principalmente as mulheres, conversando, contando novidades e fazendo não só a compra do pão diário, mas trocando opiniões, críticas, informações de toda ordem. Esses pontos são estratégicos para se conhecer a vida do

---

³⁶ Ávila (1993), historiador da região, explica-qual o entendimento que temos sobre quem é o caboclo em nossa região: igual ao gaúcho da Campanha, o “caboclo de Cima da Serra” e do Vale do Alto Uruguai teve uma origem mestiça; formou um grupo marginal, nômade, que aliava habilidades e costumes europeus e indígenas. Exemplo dessas mescla é a língua falada, um dialeto produto da mistura do português e do castelhano com palavras e expressões do tupi-guarani, do tapuia, além de termos comuns do quichua ao aimará, língua falada pelos indígenas andinos. O caboclo mestiço trabalhador dos ervais foi e, por vezes é visto pela historiografia oficial como extrativista, nômade, andarengo, peregrino, “índio vago”. Entretanto, o caboclo, além de coureiro e ervateiro, foi também um agricultor. Ele cultivou a mandioca, milho, feijão, batata e foi um dos principais desbravadores, não citados ou menosprezados na maioria dos estudos sobre o desenvolvimento econômico e social de nossa terra.

bairro, bem como para se entenderem as relações entre os moradores, o que pensam, quais são suas opiniões sobre os acontecimentos cotidianos. Estes momentos não programados para o pesquisador acabam trazendo informações ricas muitas vezes inesperadas.

Ali no bairro vão se formando novas formas de relacionamento, novos valores urbanos vão sendo assimilados de forma gradativa e, ao mesmo tempo, que se preservam alguns dos valores rurais. As estratégias de sobrevivência contêm uma combinação especial de compromisso e de seleção com os valores antigos, produzindo um “jeito novo de ser” que se poderia caracterizar como sendo um modo próprio da gente do bairro, isto é, viver o campo na cidade (Mello, 1988).

A pesquisa mostrou, entretanto, que nem todos os grupos etários encaram esse hábitat urbano da mesma maneira. Enquanto para os idosos, a vida que levam parece satisfatória, para os jovens, o discurso muda bruscamente, mostrando o conflito aberto entre o pensar e o viver das diferentes gerações. Esses buscam espaços no centro da cidade para onde se dirigem, tentando se assemelhar aos demais jovens de classe média; porém, na maioria dos lugares, eles não conseguem se “integrar”, pois não se identificam nem são aceitos, talvez até sofrendo alguma tipo de discriminação por serem vistos como pessoas que não fazem parte daquele meio.

O cotidiano, as pessoas, refletem as contradições da sociedade mais ampla à medida que favorecem a percepção, por exemplo, das diferenças econômicas, dentro dos limites do bairro: existem os moradores do *centro* e os da *baixada*; fazem uma

nítida divisão entre *nós* e os *outros*³⁷. Há uma segregação espacial dos moradores no bairro, que consideram aqueles da parte alta e de casas melhores como *classe média* e os *outros* são os moradores da parte baixa como dizem, pessoas de condições econômicas inferiores ou *pobres*. Na realidade, essa divisão não é clara, porque existe uma população carente morando nesse ponto do bairro. Essa forma de se expressar revela que, mesmo entre eles, existe uma hierarquia social que tem como referência a situação econômica, que implica um trato também diferenciado. Ouvi muitas recriminações das mulheres do grupo “às *mulheres da baixada*” quanto ao fato de trocarem de marido seguidamente, terem um número elevado de filhos e não procurarem serviço, serem “acomodadas, só querendo receber (ajuda)”.

Ao mesmo tempo, a conservação e a transmissão de padrões tradicionais de cultura, comum a todos, preservam a união e a solidariedade. Esse modo de ser *rurbano* favorece a manutenção dos arranjos familiares, sua rede de dependência mútua, como permite que os padrões individualistas, próprios da sociedade urbana capitalista, se alojem e desenvolvam no interior de cada família, criando inúmeros conflitos no meio familiar. Tais tensões essas nem sempre são resolvidas, porém aliviadas, no caso das mulheres nos grupos, espaços onde são falados e discutidos. Os problemas levantados não são de fácil ou impossível solução, são particulares e comunitários; são circunstanciais; e outros são estruturais, e apontam para conflitos latentes na sociedade, como é o caso da questão da terra, da moradia, do desemprego. O próprio bairro é um exemplo vivo

---

³⁷ Quando as entrevistadas(os) falam “eles” os pobres, estão se referindo à sua carência econômica, ou a sua situação econômica superior em relação a eles, porque, sob o ponto de vista moral, revelam que um pobre pode ser “rico”, rico de saúde, de coração, de boa vontade, coisa que os ricos de bens grande parte das vezes não têm, pressupondo um a superioridade ou riqueza dos pobres sobre os ricos.

desses problemas, visto que boa parte de seus moradores, pela sua baixa escolaridade e condições econômicas, passam fazendo “bicos”, em atividades informais ou se “virando”.

Numa reunião do grupo Nossa Senhora Aparecida, ouvi um diálogo entre uma senhora idosa e uma moça mais jovem, em que aquela dizia: *“aí, pra baixo tem uma organização de mulheres, as da Casa da Luz Vermelha, diz que elas têm muito serviço”* (risadas). Imediatamente, a jovem respondeu: *“cada um se vira como pode, nos fazemos ovos de chocolate pra vende e ganhar algum dinheiro, elas fazem o que sabem, é a vida de cada um”*. A prostituição, no bairro também acontece, sendo recriminada pelas mais velhas e compreendida, de alguma forma, pelas mais jovens, ele revela a face cruel da pobreza ao extremo. Nessa fala se evidencia o confronto entre formas de pensar das mais velhas com as mais jovens. As dificuldades de sobrevivência, especialmente numa conjuntura social de desemprego, é muito lembrada nas conversas.

Os problemas do bairro são mais conhecidos pelas mulheres, porque trabalham nos seus domicílios, vivem e percebem mais suas deficiências. Reclamam da infra-estrutura do bairro, e quando possível se organizam para realizar reivindicações, inclusive indo até a rádio mais popular para falar das necessidades de cada comunidade. Atualmente, se comparado com a realidade de outros bairros, os serviços públicos e de infra-estrutura urbana (luz, transporte, água, saneamento...) satisfazem relativamente. O asfalto nas ruas principais foi feito às pressas na última eleição; a distribuição de água, ainda é deficiente, falta com frequência principalmente no verão, quando se torna um sério problema para as mulheres que são as responsáveis pela limpeza

e organização diária da casa. São elas que, por estarem mais presentes e se utilizarem desses serviços, sabem das carências e problemas do bairro.

O espaço físico também é demarcado no bairro: há os "legitimados" para uso das mulheres e os freqüentados pelos homens. Os mais movimentados pontos de encontro público dos homens são os bares³⁸. A respeito, o presidente da Associação de Moradores, afirmou que tem algo em torno de cem bares no bairro todo, porém não existem dados que a comprovem, entretanto, embora possa se afirmar que realmente, se vê que são em grande número. O próprio presidente da Associação de Moradores, trabalha durante a tarde num dos bares que fica na rua considerada principal; pela manhã, faz entregas de salgados que a mulher prepara em casa. Os bares são peças das casas adaptados com mesinhas para jogar baralho e mesas de snooker, geralmente com péssimo aspecto e mal-cuidadas; as bebidas, o cigarro e os jogos são os produtos oferecidos. Quem freqüenta os bares cria uma imagem negativa perante as mulheres, são taxados de desocupados, vadio e preguiçoso. Também os velhos que fazem dos bares ponto de encontro e jogo de baralho, embora com menos ênfase, são censurados, não sendo bem vistos porque, *"deixam lá o dinheiro da aposentadoria,"*. Assim a imagem de quem vive nesses lugares é sempre ruim. As mulheres são as primeiras a deplorar os bares porque, dizem elas, é lá que fica o dinheiro da comida. Ouvi de uma informante: *"homem que vive em bar, é porque não tem o que fazer, gasta o dinheiro que vai falta depois pra comida pra família (...)"* ou *"família que a gente sabe que o*

---

³⁸ "(...), para constituir a "boa" autoridade, digna da obediência que lhe corresponde, não basta ao homem pegar e botar comida dentro de casa e falar que manda. Para mandar, tem que ter caráter moral. Assim o homem que bebe, perde a moral dentro de casa" (Sarti, 1996: 42).

marido anda nas bodega não ganha ajuda de alimentos do grupo'. Para as mulheres do Grupo São José do "centro" (mais identificadas com a classe média), lazer sadio é freqüentar o CTG-Centro de Tradições Gaúchas, onde toda a família pode estar presente e participar, é uma festa familiar. Mas nem todos gostam ou podem freqüentar tais locais³⁹. Especialmente trabalhadores e trabalhadoras assalariados que não podem se dar a tal luxo; esses, eventualmente, participam de matinês dançantes, nos quais se dispensa roupa especial.

"...patrão a gente já teve e sabe como é, até nos baile tê patrão! dancemo aqui no nosso terrero que aqui é nós que mandemos (risos). Se eu tê conta os baile que nós fazia aqui convidava o compadre S. e a comadre, mais duas, três família tu não vai acredita, tocava gaita a noite inteira, brincava, minhas guria aprenderam dança assim, cada família fazia alguma coisinha pra come e varava (passava) a noite". D. (46 anos, casada, origem luso brasileira, comerciante).

O lazer, para as mulheres e para as famílias mais pobres, também acontece, embora de outra forma e noutros locais e, também, de forma improvisada. Os grupos comunitários por sua

---

³⁹ O CTG -Centro de Tradições Gaúchas - é único espaço físico construído para diversão no bairro. Local de festas e bailes, sua organização interna, de imediato, impõe uma hierarquia facilmente observada. O CTG é composto por um grupo de pessoas escolhidas na comunidade, que reproduz as antigas estâncias ou fazendas de nossa região, onde a autoridade maior é o patrão; depois, segue a patroa, o capataz, o peão e assim por diante, com atribuições mais ou menos importantes, conforme a posição que ocupa na escala hierárquica. Para participar dele é necessário estar vestido de acordo com os costumes gauchescos: os homens pilchados e as moças vestidas de prenda, exigência que, por si só, seleciona os participantes, na medida em que essas vestes não são tão acessíveis e, se forem feitas como manda a tradição; são roupas caras por serem necessários muitos metros de tecido para o vestido da prenda, que arrasta pelo chão, muitas rendas, várias saias de armação que servem para lhe dar volume, sapatilhas etc. Para os homens, botas de couro, bombachas (calças fofas e pregueadas), lenços de pescoço, cinto largo de couro ou faixa de cintura, chapéu entre outros complementos

vez, são também espaços onde se organizam festas de casamento, jantares beneficentes, de preferência *com baile* para os casais e para a juventude, batizados, aniversários. Organizam as missas dominicais ou visitam as "comadres" para as tradicionais tardes de chimarrão e "prosa", mostrando que existe uma sociabilidade intensa e muito própria, recriada no espaço urbano, e que conserva costumes e valores trazidos da cultura camponesa nas relações desenvolvidas no bairro.

II. 4 - Os Grupos comunitários locais: espaços femininos e educacionais

"...é uma luta ...alguém tem que fazê..."

E. (42 anos, professora primária)

"Em Paris, durante a Revolução, as mulheres se levantam para conseguir trabalho à domicílio, e tão turbulentas que por vezes cede-se a elas: mais vale deixar as mulheres isoladas e mantê-las ocupadas em casa do que reuni-las em montes, pois as pessoas dessa categoria são como as plantas que fermentam quando se amontoam (Perrot, 1992:33)"

Não poucas vezes, as muitas revoluções ocorridas no mundo e em nosso país revelaram a presença feminina. No entanto, há uma "outra revolução", que já vem acontecendo e é a mais longa no entendimento de muitas pesquisadoras do assunto, a qual se dá em muitos locais no mundo, em tempos diferentes, em classes diferentes, em múltiplas dimensões, sendo silenciosa, mas constante: é aquela realizada pelas mulheres. Ela acontece no cotidiano, inicia-se no espaço da família e segue ampliando-se e atingindo outras esferas da vida pública.

Para as mulheres pesquisadas, essa luta silenciosa e invisível tem ocorrido no difícil cotidiano que já aconteceu na vida rural, envolvendo hoje as relações costumeiras em seu habitat urbano, especialmente no âmbito da família. *"...quando você é responsável por uma família arranja coragem prá tudo"* D. (46

anos, casada, origem luso-brasileira, comerciante). De trabalhadoras rurais incansáveis, tornaram-se mulheres ainda mais atuantes, agora no meio urbano, dando conta, inclusive, das "obrigações do marido". Localizadas num bairro com muitas carências, elas criaram e deram vida aos grupos comunitários, verdadeiros laboratórios para analisar como ocorreram transformações na relações entre os sexos, na relação com os filhos e com a realidade social em que vivem.

A fundadora do grupo Nossa Senhora Aparecida fala do surgimento do grupo:

"...é aquele dia em vim morá aqui, eu tava sentindo que precisava alguma coisa pras mulher, assim eu nunca tive uma experiência de grupo de mulher, só de grupo jovem, daí, eu disse assim: precisava de alguma coisa muito pras mulher saí, conversa, dasabafa, já que aquela época era uma época difícil pra mim também, fazê alguma coisa. Bem, naquela época se enganjo os tique de leite. Era aqueles tique de leite que o governo dava, pras pessoa carente, era uma associação que ficava encarregada de recebê e fazê a distribuição pras família carente. Só que daí nesse meio tempo, essa mulher tava ajudando nós e enganjada na distribuição do leite, ela também dava aula de tricô, crochê, um monte de coisas. Como eu tava formando o grupo, nós chamamos ela pra trabalha com as mulheres...só que assim, enquanto tinha tique de leite, as pessoas tavam animada, tudo, depois eu não tinha experiência nenhuma, só queria se reuni. No momento em que paro o tique de leite não tinha mais um objetivo... Daí eu tava grávida da C.(filha) e eu pedi pra uma outra mulher continua e simplesmente ela não fez mais reunião nenhuma. E aquela época

nos tinha até livro-caixa, tinha carimbo do grupo, tinha organizado um mundo de coisa e, inclusive, ela (a coordenadora) disse que perdeu, nunca mais...Essa foi uma primeira tentativa de formá um grupo. Daí, depois quando a C.(filha) já era grande, eu organizei novo grupo na igreja velha, uma casa de madeira. Eu chamei de novo as mulheres, convidei uma professora da prefeitura, que foi cedida pela prefeitura, fiz um ofício e daí pedi pra ela vim da aula de muitas coisa pra nós. Porque eu já tinha entendido que grupo não pode tê o interesse das coisa material da hora, não que isso seja bom, mas não pode sê só isso. A professora veio cedida, mas esse negócio de prefeitura, geralmente, tem que tê muito cuidado, porque tem sempre os político que gosta de se aproveita. Então a gente sempre procura, assim, separa as coisa, é um grupo sem fins lucrativo, sem fins político, uma coisa assim prá atende as necessidade das pessoa e das mulher principalmente, porque às vezes tu se reúne, vai pedi alguma coisa prum partido, você já tem a obrigação de vota e, no caso, pedi voto pras pessoa do grupo, entende! Eu não gosto de coisa assim, eu gosto de uma coisa bem sem compromisso, de não devê obrigação pra ninguém. Por isso que eu gosto do trabalho da Cáritas, é um trabalho que é só pra ajudá as pessoa. Foi quando eu conheci a C.(agente de pastoral) que trabalhava com a Cáritas, ela surgiu como um anjo pra mim, porque eu senti necessidade de fazê um trabalho assim de casal também, pra mim e pro meu marido no causo, e aí ela me convido pra fazê o ECC - Encontro de Casais com Cristo. Eu, através dela, entrei nesse grupo, e ali a gente também conheceu outras pessoas, a gente fez amizade, a gente fez um encontro que foi muito bom pra mim e pro F.(marido). Porque a gente era meio isolado, não era muito de tá assim...não pela minha parte, mas pela parte do F.(marido), que ele era de meio de fora, e daí ele

começo vê que a gente tem que se enturmá. Então, segundo grupo foi formado assim, pela iniciativa das mulheres e patrocinado pela Cáritas. Tinha ficado um vazio, daí eu também tava enturmada, e com a ajuda financeira o pessoal começo se organiza melhor, a Cáritas dá o material ou o dinheiro, ajuda na questão financeira, depois as mulhê repõe de novo. Falto experiência minha de deixá outra pessoa, essa professora que eu te falei é da prefeitura, daí eu achei que eu podia saí um pouco, que ela podia leva o grupo. Assim eu sempre faço isso, eu vou lá, organizo o grupo, deixo uma pessoa na liderança, vou lá de vez em quando, mas fico assim mais retirada porque eu tenho as criança, tenho assim um monte de coisa. Eu vou acompanhando, só que eu não fico ali, e o grupo do ano passado reclamo que queria que eu tivesse mais presente. Quando o grupo desanima eu tô lá. Que nem agora a coordenadora a L. (38 anos, casada, migrante italiana, empregada doméstica/manicure) parece que tá com dificuldade prá ir, porque a sogra dela tá doente, talvez ela não consiga. Então, toca de novo, pra mim organiza tudo, não que eu não vá lá ajuda, só que eu não tô podendo ter esse compromisso, de tá lá todo dia, eu tenho oito filhos em casa, por isso que tê essa organização, uma coordenadora, uma secretária, uma tesoureira, e preciso. Eu sou uma ajudante, fundadora, mais só organizo, depois elas toca sozinha, só que tô preocupada porque a L. tem porco pá criá, tem vaca, é brabo e ainda a sogra doente. Eu já aprendi que tem que deixa alguém sempre pra substitui, se falta uma outra encampa, tem que formá mais líder, a C. (agente de pastoral) me disse: V. o grupo são todas não é só você , e eu tento passa isso pra elas. Nesse grupo a gente fez muita coisa, curso de pintura, feira de artesanato, trabalhos de negócio de Natal, enfeite, manicure, curso de alimentação, eu aprendi muita coisa e aprendi mais ainda nos

curso da Cáritas. É o único lugar aqui do bairro que a gente pode ir e fazê essas coisinha e brincá, sai, desabafa, é uma maneira da pessoa dizê: ah! meu marido hoje, tava reinando, conversa uma coisa diferente e troca os pensamento, eu queria tá sempre por lá, mas você vê minha situação, eu sô meio pra tudo em casa, fora..."

V. (35 anos, casada, origem afro-brasileira, microempresária).

Uma das lideranças do grupo São José falou também da importância do seu grupo, principalmente na relação com os demais.

"...o nosso grupo é o grupo que segura os outros, a gente tá em menos gente, tu sabe, mas tamos aqui plantada que nem palanque (mourões), sustentamo a coisa. Quando os outros grupos tão meio fraco a gente vai lá e dá uma empurrada, e tu vê ninguém desiste, a gente as veiz falta, mas desisti nunca, é um trabalho de anos. Temos problemas, as mulher se desentendem também, uma não aceita o jeito de organizá o grupo e criticam valendo; uma ou outra apazigua e fica tudo bem, então aqui é um ponto de socorro pra tudo. As reuniões gerais acontecem aqui, e as grandes feiras e festas da comunidade maior também são aqui organizada porque aqui é o centro do bairro e reúne todas as comunidades, também porque fica pertinho da paróquia. A gente faz de tudo e não ficamo mais sem se reuni, só nas férias damo uma paradinha..." S. (39 anos, casada, migrante de descendência italiana, dona de casa).

"...a gente aqui do grupo se sente contente porque conseguimos criá um grupo por nossa contá, é certo que com a ajuda da Cáritas e da Igreja, mas construído com as mão das mulhê, dos home, das criança, todo que podia ajudava. Foi um

mutirão bonito de se vê, cada um fazendo o que podia, primeiro lutemo pra consegui o terreno na prefeitura, depois marca, fecha e aí cuidá porque tinha gente que queria invadi, bem por fim ajeitemo o terreno. Aí foi outro mutirão prá erguê, então você vê que foi uma coisa batalhada e que nasceu de uma realidade dura. Não foi coisa doada de político, tu sabe como é essas coisa. É uma coisa nossa...e tem servido nós e a comunidade quando alguém precisa, agora quem participa e vai toda semana é só as mulhê..." S. (67 anos, viúva, migrante de descendência italiana, aposentada/artesã).

A Igreja Católica desempenha um papel fundamental na comunidade, à medida que propicia a organização das moradoras criando canais de participação, seja através dos trabalhos pastorais, dos grupos comunitários, da associação de moradores, ou de outros tantos grupos que apóia, como os dos idosos; enfim, propicia a criação de laços comunitários e de solidariedade entre os moradores.

Se, de um lado, o apoio da Igreja é imprescindível, por outro, nota-se que o movimento e a dinâmica do grupo se alteram visivelmente quando o pároco resolve aparecer: as mulheres tornam-se mais formais, os assuntos são outros, perdem a espontaneidade. O padre parece não desconfiar dessa mudança. Diz ele: *"Hoje, em nosso bairro, se elas pararem, a paróquia e os projetos praticamente estacionariam, porque são elas que dinamizam tudo..."* Pe. J. (pároco da Igreja São José)

Uma das participantes mais atuantes é I. (42 anos, casada, migrante italiana, bordadeira) que, no início do ano tornou-se a organizadora do Carnaval da sua comunidade, transformando-o

numa festa de mulheres. O marido não gostou mas ela organizou mesmo assim. S. (67 anos, viúva, migrante italiana, aposentada) diz que ali também se reza e se lê a Bíblia. E diz I., que são vizinhas: *“se diverte e se reza”*.

Embora as mulheres afirmem que esse é um trabalho que não tem nada a ver com política ou política partidária, consideramos que é um trabalho político na medida em que discutem as injustiças sociais e buscam soluções para seus problemas pessoais, das famílias e de outros moradores inclusive, interferindo na realidade do bairro. Não fazem política partidária, mas são intrinsecamente políticas; suas ações têm um valor político, quando são capazes de interpretar a vida social pela via do seu trabalho, descrevendo suas histórias e se localizando no espaço social no qual se inserem. Exemplo disso é a fala desta líder do grupo São Sebastião.

“...nós andamos fazendo algumas campanhas, e depois fizemos doação pra quem precisa, tem uma família ali em baixo, morando num porão, conseguimos alimento. Ensiná como fazê quando tem problema de saúde, como procurá o posto ou o hospital, a gente ajuda em tudo que pode. Nós colaboramos na liturgia, nas feiras, na ajuda aos doente e assim vai. Eu tenho umas idéias, só que eu sei que isso exigiria um pouco de tempo, mas eu tenho um objetivo de fazê junto com a Cáritas, é como pessoa que eu ainda quero fazê. Assim, não é ficá só fazendo os cursinho, mas pode atende mais as necessidade do grupo e do bairro, tá ali, mais junto, chega fazê um levantamento, quantas pessoas, quantas crianças, quantos doentes, fazê uma coisa assim, vê mais adiante, como trata dentro de casa, eu tenho a

situação nas mãos de tudo que acontece dentro de casa, aqui precisaria fazê o mesmo, como tu poderia ajuda a tua vila, o teu bairro, se tu não faz um levantamento, entendeu?...Porque quando você vai fazê alguma coisa, tu não pode ir no escuro,... que nem teve as festinha das criança lá em cima no bairro, no Natal, nós tivemos que se batê, vê onde que tá as criança carente, a gente sabe mais ou menos. Tu tem que tá fazendo a coisa certa, é a mesma coisa que tu tá varrendo a casa, mas tu sabe que tu não tá varrendo a casa direito, é isso aí..." R. (55 anos, casada, migrante de descendência italiana, confeitadeira/padeira).

Ela demonstra uma preocupação social com o bairro, que vai além do seu grupo, além das questões individuais; são preocupações com o coletivo, pensadas através das categorias que constituem o imaginário dessas mulheres, freqüentemente enraizadas no discurso religioso.

A partir da iniciativa e do trabalho feminino, elas conseguem construir no bairro, ao mesmo tempo, um espaço privado e um espaço público: O espaço privado configurado na própria casa e o espaço público, no bairro. Há uma reconstrução de ambos os espaços e a construção de uma visão diferente do papel da mulher na sociedade. A singularidade dessa convergência se dá na construção de um espaço público e de um espaço privado para o grupo, construindo-se enquanto sujeitos coletivos, reconhecendo-se através de experiências e práticas comuns num espaço urbano, possibilitando a emergência de mulheres com posturas diferentes.

"...olha! não foi fácil iniciá o grupo, no começo os marido se botaram contra, diz que a gente ia se reuni pra fazê fofoca, depois que nós ia se atraená no serviço de casa, começaram a criá

desculpa pra naquela horinha a gente não podê sai. Foi e foi, e nós resistindo, não se dobremo, até que eles viram que era uma coisa boa, e hoje até ajudam, mas no começo foi difícil, tem hóme que acha que o lugar de mulher é só em casa...” S. (39 anos, casada, migrante de descendência italiana, dona de casa).

Os grupos comunitários representam o primeiro passo para a inserção das mulheres no espaço público do bairro, propiciando uma maior integração entre as moradoras, criando momentos de lazer e de trabalho agradável para si próprias ou para a comunidade. Nelas, as mulheres criam seu próprio espaço e fazem seu próprio tempo; sentem-se, de certa forma, iguais; contam as suas histórias pessoais, não sofrem recriminações, são solidárias. Num momento de muitas angústias e estresse, elas sabem que têm um tem um espaço onde podem realizar a “catarse necessária”

O ambiente é extremamente barulhento e atrativo. Já ao aproximar-se do local, escutam-se as falas cruzadas, conversas em voz alta, risadas, vozes de crianças. Lá dentro, geralmente sentadas em grupinhos, as mulheres trabalham em costuras, pinturas, criação de novos objetos com sucata, deixando a conversa fluir. Elas falam do bairro, dos últimos acontecimentos, ocupam-se dos filhos pequenos, amamentam, tomam chimarrão.

“...a gente tinha a vida parecida e os problema também, a gente ficava conversando e não resolvia nada, quando veio o apoio da Cáritas e do padre a gente já tinha as idéia na cabeça, então começemos a se organizá, e graças a Deus deu certo. Hoje a gente vê que pobre sozinho já é ruim, então vamo se reuni e dividi as miséria (risos), e se ajudá. Teve gente que desistiu, veio aqui

se aproveito, levo coisa embora, máquina, panela, a gente tinha tudo por aqui..." L. (38 anos, casada, migrante de descendência italiana, empregada doméstica/manicure).

A força do grupo e das mulheres nasce a partir do momento em que se reúnem, expandindo-se, depois, para a comunidade. Foi o que percebemos durante a pesquisa com o grupo de mulheres da periferia. A criação dos grupos comunitários reflete a importância do espaço público para o segmento feminino do bairro, porque, através deles, elas criam estratégias e um modo de ser próprio, bem como se conhecem e implementam novas atividades, que possibilitam uma sobrevivência no meio urbano. A imagem que a mulher passou a fazer de si mesma foi se alterando e gerou maior auto-estima, impulsionando, assim, nas atividades que desenvolvem.

No salão onde acontecem os encontros, a porta fica sempre aberta, propiciando diálogos com pessoas que passam na rua ou na calçada. Seguidamente, uma ou outra mulher para na porta e ali permanece conversando com as demais que trabalham, sendo convidadas também a participar. Algumas aceitam e a turma cresce; outras não; entretanto, não deixam de fazer uma paradinha para "um dedo de prosa". Outras aparecem vendendo roupas, cosméticos, que são provados, cheirados; para elas são oferecidas com condições favoráveis de pagamento, já que se trata de "gente amiga e conhecida"; dessa forma, são constantemente atraídas pelas vendedoras. O ambiente geralmente é bastante descontraído e chamava atenção que, enquanto pintam, ou costuram, algumas contam piadas ou cantam músicas religiosas, românticas, sertanejas, ou se embalam, outras mulheres lamentam-se pelo

fato dos maridos não mais as convidarem para ir a bailes, demonstrando a sua frustração com o casamento.

"...esta semana nosso grupo é responsável pela liturgia, e o padre disse que é pra leva os marido(risos), vocês não têm procuração pra rezá por eles..." S. (67 anos, viúva, migrante de descendência italiana, aposentada/artesã)

"...mulhê quando se acha e começa a proseá é igual botá fogo em capim..." R. (55 anos, casada, migrante de descendência italiana, confeiteira)

Local de intensas trocas, de trabalho e de prazer, os grupos comunitários também são locais de oração, solidariedade e ajuda mútua: aí se trocam receitas, os endereços úteis; faz-se coleta para ajudar uma família em dificuldades, jantares beneficentes, distribuição de alimentos recolhidos na missa de domingo, doação de roupas usadas, feiras de roupas com valores simbólicos. Nessas é cobrada uma pequena taxa sobre as roupas, a qual fica para o próprio grupo *"porque assim elas dão mais valor, quando tem que pagá alguma coisa"*.

Certa tarde, fui chamada com urgência para ajudá-las a resolver o problema de uma mulher "desamparada e desesperada", cujo o marido havia falecido e ela não sabia como encaminhar os problemas de inventário, pedido de pensão. Essa senhora não era participante do grupo, mas ninguém vacilou em auxiliá-la num momento difícil. As mulheres do bairro seguidamente procuram os grupos para solucionar problemas pessoais porque sentem uma certa proteção e segurança neles. Durante o desenvolvimento do trabalho, acompanhei as mulheres em visitas a várias famílias com pessoas doentes. Lembro do caso de uma menina de oito anos que sofreu uma paralisia parcial, que foi muito visitada pelos grupos e

auxiliada economicamente com rifas e jantares beneficentes, amenizando os altos custos da sua recuperação.

Penso que, para as participantes dos três grupos estudados, o mais importante é que a criação desse espaço propiciou uma organização cooperativa, ou seja, com o auxílio da Cáritas e das colegas, as mulheres criaram estratégias, projetos, alternativas que propiciaram criar negócios autônomos, aproveitando-se das capacidades de cada uma. Por exemplo, os cursos oferecidos serviram para aperfeiçoar práticas já aprendidas, como cozinhar, gerando formas de ganhar algum dinheiro, cada qual observando as suas aptidões pessoais. R. (55 anos, casada, migrante italiana, cinco filhos) diz: *“o que fiz foi sempre cozinhar”*; então, resolveu investir no ramo. Isso ocorreu depois que entrou no grupo e, através da ajuda econômica da Cáritas, montou a padaria que sustenta e dá trabalho para mais duas pessoas, entre outros exemplos que já citamos. Muitas participantes do grupo Nossa Senhora Aparecida tornaram-se manicures profissionais, atividades que será melhor analisada no capítulo 3.

Com o intuito de ajudar a comunidade, num certo período as mulheres de dois grupos (São Sebastião e Nossa Senhora Aparecida) criaram o forno comunitário, que poderia ser usado por todas as moradoras que quisessem fazer seu pão, independentemente de serem ou não participante dos grupos. Elas se reuniam uma vez por semana, e todas colaboravam na feitura do pão, que não era cobrado de quem participava; para os não colaboradores, esses eram vendidos a preços irrisórios, o suficiente apenas para comprar farinha para a próxima fornada. “Este trabalho era uma festa,” nos disse uma senhora.

Como se nota, o trabalho realizado pelos grupos comunitários é, portanto, também social. As questões ligadas ao trabalho individual também estão na ordem do dia. Uma grande parte das mulheres são ou já foram em algum momento empregadas domésticas, babás, auxiliares de limpeza, de maneira que a relação patroa-empregada sempre surge na pauta “espontânea” de discussões. Elas reconhecem que há uma relação de exploração por parte de muitas patroas. Diz uma V. (35 anos, casada, afro-brasileira), que trabalhou muitas vezes de empregada doméstica. *“É elas podem trabalhá, estudá porque a gente tá lá fazendo tudo, porque senão o que seria das mulheres sem nós, porque não adianta tê dinheiro se não tem quem faça, (...)”* Declarações como essa resultam em longas discussões, algumas a favor outras contra as patroas. As falas mostram que elas têm opiniões e posições definidas sobre os acontecimentos cotidianos, ao mesmo tempo um que vão delineando um modo de ser e pensar.

Conforme as reuniões vão se sucedendo, os assuntos elegidos parecem ser os problemas mais prementes do momento ou aqueles guardados na gaveta e sobre os quais só se pode conversar *entre* mulheres, conforme revelaram. As mais idosas são uma espécie de conselheiras, sendo mais ponderadas e respeitadas; São elas que melhor orientam sobre tratamentos com ervas, alimentação, cuidados com as crianças; contam, inclusive, “histórias antigas”⁴⁰ e procuram amenizar atitudes mais exaltadas

---

⁴⁰ S. (67 anos, viúva, migrante de descendência italiana, aposentada/artesã) relata o seguinte história: “aqui já foi terra de muita luta entre índios e português, minha avô contava que a maior matança de mulheres aconteceu aqui por perto em Mato Castelhana, a maior judiaria...Os índios vivam brigando com os branco, numa dessas, os índios atacaram um regimento armado e mataram muita gente. Por vingança ao ataque de índios, os portugueses atacaram um acampamento de crianças e mulheres, ali pelo Mato Castelhana, mataram tudo mundo, até hoje a terra ali é mais vermelha, e de noite se ouve gritos e choro de criança...” S. na realidade, está contando um fato verídico (segundo o historiador Ávila) registrado no início do povoamento da região, episódio que ganhou o nome “a matança dos bugres”. O relato diz que essas mortes aconteceram como o revide de um destacamento de soldados que, no período da Revolução Farroupilha,

das mais jovens, principalmente no que diz respeito a relacionamento familiar

No decorrer da pesquisa, percebi como era fundamental conhecer os grupos para conhecer as mulheres e seu cotidiano. Sem a contribuição da Igreja Católica⁴¹ nesse processo, possivelmente muito do já foi realizado não teria a sustentação necessária, porque foi através dos grupos que as mulheres se tornaram visíveis na comunidade. Conforme o pároco do bairro, essa é uma política da Igreja: "realizar a promoção humana da mulher" e valorizar sua participação na comunidade. Ela se torna uma agente socializadora, pois nesse espaço aprende novas técnicas, novos valores, desenvolve novos comportamentos, o que favorece especialmente às pobres e migrante, uma "integração" menos individualizada ao meio urbano, contando nesse processo com o apoio do grupo. Também é possível detectar aí os interesses da Igreja progressista, criando, para as mulheres, espaços de adaptação, que podem vir a instrumentalizá-las, através do conhecimento das possibilidades no meio urbano preparando-as para a luta social mais abrangente. Por outro lado, a Igreja não ajuda no sentido de orientar sobre problemas específicos da mulher, pois ela segue a ótica cristã tradicional, reafirmando posições ortodoxas existentes, como, por exemplo, aquelas relativas a questões como o aborto e os métodos de

---

que seus homens atacados por um grupo de indígenas. Esses, na realidade, já vinham sendo massacrados pelos brancos há muito tempo; então, quando os militares passaram por terras habitadas pelos índios, foram mortos. Num desejo de vingança, os soldados saíram à procura dos índios, porém encontraram no acampamento somente mulheres e crianças. As mulheres foram cruelmente mortas e as crianças trazidas para o povoado e soltas como indigentes.

⁴¹ A igreja não escapa das críticas e/ou elogios dos fiéis, especialmente das mulheres que a frequentam com mais assiduidade e que são severas quando emitem opiniões. Não existem dados quantitativos quanto ao número de católicos ou de outras religiões, as informações são apenas de origem empírica. De acordo com informações dos moradores e do pároco os católicos são dominantes no bairro.

anticoncepção. Também reafirma o papel de submissão da mulher em relação ao marido.

Foi a partir, desta constatação que percebi uma outra, tão ou mais importante: as mulheres, na realidade, se aproveitam do apoio da Igreja, porém formam os seus próprios conceitos, fazendo suas reflexões, discutindo assuntos (tabus) desde o aborto até a Aids, construindo consciente ou inconscientemente uma pauta de temas que interessam ao universo feminino; elas organizam os grupos comunitários de acordo com o pensamento e desejo do grande grupo; comportam-se de forma (aparentemente) tradicional, mas agem no dia-a-dia conforme sua vontade. Não são um "rebanho levado", conduzido pelas formas conservadoras da Igreja. Elas utilizam desse espaço para desenvolvem uma ação estratégica; pensam de forma independente e tornam-se mediadoras indispensáveis de conflitos entre comunidade, família e sujeitos.

Os grupos tornaram-se tão importantes exatamente porque não são somente espaço de filantropia ou de práticas religiosas; são também "*espaços de discussões dos problemas femininos*. A sobrevivência desses grupos se dá, fundamentalmente, em função de terem se tornado uma tribuna de discussões das questões cotidianas ligadas ao feminino, a vida familiar e comunitária, ao trabalho e à história objetiva e subjetiva, passada e presente de cada uma delas. É um processo de tal forma visível que se poderia identificá-los assim: grupos comunitários espaços de feminismo prático.

É possível dizer também que os grupos comunitários podem ser compreendidos sob o enfoque da educação não-formal ou não-escolar, que muito recentemente começou a ser investigada por

estudiosos da educação, ao entenderem que novas formas de educação e novos contextos, que não apenas o da escola formal, devem ser considerados na formação dos indivíduos. Em importante estudo Almerindo Janela Afonso servindo-se dos estudos do sueco Norbert, acrescenta o seguinte:

Acredito nas associações populares como base e ideal para a educação não-formal dos adultos. Nenhuma instituição, na sociedade portuguesa, dá maiores esperanças no que respeita à formação dum novo tipo de educadores e dum novo tipo de educação. Só elas tem a oportunidade única de radicarem as bases da indispensável educação para o desenvolvimento (Norbert, 1983, apud Janela Afonso, 1992).

As participantes tornaram os grupos comunitários do bairro, em espaços de aprendizagem espontânea, onde não existe as figuras do professor e do aluno, existe sim uma intensa troca de experiências em que todos contribuem, falam, ensinam e aprendem. Os trabalhos em alguns momentos são dirigidos, porém, não possuem uma organização ou estrutura rígida semelhante a de outros cursos ministrados para adultos. Inexistem regras ou uma pauta de assuntos definida, as regras são construídas diariamente, no desenrolar dos trabalhos, assim como são definidas as atividades a serem realizadas. A participação é democrática, não existe uma hierarquia rígida havendo, no entanto, um rodízio na liderança dos grupos de forma a propiciar a todas exercerem em alguma momento uma certa liderança. As decisões consideradas importantes não podem ser tomadas individualmente, precisam passar pela discussão do grupo como um todo, mostrando que há

uma auto-organização, com códigos, funções, e ainda que muito flexíveis.

Ao observar a atuação das mulheres migrantes nos grupos comunitários podemos perceber esse intenso processo educacional no qual

...a decisão de aprender é voluntária. Não há uma obrigatoriedade de permanência e de frequência. A participação dos educandos passa por um interesse nas mensagens que são veiculadas, por uma curiosidade em aprender certos conteúdos, por um interesse político associativo na aquisição de certos conteúdos, ou por uma atração pelo ambiente social que é criado no espaço onde se dá o aprendizado. Vemos então que há aqui uma completa inversão, quando se compara esse tipo de educação com a educação formal, que possui um público definido e cativo. A educação não-formal precisa atrair e ser capaz de cativar os seus educandos para poder realizar o trabalho educativo (Von Simson et alii, 1997).

Finalmente se nota que ao participarem do grupo as mulheres são capazes de: cultivarem os valores sociais e culturais para elas fundamentais, aprenderem a buscar novas formas de trabalho, promoverem a solidariedade e a socialização, preocuparem-se com o social, trabalharem de forma voluntária e descentralizada. Estão assim realizando intensa aprendizagem e atingindo paulatinamente a cidadania, negada às mulheres desde longa data.

CAPITULO III

“...a gente esperneia, é briguenta e teimosa, por isso continua...” V. (35 anos, microempresária).

...voltar o olhar para as pessoas e as coisas do presente, para a vida comum e sua diferenciação indefinida. Reencontrar “o gosto da germinação anônima inominável” e tudo o que constitui o vivo do sujeito. Ver o gelo frágil dos hábitos, o solo movediço dos partidos tomados onde se incisam circulações sociais e costumeiras, onde se descobrem atalhos. Aceitar como dignas de interesse, de análise e de registro aquelas práticas ordinárias consideradas insignificantes. Aprender a olhar esses modos de fazer, fugidios e modestos, que muitas vezes são o único lugar de inventividade possível do sujeito: invenções precárias sem nada capaz de consolidá-las, sem língua que possa articulá-las, sem reconhecimento para enaltecê-las; biscates sujeitos ao peso dos constrangimentos econômicos, inscritos na rede das determinações concretas. Neste nível de invisibilidade social, neste grau de não reconhecimento cultural, coube há muito tempo e ainda cabe, como de direito, um lugar às mulheres, uma vez que, em geral, não se dá qualquer atenção às suas ocupações cotidianas: é preciso que “essas coisas” sejam feitas, portanto alguém tem que fazê-las...(De Certeau, 1994: 217).

Nas falas das mulheres, cuja vida é voltada para o trabalho, elas *narram* e realizam na concretude da vida cotidiana, os conceitos elaborados por Certeau. Nas lidas domésticas, entre a cozinha e a máquina de costura, nos grupos comunitários, enquanto passam e lavam a roupa, retomam a memória e vão desfilando suas preocupações, contadas com detalhes e emoção. Privadas do saber oficial, da cultura letrada,

restam-lhes a esperteza, a improvisação, o saber da experiência muitas vezes desprezado, porém, para elas, fundamental. E a teia diária recomeça todas as manhãs.

Sobreviver às duras condições do dia-a-dia parece tarefa que envolve muito trabalho e muitas mágicas e táticas porque é “preciso dar conta”. As preocupações mais urgentes estão voltadas para a família, os filhos, a saúde, a alimentação, a escola, a moradia, o próprio trabalho. Orientada por essas necessidades manifestadas pelo grupo, desenvolvi esses temas tentando captar qual o seu significado e dimensão na vida das mulheres.

III. 1 - Trabalho: eterna busca

“...o pobre é um eterno andarilho, vai onde tá o serviço...”

N. (40 anos, bordadeira)

A vida se faz e é tecida com o fio do trabalho que, para as entrevistadas, se inicia quando ainda crianças, primeiro, no próprio lar e, depois, conforme as necessidades do grupo familiar, também fora dele. É comum aparecerem histórias de trabalho como empregadas domésticas, babás, profissões que, para muitas, seguiram pela vida adulta. A necessidade de trabalhar num período da vida quando deveriam estar brincando é uma experiência sempre muito marcante.

Na trajetória de migrantes e moradoras da periferia, as experiências de trabalho são várias e elas vão criando representações sobre o trabalho. Para o grupo de mulheres, o

trabalho se divide em experiências muito diferentes: o trabalho doméstico, o trabalho remunerado e o trabalho a domicílio¹. O trabalho, para elas, não é somente aquele de que podem auferir alguma renda imediata, fazem questão de incluir entre as formas de trabalho executadas o trabalho doméstico conforme veremos mais adiante.

“...sempre com bastante gente em casa, antes eu fazia comida pros peão das lavoura de arroz que meu pai cuidava, isso quando eu tinha uns treze, catorze anos já que daí as mais velha casaram, então eu fiquei a mais grande em casa. A mãe era muito doente, então eu tive que tomá conta daquela turma, somos treze irmãos, mas na época a mãe ganhô mais uns dois, ou três(filhos). Deveria de tê uns dez, que eu tinha que tomá conta dos pequeno e da casa, a mãe tinha cada ano um filho, parava mais no hospital do que em casa, e nós tirava leite, trabalhei que tá loco, fazia queijo prá vende prá fora...” R. (55 anos, casada, migrante de descendência italiana, confeitadeira/padeira).

“...com sete anos eu comecei a trabalhá, minha família era muito pobre, eu fui pra escola, daí, tinha uma mulher que tinha um armazém, ela precisava de alguém pra cuida o gurizinho dela. Daí, eu estudava de manhã e cuidava do guri de tarde. Estudava e lavava as cagança, me lembro até hoje, chegava de tarde era um tanque cheio de roupa de cocô que ela

---

¹ O trabalho no imaginário das mulheres é visto da seguinte forma: *Trabalho doméstico* é toda atividade como cozinhar, lavar, passar, arrumar, limpar, realizado na esfera privada e não é mercantilizada; o *trabalho remunerado* é o “trabalho fora”, como empregada, seja doméstica, seja como funcionária numa fábrica, na indústria, ou no comércio, geralmente ganhando um salário fixo que não ultrapassa o valor de dois salários mínimos, com ou sem carteira assinada; o *trabalho a domicílio* neste caso, é realizado na própria casa da trabalhadora, sem vínculo obrigatório com empresas, ou fábricas, portanto são trabalhadoras autônomas conforme afirmam; ali confeccionam as mercadorias que são vendidas no próprio bairro e em alguns casos na cidade, são negócios legalizados” *a gente paga alvará e tudo*”.

deixava de molho, prá mim lavá, e eu com sete, oito anos. Daí, ali fui comprando a minha conga(tênis), meu material (escolar), trazia uma margarina prá casa, uma coisa assim...” V. (35 anos, casada, origem afro-brasileira, microempresária).

Criadas com muito rigor e sempre ajudando os pais em diferentes atividades, o trabalho sempre foi uma necessidade para quem precisou se preocupar cedo com o alimento posto à mesa de uma família sempre numerosa. O peso do trabalho se fazia sentir em todos os momentos do dia. As atividades diárias se iniciavam com o nascer do sol e terminavam à noite, quando a casa silenciava e o corpo se encontrava exausto.

“...lá fora, a menina acompanha a mãe, e os menino acompanha o pai no serviço, mesmo as pequenininha. A gente tinha chapeuzinho de palha que a avó fazia, e uma cestinha junto com a mãe na roça. Ia tratá os bicho, quando minha mãe ia tirá leite, ela me levava e me deixava sentada num cochinho até terminá o serviço. Isso cedo de manhã, com oito anos já tirava leite, peguei gosto. Aprendi também a fazê pão, com oito anos eu já cozinhava...” L. (38 anos, casada, migrante de descendência italiana, empregada doméstica/manicure).

“... na roça, os filhos vão atrás da mãe e do pai e já vão aprendendo a fazê o serviço e na cidade, isso não existe, os pais não levam os filhos pro serviço...” S. (67 anos, casada, migrante de descendência italiana, aposentada/ artesã).

“...nóis se criêmo assumindo tudo, essa é a diferença de ontem pra hoje, sem hora pra nada, sem escolhé serviço...” N. (40 anos, casada, migrante de descendência italiana, dona de casa).

As experiências de trabalhar muito cedo na casa dos pais cuidando dos irmãos, na roça, ou na casa de estranhos, como empregadas ou babás, são lembradas com amargura e com um sentimento de expropriação da vida por parte dos pais ou dos patrões². Sentem, ao mesmo tempo, um certo alívio, ao se darem conta que de que seus filhos não estão vivendo a mesma situação. Porém, não deixam de considerar que na zona rural, os filhos aprendiam uma profissão.

“...as crianças fazem o que na cidade? Na colônia, vão prá roça carpi, serve pra alguma coisa. E na cidade vão fazê o quê? Não têm emprego, eles ficam por aí. Eu no meu ver, é bem diferente a cidade, da colônia. Na colônia, eu acho que, pra essas coisa, é muito melhor. Tu vê quanta coisa a gente enxerga, quantos tão aí na rua, a gente vê as piazzada, se fosse morá pra fora podiam tá trabalhando em alguma coisinha. Fala aqui pra vim alguém fazê alguma coisa pra gente? Ah! não vem. São criado diferente, não foram criado que nem a gente, a gente enxerga o serviço, eles não enxergam não...” I. (40 anos, casada, migrante de descendência italiana, bordadeira).

---

² A infância é concebida pelos pais como preparação para o futuro, “não é o momento específico da vida, que deva ser vivido por sí mesmo, com regras e concepções próprias (Martins, 1993)”. Os pais consideram esse o momento de prepará-los para o futuro, e o futuro significa trabalho, um aprendizado que deve iniciar cedo.

“...lá pra fora não tinha como sê vagabundo, o serviço é muito e aí de nós se não fizesse...” S. (39 anos, casada, migrante de descendência italiana, dona de casa).

Embora considerem pesado o trabalho “lá pra fora³”, quando comparam a vida vivida por elas com a vida das crianças, adolescentes na cidade sem trabalho e sujeitos as drogas e outros vícios “sem trabalho sério nenhum”, passam a ver esta experiência com certa positividade, porque, com certeza, “vagabundo não se criava”, além de não estar exposto aos perigos da cidade.

O trabalho é visto como atividade sexuada pelo grupo de mulheres, que não são indiferentes em relação ao sexo⁴: *“tem serviço que é só pra home, outros é pra mulher, a casa não adianta fala é da conta da gente”* S.(67 anos, viúva, migrante de descendência italiana, aposentada). As atividades iniciadas ainda na infância (para as meninas, acompanhando a mãe nas tarefas), seguirão quando solteiras e se intensificaram após o casamento com o crescimento da família.

Para as mulheres de origem rural, há que se considerar que sua participação nas atividades agrícolas se dá como trabalhadoras familiares, ou seja, sem perceberem rendimentos individualizados. No entanto, o casamento, nestes casos, não interrompeu as atividades produtivas; simplesmente, alterou o grupo de trabalho no qual se inseriam: de trabalhadoras complementares do pai, passaram a ser trabalhadoras complementares do marido (Bilac, 1990, Safiotti, 1990).

Trabalho doméstico

---

³ Seguidamente, as mulheres falam em “viver lá pra fora ou morar lá pra fora ou ainda trabalhar lá pra fora”, significam viver na zona rural, morar na zona rural ou trabalhar na zona rural.

⁴ Bilac coloca que: “...tanto na esfera reprodutiva quanto na esfera produtiva, a atividade trabalho é, duplamente determinada - pelas relações de gênero (Bilac, 1989/90, p. 144).

Depois de casadas, como donas de casa, entre outras coisas, elas vão construindo suas trajetórias femininas, especializando-se na atividade doméstica, considerada essencial, assim como nos trabalhos de reprodução, importantes após o casamento. Nas conversas, fazem tudo para mostrar o valor e os méritos que existem em ser “uma administradora do lar”, que luta tanto para fazer render o dinheiro trazido pelo marido quanto contribuindo para o sustento da família, além de realizarem o trabalho doméstico.

“...o serviço de casa não tem fim, porque que é que as patroa reclamam tanto das empregada, é porque não é fácil esse serviço, não é qualqué uma que faz bem feito. Eu te digo duas coisinha só, passá e cozinha, se não subé, não vai arrumá serviço. Mas que nem eu, no meu caso, eu desde cedo faço serviço, tem que tê tanque bom e sabão que preste, você faz esses serviço? (risos) Lava tudo as ropa mais grossa, cintura, as barra, os colarinho de camisa, punho, depois botá no sol prá quará (deixar exposta ao sol) pra limpá, máquina elétrica aqui na vizinhança poca gente tem e, mesmo assim, tem que esfregá antes pra depois lavá, então é um negócio que toma tempo e serviço. Depois passa tudo direitinho, dobra certinho, aqui a gente é pobre, mas não anda sujo...” V. (35 anos, casada, origem afro-brasileira, microempresária).

Contam as minúcias que envolvem o cozinhar, o limpar, lavar, passar, o esmero necessário que todas essas práticas exigem e a ausência, não poucas vezes, sequer de uma palavra de elogio a respeito de suas atividades. Fazem quase que uma espécie de “competição” por limpeza. Se o capricho não é notado pelo marido, bem pode render elogios das amigas e vizinhas, que é onde se dá o reconhecimento do universo feminino. Se, por um lado os homens entendem essas tarefas

como obrigação, por outro, a importância do reconhecimento do valor do trabalho cotidiano, para as mulheres, é fundamental. Para essas mulheres, administrar a casa e o dinheiro ganho pela família é uma grande responsabilidade, especialmente porque não poucas vezes elas são acusadas pelo marido de o gastarem com "coisinhas desnecessárias", seja para as crianças seja para si mesmas. Essa tarefa lhes dá poder, mas também toma outro sentido, que é o de administrar o escasso, que pode significar privação, sacrifício para chegar a sobrevivência.

Essas situações são ilustrativas do quanto é difícil ser uma administradora do lar": Num encontro com as mulheres, perguntei a uma delas se poderia visitá-la numa data próxima ao final do mês, num fim de semana. Ela respondeu: *"melhor no início do mês, porque no final do mês não tenho nada de bom para oferecer, a despensa tá vazia"*. Na mesma oportunidade, o grupo estava reunido para fazer um balanço de atividades do mês e organizando a "Campanha do Quilo". Uma das senhoras fez questão de lembrar que as contribuições para as campanhas da paróquia, só *"tem que pedir as coisa no início do mês, senão o pessoal já tá sem nada da metade do mês em diante"*. É preciso um controle rigoroso da despensa (local onde, se guardam os alimentos). O tipo de alimentação oferecida a família, passa por três etapas em termos de qualidade e quantidade: *no início do mês, está forte, é quando se faz o rancho, na metade do mês, está mais ou menos e, no final, já está fraquinha"* V. (35 anos, casada, oito filhos). Gerenciar o pouco, e não poucas vezes a miséria, é sinônimo de angústia e temor de que falem as coisas mais necessárias para os filhos. Por outro lado, o gesto de oferecer alguma coisa para a visita significa acolhimento, educação; mostra que você é bem-vinda,

além de ser um indicativo que na casa não existe privação, ou seja, ao menos alimentação existe (Silva, 1993)

O trabalho doméstico é visto como positividade desde que não as coisas consideradas necessárias não faltem, ver a família bem alimentada significa cumprir com a função de proteger e alimentar, mais que o trabalho em si, é ser capaz de “dar conta”

Contrariando minha visão de classe média de que o trabalho doméstico é um dos fatores de opressão da mulher, percebi que, para as nove mulheres, o trabalho doméstico no âmbito de uma cultura de origem camponesa não pode ser considerado como a expressão da opressão feminina. Ao contrário, para as nove mulheres com que contatei, ele é antes um espaço de poder *“aqui só eu mando e sei lidar”* S. (39 anos, casada, migrante de descendência italiana, dona de casa). O que é considerado, grave é a escassez; de resto, dizem gostar da lida de casa. Porém, apesar de encontrarem certo prazer em prover a mesa e conservar em bom estado o espaço do lar, elas não aceitam uma carga excessiva de trabalho doméstico, principalmente depois que conseguem obter alguma contribuição para o orçamento familiar.

“...eles acham que é nossa obrigação e pronto, home é assim minha filha...” S. (67 anos, viúva, migrante de descendência italiana, aposentada/artesã).

“...comigo dona S. depois que comecei a trabalhar fora o meu marido começou a tê que ajudá pelo menos em alguma coisa, a gente não é boi de carga...” L. (38 anos, casada, migrante de descendência italiana, empregada doméstica/manicure).

As mulheres mais jovens têm maneiras de pensar e agir diferentes e, aos poucos, estão mudando o comportamento dos maridos; já as mais velhas, sempre aceitam os comportamentos comuns ao velho estilo tradicional comum no meio rural.

“...só quem faz é que sabe. Levanto cedo, faço o café, daí chamo o E. (marido), despacho ele, chamo as filha, olho se não tão saindo de qualqué jeito. Depois tem que limpa lá pra dentro, arrumá as cama, corro um poquinho no tanque que é pra não dexá acumulá roupa suja. Vem de lá botá ferve o feijão, esse eu já deixo de molho na noite anterior, senão não cozinha, e faz isso e faz aquilo, de tarde passá roupa, termina a limpeza, a gente nunca termina, é um serviço de muita paciência, a gente cansa, mas quando faz pros da gente é bom, agora quando é na casa dos outros...” I. (42 anos, casada, migrante de descendência italiana, bordadeira).

“...a casa da S. (vizinha) eu nunca vi igual! Dá pra se espelhá por tudo, que coisa mais linda, um soalho que a gente fica boba como essa mulher segura limpo assim a casa, tudo arrumadinho, tá loco...” D. (46 anos, casada, origem luso brasileira, comerciante).

Elas consideram que essas atividades essenciais para a vida da família ainda não são devidamente reconhecidas e, como na divisão sexual do trabalho, inclusive na cultura camponesa tradicional, o espaço doméstico cabe à mulher; os homens, mesmo nas famílias pobres, tem pouca ou nenhuma participação no espaço privado, salvo em alguns casos.

...por isso muitas vezes ele é considerado apenas como complemento do trabalho masculino, ocultando seu papel de produtor de valor necessário à reprodução da família. A divisão sexual do trabalho que opõe o masculino ao feminino, segundo as autoras é uma construção sócio-cultural que define esferas de atividades para homens e mulheres (Pitanguy, Barsted, apud, Bruschini, 1993, p.89)

Conforme as relações sociais de produção estabelecidas na sociedade, o trabalho doméstico se modifica com relação aos instrumentos, às matérias-primas, ao seu modo de realização; o que não tem se modificado muito é o fato de que seu agente principal permanece sendo a mulher. Mas, de qualquer forma, não é sempre o mesmo trabalho nos diferentes momentos históricos e nas diferentes camadas sociais (Bilac, 1990).

Independentemente dessas questões, as mulheres vêm de forma positiva o trabalho no lar considerando-o um investimento que fazem na vida das pessoas que formam seu grupo afetivo mais significativo⁵. *“...a casa é o lugar da gente, onde a gente se sente bem, mesmo com todas as encrenca que tenha...”* I. (40 anos, casada, migrante de descendência italiana, bordadeira). Existe uma positividade no trabalho doméstico e sua relação com a família e a casa que vai muito além do lavar, cuidar, passar, cozinhar, que define também um modo de ser mulher, juntamente com a maternidade. Por meio do trabalho

---

⁵ Certeau fala da casa dizendo: “...Aqui a criança cresce e acumula na memória mil fragmentos de saber e de discurso que, mais tarde determinarão sua maneira de agir, de sofrer e desejar. Aqui podemos convidar os amigos, os vizinhos, evitar os inimigos, o chefe do trabalho, por tanto tempo quanto permite a frágil barreira simbólica entre o privado e o público, entre uma convivência eletiva, regrada pelos indivíduos, e uma socialidade obrigatória, impostas pelas autoridades. Aqui as famílias se reúnem para celebrar os ritmos do tempo, confrontar as alianças, superar as provas, todo aquele longo trabalho de alegria e de luto que só se cumpre “em casa”, toda aquela lenta paciência que conduz da vida à morte no correr dos anos (Certeau, 1994, p. 206)”.

doméstico, e do esmero com é feito, realizam-se valores morais fundamentais, relacionados ao espaço da casa; sobretudo a limpeza e a alimentação são atividades que realizam as mulheres: *"ver a casa limpa e organizada e poder fazer a comida que se gosta é uma satisfação..."* confessa uma informante.

Se percebe que as mulheres envolvidas com o trabalho doméstico⁶ estão mais informadas sobre os acontecimentos sociais, acompanhado através dos meios de comunicação, formam suas opiniões, influenciando a opinião dos familiares, e as decisões da comunidade à qual pertencem. Mostra também que o trabalho doméstico não as isola, aliena ou marginaliza, pois elas estão participando de tudo. Quando houve a instalação de uma feira de alimentos no bairro, elas formaram uma comissão para dar sugestões de horários, dia e local que ficava mais a contento das donas de casa.

As entrevistadas relataram que, enquanto fazem a "lida do dia", vão se "atualizando" sobre as novidades do bairro, da cidade, do país, porque todas, curiosamente, trabalham acompanhadas de um radinho, ouvindo notícias, músicas, horário policial, as propagandas; ficam sabendo sobre os preços mais baratos, enfim notícias que não chegam aos ouvidos dos homens que estão fora de casa.

"...quando o Juca chega em casa ao meio dia ou de noite, enquanto come eu vô contando as notícia pra ele todo o programa do Júlio Rosa (locutor mais popular da cidade), a senhora já paro pra escutá o programa dele, ele é bom porque

---

⁶ "...é preciso não esquecer que o trabalho doméstico não é realmente *um* trabalho mas, sobretudo, *trabalhos*. Com esta afirmação se pretende estabelecer não apenas o fato de que o trabalho doméstico é composto de tarefas variadas, mas sobretudo que se trata de um conjunto de atividades altamente variável (Bilac, 1989/90 : 151)".

ele conta tudo desde informação boa até os crime, assalto, briga nos bairros, se tivé uma queixa é só ir lá, agora ele saiu da rádio Uirapuru e tá na Planalto (outra rádio), ele traz médicos pra explica sobre as doença, tem gente daqui que eu até liga pra lá fazendo pergunta...” S.(39 anos, casada, migrante de descendência italiana, dona de casa).

“...não podemos fazer uma oposição radical entre esfera doméstica e esfera do trabalho, considerando como universo do privado e a segunda como espaço que garante a entrada dos indivíduos mundo público, que teria como expressão mais alta a participação política (Lobo, 1991: 68)”.

As mulheres, sem dúvida, estão mais informadas sobre o cotidiano do bairro, da cidade do que os homens, ou, pelo menos a notícia chega antes à esfera doméstica; por isso, elas formam opiniões e divulgam as informações rapidamente. E o local onde correm as notícias são os grupos comunitários, espaço onde as mulheres vão descobrir o apoio necessário para iniciarem o trabalho que lhes trará alguma remuneração.

Por outro lado, elas reconhecem as exigências do meio urbano e do meio rural como sendo também muito diferentes: lá, qualquer roupa, qualquer alimentação atendia às necessidades; na cidade, por sua vez, as mães também estão preocupadas com o apelo ao consumo que invade a vida de todos. E os filhos são os primeiros a solicitar coisas novas que estão muitas vezes fora do seu alcance econômico, o que elas alegam elas que este é mais um motivo para que busquem trabalhar de alguma forma. Queixam-se dos filhos, especialmente os adolescentes, que são presas mais fáceis da aparência.

Trabalho remunerado

Premidas pelas dificuldades econômicas, pela incapacidade do companheiro de manter com seu salário o grupo familiar, pelos desejos de consumo veiculados através dos meios de comunicação de massa, pedidos dos filhos, além da vontade de ter uma alimentação mais consistente, elas acabam procurando atividades remuneradas no espaço social do bairro ou da cidade. Sem qualificação profissional e se sentindo responsável pelos filhos, elas não têm encontrado condições de seguir uma “carreira”, mas sentem que a esfera do lar é sua responsabilidade e precisam resolver o impasse de atender a todas as necessidades ali surgidas.

“...o aperto táva tanto, que mesmo com os pequenos em casa eu tive que ir procurá serviço. Deixava os maior cuidando dos menor, mas a gente sempre tá com o pensamento em casa...Foi que os gêmeos começaram a ficá doente e o F. (marido) começô a se preocupa, e me disse: volte pra casa e fique cuidando só das criança, eu vô dando um jeito”. E eu pensei: não adianta saí e deixá os coitadinho doente em casa, pegá uma doença crônica, as menina fazem o que podem, olha elas dão banho, dão comidinha pra eles, cuidam pra, não ir na rua, só que elas são nova, elas também querem brincá. Teve uns dia que cheguei antes, elas tavam andando de bicicleta pelas rua e eles na frente da casa. Vai que passa um carro, e nunca é que nem fosse a mãe cuidá, então melhor ficá por casa...” V. (35 anos, casada, afro-brasileira, microempresária).

O trabalho feminino extra-lar não depende, no entanto, apenas do desejo de buscar uma atividade remunerada e das

oportunidades oferecidas pelo mercado; está diretamente relacionado às fases da vida familiar. É preciso considerar outros elementos, como filhos pequenos muito dependentes; em alguns casos, a aceitação ou não do cônjuge ou a existência de uma ajuda familiar que a libere de certos encargos. É a presença desses elementos intermediários, interpostos entre ela e o mundo, que colaboram para sua dependência e permanência maior no espaço da casa, onde elas sentem a pequena margem de controle que dispõe sobre si mesmas; sua vida se confunde com a vida dos familiares. Todavia, o núcleo definidor das representações das mulheres; está se transformando, e não somente a família e suas relações são importantes, mas está abrangendo cada vez mais o espaço fora do lar, porém sempre com dificuldades e buscando conciliar à esfera do trabalho com a esfera da vida privada. Como esclarece Bruschini, são importantes nesse processo:

“...a posição que ela ocupa na família, a classe social à qual esta pertence. Se é mulher casada e, ainda mais se tem filhos pequenos, é provável que permaneça no lar, não só porque o mercado de trabalho lhe oferece menor número de opções, mas também porque sua presença junto à família é necessária. Se é solteira será acionada pela unidade doméstica para o desempenho de atividades produtivas de mercado, o que propiciará a ampliação da renda familiar. Bruschini (1989:11)”.

Tendo ou não o homem um papel mais proeminente na família, a inserção da mulher no mundo do trabalho não depende unicamente da aceitação dos maridos e pais; torna-se uma questão de sobrevivência e determinação pessoal.

As mulheres criaram uma certa resistência em procurar algum tipo de trabalho remunerado, marcadas que foram por experiências negativas na infância ou na adolescência. Porém, as dificuldades encontradas quando da chegada ao meio urbano, somadas à situação conjuntural, não lhes deixou escolha. As opções para uma mulher casada, com pouca ou nenhuma qualificação são os trabalhos mais sujos, pesados, mal-remunerados.

"...eu trabalhei de lavadeira nas casas em São Paulo quando meu marido era motorista por lá..." S. (39 anos, casada, migrante de descendência italiana, dona de casa)

"...eu trabalhei nas casas de empregada por muito tempo, precisava criá os menino, tinha me desquitado e ainda não tinha feito o magistério..." E. (42 anos, separada, origem luso brasileira, professora primária).

"...eu fui merendera e faxineira muitos anos da escolinha lá de Ernestina, não tem coisa pior que limpa a sujeira que os outros fazem. E a gente era fiscalizada, não fizesse direito fazia duas veiz, quando casei o E.(marido) me disse pra largá..." I. (40 anos, casada, migrante de descendência italiana, bordadeira).

"...o negócio é que te pagam mal, se me pagassem bem eu ia junta até estrume com perdão da palavra, agora só querem te explorá, então preferi toca meus negócio diferente. Agora se não tem outro jeito a gente tem que ir, fazê o quê, não vai deixá as criança passá as necessidade das coisa. Eu penso assim, não sei se tá certo, cada uma aqui é quem sabe do seu causo como é, como diz o ditado: cada sabe onde aperta o sapato ..." R. (55 anos, casada, migrante de descendência italiana, confeitadeira/padeira).

Confirma-se, pelos depoimentos, que a experiência do trabalho remunerado foi vivida por quase todas elas, tanto no meio rural quanto no urbano, e tem um duplo e ambíguo sentido: um positivo e outro penoso, ou seja, é importante na medida em que propicia a sobrevivência, atende as necessidades mais imediatas, embora se sintam muitas vezes exploradas e controladas. N.(40 anos, casada, migrante de descendência italiana, atualmente dona de casa), já trabalhou de empregada doméstica, diz:

"...quando precisei foi bom porque ajudo, mas no fim patroa muito boa, no fim você se torna escrava, a gente vai ficando meio desconfiada...Aí lá na casa da dona. M., um dia sai às cinco, outro dia às seis, é difícil, seguido a gente perde o ônibus. Um dia a comida tá boa no outro reclamam... Ou ficá dando coisa depois querendo cobrá em serviço, isso não é certo, porque a gente precisa é do dinheiro, que dá; então dê, mas não ficá devendo obrigação. Agora tem as mais boazinha, que não são reclamadera",

Uma grande maioria viveu a experiência de ser empregada doméstica, e nessa atividade a relação está sujeita a muitos atritos, É a relação conflituosa entre mulheres da classe social diferente e a confusão que acontece nas relações domésticas quando trabalho e afetividade se misturam, gerando abusos, além de ser um segmento (em nossa cidade) pouco organizado. De um outro lado, o essas atividades tem um valor significativo na medida em que representam para as mulheres certa autonomia no nível familiar e pessoal, proporcionando-lhes alguns benefícios sociais. Porém, continua sendo visto com uma situação indesejável e suportada quando necessário. A pouca

valorização social tem sido outro elemento que constrange as mulheres *“eu acho que é um serviço inferior, eu não digo que sô doméstica”*.

“...eu já trabalhei muito pra fora. Precisa, tem que ir. Uma vez foram me buscá em casa, era pra sê doméstica, eu tava querendo ganhá uns troco pra fazê meu enxoval, eu não era noiva, mas já pensava fazer devargazinho. Guria, eu fui, era um casa com cinco criança, tudo meio pertinho de idade, tá loco. Fiquei quase doida de tanto serviço, a mulher até que não era ruim, mas não compensô, porque combinamo salário, mas ela descontô a comida e a cama, viro em metade. Aguntei dois ano, depois vim me embora, eles sentiram demais quando eu saí. Hoje ainda tô trabalhando de doméstica, mas é temporário, porque tô aprendendo o trabalho de manicure, que é melhor, quando pude quero tê meu próprio negócio, tu sabe, patrão tem de bom e tem de ruim ...” L. (38 anos, casada, migrante de descendência italiana, empregada doméstica/manicure).

O controle, a dependência são características do trabalho remunerado, é percebido como sendo “penoso, sacrificoso”, serviço por necessidade. A essa visão se soma uma outra dimensão negativa da própria atividade exercida, definida sempre em termos de oposição: cansativo/tranquilo; sujo/limpo, barulhento/silencioso, pesado/leve (Silva, 1993). Em quase todas as falas, as mulheres enfatizam as relações com o patrão ou com um fiscal (boas/más); a importância do ambiente também conta.

“...eu já trabalhei pros outros, tá louco. Quando acha uma pessoa ruim é um sofrimento, é sempre uma trabalhadora sem fim. As pessoa acho que você é máquina, porque não pára de mandá, e ai de você se o patrão te encontra meio na folga. Eu trabalhei de balconista num armazém, e era serviço, de segunda até sábado de noite, eu trabalhava, e chegava em casa e ainda ia fazê o serviço que faltava. Que nem lá no mercado, era bom umas coisa, mas era ruim outras, a gente sempre tinha que tá fazendo alguma coisa, mesmo quando não tem serviço tem que disfarçá e fazê de conta, porque se não te olham com olho torto. Eu fazia assim no mercadinho onde eu trabalhei. Agora não dá pra falá nada tudo gente de respeito...” D. (46 anos, casada, origem luso brasileira, comerciante).

“...eu não aguentei trabalhá como empregada doméstica porque era casa de gente muito rica e exigente. Queria os rodapé lustrado todo dia, era uma casa de dois piso, enorme, não vencia. A patroa era boa, mas tinha que fica no meu lugar, e eu sabia disso, então surgiu o A.(segundo marido) e eu graças a Deus voltei trabalhá só na minha casa...” S.(67 anos, viúva, migrante de descendência italiana, aposentada/artesã).

“...eu já trabalhei em fábrica, mas era muito puxado, pagavam mal, fazia serviço por dois home e ganhava menos, pra volta pra casa não tinha ônibus que nem agora,se arriscá de noite, era uma cansera, daí o E.(marido) disse fique por casa, que é melhor...” I.(40 anos, casada, migrante de descendência italiana, bordadeira).

Da ótica das trabalhadoras o trabalho remunerado é vivido na perspectiva de sua transitoriedade, ou seja, faz-se

quando muito, necessário, é um sacrifício transitório. Há também a visão das dificuldades que a empresa ou o patrão criam ao trabalho da mulher casada, que está mais sujeita a faltar pela doença de um filho, uma gravidez, enfim, problemas associados a condição feminina.

Ao mesmo que vem acompanhado de uma representação negativa, o trabalho remunerado acaba sendo descontínuo⁷, isso ocorre por motivos como o casamento, a chegada dos filhos; a doença de um familiar, e há percepção de que o trabalho que está ao seu alcance é precário e feito por obrigação. Por outro lado, o trabalho da mulher traz a satisfação de "ter o seu dinheiro, pras suas coisas, aquelas consideradas pelo marido como supérfluas", contribuindo para a afirmação em algum nível de sua individualidade, ainda que o rendimento seja aplicado também em gastos necessários com filhos e com a casa. Não são poucas aqueles que contam guardar sempre algum dinheiro oriundo de serviços que fazem ou que o marido dá para as despesas da casa, esse com outras necessidades que não são consideradas prioritárias, como roupas, presentes, guloseimas ou, mesmo, um eletrodoméstico recém-lançado. A experiência de ter algum tipo de remuneração leva as trabalhadoras a não mais desejarem ficar somente na condição de donas de casa. A fórmula e as respostas buscadas para este impasse, serão encontradas nas discussões dos grupos comunitários, Elas vão buscar as respostas nos grupos

---

⁷ Saffioti, na obra: *Violência de gênero*, (1995, p. 80) traz dados importantes sobre a realidade atual do trabalho feminino: "Na crise atual, as mulheres vêm sendo menos atingidas pelo desemprego do que nas anteriores. Tem aumentado a participação feminina na PEA: era de 31,3% em 1981, tendo passado para 35,5% em 1990. Isto significa que a taxa de atividade feminina tem crescido mais aceleradamente do que a masculina, tendo esta última aumentado de 74,6% em 1981 para 75,3% em 1990, enquanto a primeira passou de 32,9% para 39,2% no mesmo período (PNADs, 1981; 1990)." Entretanto, isso não significa melhores salários ou condições de trabalho satisfatórias.

comunitários. Neste espaço é que esse impasse será solucionado.

Trabalho a domicílio

A grande solução para o trabalho feminino desse grupo de mulheres será o trabalho a domicílio. As representações do trabalho a domicílio⁸ são de um trabalho *"mais bom de fazer, mais livre, sem chefe"*, com autonomia mantendo o domínio do espaço, do próprio corpo e do tempo. Parecem conseguir manter uma relação positiva e prazerosa com esse tipo trabalho.

"... aqui na padaria eu abro a hora que eu quero, faço as coisa que eu quero, e me esforço porque sei que é meu, depende de mim. Também é sofrido, mas é muito diferente do que você tê atrás um sujeito te cutucando. Você nunca sabe se tá agradando, precisa uma coisa tem medo de pedi, e depois nunca sabe até que dia te querem. Com o A. (marido), foi assim, ficô doente, vai pro mundo, se vire, enquanto tinha saúde serviu... Agora aqui eu sô a chefe (risos), e a gente atende a casa e faz nossas coisinha, quando cansa entra lá pra dentro toma um chimarrão, come alguma coisa e vai tocando. Tem que dá sempre uma mão pro A. (marido) agora meio-paralítico. E as

---

⁸ Segundo Abreu e Sorj - que utilizam a definição adotada pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), o trabalho à domicílio implica uma relação de subordinação a um empregador que controla as decisões técnicas econômicas da produção e nesse sentido poderia ser considerado como um trabalho assalariado...as qualidades valorizadas nesse ofício são a pontualidade, a autodisciplina e a responsabilidade (Bruschini, Ridenti, 1993, p. 85). A forma como analiso o trabalho domiciliar das trabalhadoras do bairro São José se assemelha a de Silva (1979) esse é o único que analisa o trabalho domiciliar como aquele que é realizado por conta própria no domicílio e não em regime de subcontratação. A trabalhadora por ele investigada é uma produtora independente que controla os instrumentos de trabalho e seu ritmo, a matéria-prima e o produto final. As costureiras entrevistadas pelo autor são produtoras de mercadorias para o "público", estando sujeitas portanto a uma rede de relações pessoais para o escoamento de seus produtos. O preço da costura não é determinado pelas condições intrínsecas do processo de trabalho, mas sim pelas possibilidades financeiras da freguesia, por isso está intimamente relacionado com o local de moradia da costureira.

vizinha sempre tão por aí, qualquer coisa gritam a gente tá por perto, acompanha meio tudo, É pôco o dinheiro, porque aqui tem muita gente carente, mas é tudo muito certinho, o meu dinheiro é pra tudo...” R. (55 anos, casada, migrante de descendência italiana, confeitadeira/padeira).

“...na minha idade, foi a solução que eu achei, foi fazê as bonequinha. Desde cedo, eu aprendi bordá, tricotá, costurá. Hoje o salário tá uma miséria, eu tenho o Antonio pra ajudá, se bem que ele me ajuda fazendo os palhacinho de pano. Mas sabe o gasto com comida, remédio, luz todo mês, então foi o jeito, hoje a gente não vence as encomenda graças a Deus. O pessoal vem aqui em casa buscá. Faço o serviço da casa de manhã e de tarde venho pra o grupo e só trabalho no artesanato. E você sabe de início quem me ajudô foi as mulher daqui, traziam as coisa prá mim. Assim material que precisava, ajudava a vendê, e elas me disseram: “dona S. por que a senhora não faz em bastante quantidade prá vendê fora, nós ajudamo...” S. (67 anos, viúva, migrante italiana, aposentada/artesã).

V.(microempresária) é outro exemplo muito forte de liderança na família, de iniciativa e luta pela sobrevivência do grupo familiar, equilibrando o cuidado dos filhos com o trabalho autônomo a domicílio.

“...eu não tenho medo do desemprego, porque o pessoal já tá, não sei se tu assiste Pequena Empresas e Grandes Negócios de manhã. O pessoal tá inventando, tá criando, eles criaram um tijolo que não precisa de concreto, eles tão criando, um tijolo que um embute no outro, é com terra e 10% de

cimento, é um tijolo impressado no outro, é um tijolo que amarra no outro e daí fica o buraco e eles colocam o ferro, então tu economiza 60%. Então, as pessoa tão procurando recurso, criando, porque o governo tá dando mais bola para as pequenas empresas, porque ele sabe que ali tá se criando as idéia, entendeu? Olha, eu tive situação que eu deixava as criança vinte minutos sozinha, com eles pequenininho pra mim entregá pastel num colégio. Eu tinha a Márcia, tempo que nós compremo nosso terreno. Tinha quinze minuto de intervalo no colégio. Eu deixava o piquinho pra eles se precisava levantá, tudo as coisinha em cima da mesa, comida pra eles comerem, sem faca, a Márcia era pequena e a S.(filha), era mais ou menos uns toquinho assim. Eu ia lá, levantava às seis horas pra fazê meus pastel, sonho, essas coisa assim prá vendê. Ia lá, tinha intervalo de quinze minutos pra vendê, na volta passava no armazém, eu comprava café, sabão, leite, essas coisinha miúda, entendeu? Porque o F. (marido) recebia o dinheiro dele, ele fazia o rancho e guardava tudo, ele chegava em casa, ele tinha o orgulho de dizê: Vera tá tanto na nossa caderneta de poupança! Aí, eu criei essa idéia de vende os pastel, da fábrica, eu disse: "vô ganha dinheiro nesse intervalo aí". Então o desempregado mesmo é aquela pessoa sem idéia, sem objetivo. Se tu sai do emprego que nem eu, tu cria alguma coisa, tu não passa fome, eu vô fazê um tricô, um crochê, vô arrumá dinheiro emprestado, vô vendê, vô continuá. Por isso, que eu não tenho medo de passá fome, eu tenho medo de problema de saúde, isso não depende de mim. Se você acredita essa idéia dos palanque (mourões), foi idéia minha, minha e do Espírito Santo que me dá (idéias), porque eu não fico me elogiando, porque eu acho que me inspira uma coisa muito forte, e eu tenho muita fé em Deus, em Jesus, chega me dá um calor de emoção quando eu penso n'Ele. De meio-dia a gente no

almoço, então a gente fez uma oração de mãos dadas em volta da mesa e eu posso dizê que é uma coisa muito forte. Eu acho que as pessoa tinham que pensa o que elas gostam, de criá, agora nem sempre tu pode fazê coisa que gosta. Eu me lembro um dia, eu disse assim pro meu marido: "F.(marido) você vai fica sempre de cobradorzinho de (ônibus) de meia-tigela? Ele nunca esquece que eu chamei ele assim, só que serviu pra sempre, daí uns tempo, ele pegô o dinheiro das férias dele e investiu na carteira de motorista, hoje é motorista de ônibus, entendeu? As veis, tu não pode só dá elogio, eu sempre digo pras pessoa minhas amigas, mais querida, que elas têm a liberdade de puxá a orelha minha, porque só assim que vô cresce. A gente deixa elas bem a vontade, pra elas me dizerem as coisa, a gente muda, e então foi uma coisa assim impressionante, eu dizendo isso pra ele. E daí, uma vez, meu cunhado sempre foi cobrador, eu disse assim por que tu não trabalha de pedreiro, tu ganha muito mais de pedreiro do que de cobrador. Daí ele disse assim pra mim: "Eu não vô estraga minhas mão de pedreiro". E quem diria, que hoje em dia ele iria tá adorando fazê os palanque (mourões) dele que nem nós e a próprias coisa dele, sê dono do negócio...Aqui em casa o meu pai faz a parte de ferro, e eu e o F.(marido) concretemo e essa idéia nasceu nem me lembro se foi antes dos nenê nasce ou depois. Um dia eu disse pro F.(marido): "Por que você não faz palanque pra vende em quantidade? Você faz com o meu cunhado ele é pedreiro. Aí eles foro fazê só que o F.(marido) tinha o trabalho dele, era fixo, se chovesse ele tinha o dele, e o meu cunhado não, dependia disso. Daí ele disse pra nós eu não posso dependê da venda dos palanque pra sobrevive, daí como é eu vô fazê? Tu não, tu se não vendê os palanque, tu ganha teu dinheiro. Então o F.(marido) botô lá em casa a oficina, trouxe o material pra nós fazê aqui, daí

compremo uma máquina usada e fazemo tela também e palanque(mourões). Como a gente muda, né, por exemplo, um dia tu pode não gosta duma coisa, outro dia tu pode gosta dessa mesma coisa. Quando que eu iria trabalhá com cimento? Então a gente não pode dizê: "Dessa água eu não bebo". Tudo é experiência, você tem que aprendê de tudo, se um dia tu te apertá, tá aqui uma horta tu vai sabe, não vai morrê de fome, que nem a S.(filha), ali eu disse pra ela, quando tu casá, tu já tá trabalhando aqui com teu pai, com nós, tu não vai sê uma mulher que vai fica lá dentro, e teu marido se matando, tu vai tá ali com ele, isso elas já tão aprendendo" V. (35 anos, casada, afro-brasileira, microempresária).

Sem dúvida é a família que representa a ajuda mais significativa para as trabalhadoras domiciliares, filhos e maridos acabam sendo incorporados muitas vezes na feitura dos produtos, dividindo tarefas para o sucesso do negócio. Pode-se afirmar, que uma das motivações preponderantes para o trabalho a domicílio se apoia na possibilidade de acomodar o exercício de uma atividade geradora de renda com as exigências da dinâmica familiar.

Essa atividade tem se apresentado como uma alternativa para as mulheres,⁹ que estão investindo nesse tipo de atividade como forma de driblar os problemas econômicos. Cada vez mais as mulheres se ocupam fazendo trabalhos em casa. São doces e salgados para vender no bairro; venda de roupas usadas; costuras e manicure; pequenas lojinhas. Já estão conseguindo consumir mais comprando produtos que noutra situação seria impossível ou consideradas supérfluas.

---

⁹ De acordo com pesquisa realizada pela Universidade de Passo Fundo sobre o mercado informal, 70.13% das pessoas que exercem essa atividade são mulheres (Moretto, 1996).

*“esse sofá , essas cama das criança tudo foi comprado com o dinheiro do meu serviço”*N. (42 anos, casada, origem luso brasileira, dona de casa).

“...essa máquina de lavar roupa eu aindo tô pagando com o meu trabalho, o E.(marido)i nunca quis me dá, ele dizia prá que essas coisa?...” I. (40 anos, casada, migrante de descendência italiana, bordadeira).

Ao mesmo tempo se nota que, ainda que a mulher contribua tanto ou mais que o marido, o homem é o responsável pela alimentação, porque na divisão de responsabilidades, cabe a ele a função de provedor. Entretanto, o que as mulheres chamam de “muidezas são, na verdade, necessidades tão básicas quanto a comida.

No processo de organizar um trabalho, a situação familiar¹⁰ é o fator mais importante e considerado pelas mulheres, enquanto para os homens a escolha pode ser determinada por outros fatores e preferências. O bordado, a costura, o preparo do pão e outras atividades que realizam, estão de tal forma entrelaçados com o trabalho doméstico que fica difícil para as entrevistadas calcular exatamente quanto tempo dedicam estritamente a um e a outro, de tal maneira que o tempo da família, o tempo do lazer, o tempo do trabalho

10 Com o capitalismo e, mais precisamente, com a Revolução Industrial, a organização familiar também sofreu profundas alterações no seu conjunto, visto que o espaço do trabalho era por excelência também o das relações familiares, e agora assume características específicas, definidas e demarcadas pelas relações sociais de produção necessárias ao desenvolvimento do sistema. A família perde seu caráter de unidade produtiva na medida em que deixa de produzir a maior parte dos meios de vida necessários ao consumo de seus membros, meios esses que são produzidos nas fábricas, estabelecendo-se, assim, uma separação entre o mundo do trabalho (o público) e o da família (o doméstico ou privado), à qual corresponde também uma nítida divisão sexual do trabalho. Não sei se será exagerada a comparação, mas, em certa medida, o que está acontecendo com o trabalho feminino a domicílio é uma volta à situação anterior, ou seja, o lar volta a ser o espaço de atividades produtivas e reprodutivas, com a diferença de que o homem não está mais presente nela, acarretando mais trabalho para mulheres. Essas, na prática, passam a atuar

doméstico, parecem superpostos no caso das mulheres entrevistadas.

O que é importante destacar, no caso em estudo, é que tais iniciativas não são tomadas individualmente; são coletivas, recebem o apoio dos grupos comunitários, não só na criação da atividade como na venda dos produtos. A oportunidade oferecida pela Cáritas e a coragem de “fazê o negócio sozinha” propiciaram a R. uma melhoria significativa na qualidade de vida, através de uma padaria .

“...resolvi enfrentá sozinha, fiz o negócio por conta, porque chamei várias vizinhas, ninguém quis entrá, todo mundo fico com medo. É uma responsabilidade, porque assumi uma dívida grande com a Cáritas, cada seis meses preciso dá 300 reais pra paga as máquinas. Então, chamei a S.(irmã) e a A.(nora) e vamo levando, o lucro a gente divide entre as três. Não é nada, mas eu que sustento tudo nós, e você sabe o que gastemo com a doença do finado A.(filho), ainda tem coisa parcelada que estamos pagando. Dependendo da situação do povo do bairro, o movimento tá melhor, tem época que tá escasso o negócio. Agora, ultimamente, o povo tá sem emprego, e tem ainda que pagá a prestação pra Cáritas, é cada seis meses, então esse tem que guardá. Mas eu viro pra traz e vejo quanta coisa pior já passei e dei conta, sempre fui eu que dei conta. Hoje eu não falo perto do A. (marido), mas querem é a chefe da família sô eu, não é querê desfazê nele, mas olha eu sempre digo, se a mulher não for trabalhadeira, a família se perde. E graças ao grupo, né poruqe esses beneficio é só pra

---

nos dois espaços, articulando como um equilibrista a esfera produtiva e a esfera da reprodução, desafio constante e de cada dia e, na atualidade, mais do que nunca.

quem tá participando do grupo ..” R. (55 anos, casada, migrante de descendência italiana, confeitadeira/padeira).

A contribuição financeira das mulheres tornou-se a linha divisória entre a privação e a melhoria de vida. Atualmente, R. (55 anos, migrante de descendência italiana, confeitadeira), S. (67 anos, viúva, migrante de descendência italiana, aposentada/artesã) e E. (42 anos, separada, origem luso-brasileira, professora primária) são responsáveis pelo sustento total de suas famílias. Já I. (40 anos, casada, migrante de descendência italiana, bordadeira), V. (35 anos, casada, origem afro-brasileira, L. (38 anos, casada, migrante de descendência italiana, empregada doméstica/manicure) D. (46 anos, casada, origem luso brasileira, comerciante), contribuem com 50% da renda familiar, as demais contribuem com uma parcela menor como, é o caso de N. (42 anos, casada, migrante de descendência italiana, dona de casa/lavadeira) e S. (39 anos, casada, migrante de descendência italiana, dona de casa), que fazem serviços mais esporádicos.

“...eu tenho uma lojinha, já fechei e já abri umas quantas vez, porque o pessoal não é certo nos pagamento, tem gente que até hoje atravessa a rua quando me vê. Mas olha se não fosse eu vendê meus badulaque, não sei não, porque o N.(marido) é um santo dum hóme, mas por ele nos tava morando num rancho, a casa pode tá caindo ele nem tá aí. Então, hoje quem administra o dinheiro da casa e decide os negócio sô eu (eu vô vê se ele não tá chegando), porque se ele escuta...Fiz cada negociada na vida que você não acredita, sempre fui negociadera, e assim com a lojinha em casa, e saindo pro

interior vendê ropa a troco de galinha, queijo..." D.(46 anos, casada, origem luso-brasileira, comerciante).

O trabalho remunerado ou a domicílio,¹¹ como é o caso daquele de grande parte das mulheres, continua permeado pela depreciação, sendo sempre considerado um "biscate" ou uma "ajuda" prestada ao marido. Esse tipo de avaliação se mantém, mesmo quando a renda por elas auferida se equipara àquela percebida pelo homem. Todas são táticas criadas para aliviar os problemas econômicos, entretanto o trabalho feminino continua sendo visto como "ajuda" complementar e não como fonte indispensável de renda para a família. Ainda assim, tem crescido o número das trabalhadoras autônomas a domicílio, e embora não existam dados oficiais, sabe-se que 70% dos trabalhadores informais da cidade de Passo fundo são mulheres.

Em alguns casos, a mulher geralmente passa a realizar essas atividades quando se separa do marido ou quando ele se encontra desempregado, doente ou após participar dos grupos comunitários. Aquelas que permanecem com o marido, ganham uma relativa autonomia, porém isso gera também um desequilíbrio nas suas relações com marido, instaurando conflitos. Essa é também uma das alterações que ocorre nas relações familiares a partir do momento em que a mulher passa a contribuir para o orçamento familiar.

R. (55 anos, confeitadeira/padeira) tornou-se uma liderança ainda mais importante e respeitada na comunidade após montar seu negócio; ganhou autoridade em sua família, revertendo, assim, a pirâmide da autoridade familiar. Hoje, ela discute e

---

¹¹ O trabalho a domicílio é realizado por uma mão-de-obra essencialmente feminina e invisível diante da precariedade das estatísticas oficiais.

resolve todos os problemas domésticos com os filhos e, há pouco tempo, ampliou a padaria que montou e dirige com sucesso.

Diante do sucesso de algumas mulheres, muitas outras, animadas, também estão trabalhando, como um pequeno grupo que está se articulando para montar outros negócios. De um grupo de nove, seis trabalham a domicílio, isso tudo após terem passado a participar dos grupos comunitários. Para elas, o emprego remunerado não é a melhor alternativa, ainda mais pela dificuldade de obterem um emprego formal na faixa etária de 35 a 45 anos, com baixa escolaridade, o que contribui para que a mulher opte também pelo trabalho domiciliar. Entretanto, o elemento mais forte e fundamental é a possibilidade de conciliarem uma atividade geradora de renda com as obrigações domésticas, que envolvem entre outras exigências o cuidado com os filhos/netos pequenos e pessoas idosas do grupo familiar (Abreu e Sorj, 1993).

A primeira dificuldade que impulsiona as mulheres para o trabalho a domicílio é o ganho insuficiente do parceiro. As mulheres resistem a falar sobre a renda da família, alegando não conhecê-la, ou dizem apenas que é pequena. Tomando como referência as atividades que realizam e a dos maridos (pintor, motorista servente, vigilante, pedreiro, mecânico), calculou-se que a renda da família deve variar de dois a seis salários-mínimos. Nos encontros semanais, compartilham a angústia e o medo que os maridos fiquem sem emprego, diante de uma situação conjuntural cada vez mais grave. estava fazendo contenção de despesas.

Ainda que os homens ganhem muito pouco, fazem uma trajetória bem diferente em termos de trabalho. A trajetória do trabalho feminino não pode ser analisada da mesma maneira que a dos homens por exemplo, cuja atividade profissional se caracteriza, salvo exceções pela continuidade. No caso das mulheres seu trabalho foi marcado pela descontinuidade, estando relacionado com etapas de seu ciclo de vida, em que o casamento principalmente, a maternidade são variáveis a serem levadas em conta. O trabalho remunerado é sempre possível, porém pensado como última possibilidade, já o trabalho a domicílio é uma forma de inserção no mercado de trabalho que permite contribuir para o orçamento familiar ao mesmo tempo que mantém intacta o papel doméstico, mantendo o equilíbrio dentro do espaço familiar.

Apesar de o processo variar de sociedade e de grupo social para grupo social, a individualidade feminina é construída mais frequentemente enquanto um membro da família, como mãe, esposa ou filha, do que como trabalhadora (Abreu, Sorj, 1993, p.44)

O trabalho domiciliar conforme já destaquei reúne as duas possibilidades ser trabalhadora remunerada e trabalhadora do lar. A avaliação positiva desse trabalho entre outras são as condições de trabalho que a mulher pode usufruir (o local, ausência de vigilância, menos deslocamentos, liberdade de horário), além do processo de construção de uma identidade autônoma, situação que se coloca muito mais difícil para as mulheres(Silva,1993).

individuais. Esse contexto todo favorece, conforme vimos, mudanças por vezes radicais nas relações de poder e nos papéis do homem e da mulher dentro da família e no espaço social.

As mulheres não se preocupam com a precariedade desse tipo de trabalho; não ter carteira assinada, ou direitos sociais não é empecilho. Elas são capazes de “adequar-se” a novas realidades, a partir dos obstáculos vividos e de atos cotidianos, criando formas alternativas de sobrevivência. E é dentro desse contexto que se deve compreender o trabalho das mulheres nessas famílias, não em radical e súbito confronto com o poder do grupo familiar, mas em articulação com as suas estratégias de sobrevivência consolidadas no meio rural. Elas vêem o valor moral dessa atividade e o que ela significa; sobretudo, entendem que através dele resolvem seus problemas mais urgentes, vencer crises, além de ganharem mais “respeitabilidade” dos filhos que reconhecem o esforço que realizam. Serem reconhecidas é mais que um elogio; é um prêmio, é a prova de que “venceram”, e isso sintetiza com propriedade o sentido do trabalho para as mulheres. O espaço da casa, da família, que passa a ser o local onde situações de prazer e alegria são vividas e a razão de tanto investimento e sacrifícios.

III. 2 - A família: centro orientador da vida

Quando falo nas famílias do grupo estudado não estou falando de uma abstração; não é a *família ideal*, mas se trata de famílias muito concretas, de classe popular com origem rural e camponesa, que vivem e sentem na carne transformações que

dizem respeito às suas condições de vida. Simultaneamente, elas sofrem alterações profundas na sua estrutura, no seu sistema de relações de parentesco e vizinhança, concepções, papéis sociais e formas de reprodução social que conduzem a uma nova visão de mundo¹².

As mulheres narram o seu conceito de família.

"...nossa família é uma equipe, a gente trabalha assim, um ajudando o outro, cada um tem a sua tarefa, as menina sabem cada uma o que tem que fazê pra ajudá. Então, tem que tê esse espírito, as maior cuidam dos menor e vai, eu também quanto coisa deixo de fazê pra mim pra sobra mais prá eles. A gente sempre pensa primeiro neles, a gente tenta passa pra eles os valores cristãos, porque não se vive só pensando no material..."
V. (35 anos, casada, origem afro-brasileira, microempresária)

"...tu tem que tê uma base: a família e a igreja, é ela que faz você sê gente boa ou não, os outros ajuda, mas o mais principal é onde você nasceu." L.(38 anos, casada, migrante rural, empregada doméstica/manicure)

"...a família é tudo na vida da pessoa. Quando não tem família anda perdido, por isso que tem tanta criança sofrendo no mundo, claro, as família tudo desconjuntada... Outra coisa é a gente se organizá em casa, tem que leva tudo certinho, se um ganha pela porta da frente e outro gasta pela porta dos fundos, não adianta, tem que tê controle e cada um ajudá com um

---

¹² Um dos registros diz que "os mapas da fome e, mais recentemente, os Mapas da Criança, elaborados pelo Ipea em 1993, registram 32 milhões de de pessoas e 9 milhões de famílias com renda mensal que não lhes possibilita sequer a satisfação das necessidades básicas. Nesse contexto de pobreza generalizada, vai se gestando uma sociedade de consumo de massa pobre e desigual, cujo impacto sobre a família e sobre as crianças e jovens não foi avaliado suficientemente (Carvalho, 1995, p.14)

pouco. Agora os pais tem que dá o exemplo das coisa, quando a gente tem um filho ruim tem que se perguntá por que saiu assim, alguma coisa faltô, porque ninguém nasce ruim...” N. (40 anos, casada, migrante de descendência italiana, dona de casa).

“...se você não tem família, pode ser rica , não tem é nada...” S. (39 anos, casada, migrante de descendência italiana, dona de casa).

Sem encontrar satisfação na realidade social¹³ mais ampla exterior negadora de sua cidadania, as mulheres membros dessas famílias têm buscado na família não só formas de sobrevivência, através do trabalho dentro do espaço doméstico familiar, mas um sentido e realização para suas vidas através da afetividade. Para as mulheres, família e trabalho se revelam palavras e experiências profundamente interligadas no cotidiano.

Via de regra, a família continua sendo concebida dentro dos moldes tradicionais da família camponesa, ou seja, entendida como uma unidade de trabalho e segundo padrões que foram discutidos por Durham:

“ hoje como antes, a família do meio rural estrutura-se de modo muito simples, em termos de subordinação das mulheres aos homens e dos mais jovens aos mais velhos. Essa subordinação se exterioriza em atitudes de “respeito”

---

¹³ As famílias brasileiras vivem um momento da história do país e do mundo, em que a crescente globalização da economia, os ajustes econômicos, a ausência de políticas sociais, a concentração de renda e o beneficiamento de segmentos minoritários da sociedade têm conduzido a grande maioria da população, ao empobrecimento e à exclusão social. Essa realidade não só tem interferido diretamente mas alterado profundamente a estrutura familiar, seu sistema de relações, papéis e formas de reprodução social. Essa realidade é desastrosa nas camadas mais pobres da sociedade.

dos filhos para com os pais, e da mulher para com o marido. (Durham, 1984: 64)".

A família é a instituição de mediação mais decisiva entre indivíduo e sociedade; é ela que transmite, na sua expressão concreta, os elementos básicos da vida social para cada nova geração.

Bilac (1989) diz que as configurações familiares e suas práticas se constituem de acordo com a situação de classe e com especificidades do momento histórico em que vivem. No caso de famílias de classes baixas, entende que se trata de "uma unidade de reprodução, distribuição e consumo". Acentuando o caráter econômico do grupo familiar. A visão de Bilac se complementa com a de Sarti (1996), que diz que há uma ordem moral que organiza a família, portanto, ela não é apenas uma unidade econômica; há uma razão simbólica que se reatualiza nos diversos arranjos feitos pelas famílias com seus poucos recursos.

As famílias, à semelhança das de outras classes sociais pobres, não se constitui como um núcleo, mas como uma rede com muitas ramificações. No funcionamento dessa rede de relações, o grupo familiar (o todo) e o valor que ela representa devem preceder as partes (os indivíduos) e suas preocupações unitárias, conforme nos confirmam os depoimentos já citados.

Das nove mulheres ouvidas, todas constituíram suas famílias como *"manda o figurino, conforme os costume mais antigo"*, afirma S (39 anos). Possuem um discurso sobre o casamento carregado de influência religiosa, ainda que sua realidade seja, por vezes diferente. É por intermédio do casamento¹⁴ que são formulados os projetos de melhorar e mudar de vida, nunca concebidos individualmente, mas em termos de complementaridade entre homem e mulher..

---

¹⁴ O que ocorre com o casamento da mulher no meio urbano é semelhante ao que ocorre no meio rural, pois, em certa medida, passaram de "trabalhadoras complementares do pai para trabalhadoras complementares do marido" com a diferença de que, na maioria dos casos, no meio rural, a mulher não percebe rendimentos, simplesmente muda de grupo de trabalho. Já no meio rural, a mulher além de realizar o trabalho doméstico para sua família, realiza trabalhos externos que lhe trazem algum rendimento monetário (Salem, 1984).

A partir da constituição da família é que se começa a desenvolver uma sociabilidade maior com os parentes de ambos os lados e com o bairro onde se vive. Nascem os filhos, surgem os compadres, a dependência em relação aos vizinhos ou, mesmo, a necessidade de uma ajuda, mais freqüente no cotidiano. "Olhar os filhos dos outros" é uma atitude comum, a interação com a comunidade e a conseqüente sociabilidade crescem.

Dessa maneira, o casamento é o primeiro passo em direção à formação da família, tendo sido muito comentado pelas mulheres. Algumas delas falam dessa experiência inicial, como algo que tinha época e momento certo para acontecer.

"...Eu namorei só meu marido, eu tinha acho que dez, onze anos, casei com quinze anos, geralmente casava com dezesseis, dezessete anos, com vinte era difícil. Fiz festa bastante grande, carne, pão, salada, festa, de manhã à noite, dia inteiro...Daí fiquei morando lá, fiz uma casinha não era perto da mãe, era um quilômetro e meio de distância, mas eu nunca tinha saído de casa. Eu sabia cozinhar, porque lá Deus nos livre, com oito anos a gente faz pão, faz um monte de coisa, só que eu acho que eu chorei um mês sem parar, longe da mãe, nunca saí de casa, sabe. Você assumi uma casa que é tua, compromisso, casando sem sabê das coisa. Hoje não, você já casa bem mais madura, sabe o que é o compromisso, não é só dormi com o marido, caso é compromisso, e depois, foi, foi, foi, e daí dois meses eu engravidei da Rachel, mas demorei a acostumar..." S. (39 anos, casada, migrante de descendência italiana, dona de casa, duas filhas).

“... desde os doze anos foi indo aquele namoro e eu casei com 17 anos. No início era bastante briga, bastante ciúme do meu lado, ele aprontava também. Daí a mulher percebe muito, ela tem um sexto sentido pras coisa...Eu tenho uma coisa assim, meio que longe eu já sei as coisa, sabe? Até que um dia ele se confessô, mas daí, a gente já táva sofrendo antes,...só que um dia, eu fiz tratamento com uma psicóloga, e daí ela disse: Vera, já que você tem esse problema de senti as coisa, tu devia, assim, procurá não sofrê antes, eu sofria porque eu táva já sentindo. Daí depois de muita conversa com a psicóloga, me ajudô bastante, ela disse viva o teu dia-a-dia, com tua família, não pense assim, não sofra já o amanhã...Então, eu vivo o dia-a-dia, procuro fazê um bom café, um bom almoço, vivê assim com eles tranqüila, não tá remoendo as coisas de antes, as coisas tristes, vivê o dia de hoje. No caso, no casamento eu sei levá as parte igual, casamento tu tem que levá tudo meio pareinho (junto), no sentido de tudo: relacionamento, questão financeira e religião, são três coisa que tem que andá junto, planejado. Que nem eu e o Fernande, nós sentemo lá no quarto e nós planejamo o que nós queremos pra esse ano.” V. (35 anos, casada, origem afro-brasileira, microempresária).

V. aponta para as dificuldades que surgem com o casamento, quando o homem continua levando uma vida de solteiro. Mostra o quanto é fundamental pensar de forma conjunta, revelando, entre outras coisas, que o pobre vive cada dia, cada dia é uma etapa vencida. Embora com vida difícil, o casal não deixa de fazer projetos futuros, de sonhar com uma vida melhor, o que fundamental ainda que os projetos não se realizem. V. sintetiza de forma clara os elementos necessários para a família “andar” bem. Faz-se necessário bom

relacionamento (no campo da afetividade), questão financeira bem planejada (no campo da sobrevivência) e a religião (no campo dos valores morais), fornecendo a base para que os três níveis caminhem juntos. A vida afetiva é vivida dia a dia aceitando as limitações do companheiro; já, no plano econômico ela age de acordo com ele, programando os gastos e realizações futuras

"...quando era pra casá tudo mundo ajeitô. Casei, o marido era capataz nas granja, era 25, 30 homem pra comê lá em casa, todo dia, não sei como agüentava. Em casa, eu já trabalhava muito, minha mãe era doente, mas depois que casei começô a romaria (com o casamento). Pensei "alivia a dureza", né, pura ilusão, todo mundo diz, mas a gente não acredita, casamento é mais compromisso..." R. (55 anos, casada, migrante de descendência italiana, confeitadeira/padeira).

As falas revelam que há um "destino feminino" esperado pelos pais para a jovem moça de origem rural camponesa, casar e casar cedo, de preferência. Ao contrário da idéia de que, casando a jovem mulher se libertaria da carga de trabalho a ela atribuída na casa paterna, casar geralmente significa aumentar os trabalhos, sacrifícios, especialmente para a mulher pobre.

"...quando a gente mora na roça, não tem outro jeito, os pais tão esperando que você case logo. Mulher tem que casá e tê filho. Aí, como a gente tá começando a vida, com pouca condição, sai da casa do pai e vai morá na casa da sogra, cuidar dos velhos, depois vêm os filhos, e a serviçama dobra..." D. (46 anos, casada, origem luso brasileira, comerciante).

“... a experiência que eu tenho foi muito ruim, desde cedo, foi de muito sofrimento. No início, vivia em Mato Castelhana, aí ele até respeitava, porque tava junto dos meus irmãos, mas quando mudamo de lugar, ele piorou, só pensava em mulher. E eu sozinha criando os dois guri, nunca foi pai responsável. Por isso, os meus filhos ainda são meio-revoltados e tem um que gosta de beber. E aí, a gente é mãe e é pai. A gente pensava resolvê a vida quando casava, na verdade, foi uma pessoa que só me explorô. Ainda que minha família sempre me ajudô, antes e depois da separação, não é fácil. Então, o casamento, antigamente, a gente ia, que nem o gado vai pra o brete; era o destino casá, e não tinha muito que escolhé. Mal conhecia a pessoa casava, e a moça que não casava ficava trabalhando pra família, era solteirona. O que ficô de bom são os filhos, e a gente descobri que tem muita coragem pra vivê sozinha. Não precisa tê um homem sempre do lado pra sabe vivê bem... Hoje não tenho dúvida da fibra que a mulher tem, queria vê se um homem enfrentava o que eu enfrentei...” E. (42 anos, separada, luso brasileira, professora primária).

As decepções com o casamento também levam ao amadurecimento e à descoberta de que são capazes de sobreviver e manter os filhos sem terem um homem ao lado, conforme o depoimento acima. Isso significa uma revisão do projeto de vida inicial, frustrado. Além do mais, aprenderam a identificar o destino da mulher: a casa e a maternidade, porém esse projeto não é o único, nem sempre o melhor ou de maior sucesso. Cinco das nove mulheres tiveram experiências frustrantes com o casamento, as quais envolveram separações definitivas ou temporárias, problemas de alcoolismo, violência, e traição. Ao mesmo tempo, todas defendem o casamento,

argumentando sua importância por, ele estar incluído dentro de um projeto de família, “ a gente tenta”. Antes, não tinham condições, não havia outra opção; o estudo não era permitido às moças, porque teriam que ir para a cidade, onde poderiam se “perder”. Poucas vinham, e as que o conseguiam o faziam como uma forma de fugir do controle dos pais e de exercer sua sexualidade¹⁵.

S. (67 anos) a mais idosa do grupo pesquisado, conta sua experiência:

“...até hoje elas eu brinco, eu digo que eu sô igual à Dona Flor e seus dois maridos...Com dezessete anos, fui pra Iraí, trabalhava numa loja lá. Me mudei pra Palmeira das Missões com vinte anos me casei. Depois de casada, o marido não me deixô mais trabalhar, não me deixa mais ir na Igreja, eu era católica de não faltá a missa, eu sempre fui desde tenra idade católica praticante. Quando ele era meu noivo, ele ia na Igreja comigo, só não ia tomá a comunhão, porque dizia eu tô esquecido. Ele se criou nos colégio de padre, depois nunca mais foi na Igreja Esse casamento duro vinte anos, ele trabalhava no interior nas granjas. Trabalhô numa fábrica de papel e eu sempre acompanhando e fazendo todo o serviço da casa, minha casa era um lustro só, tivemos dois filhos. Ele não bebia, não fumava, só tinha um vício: mulher, amante e mais amante, táva sempre trocando de amante, e chegava e contava: olha aconteceu isso, isso, e isso e eu conheci outra pessoa e eu tô apaixonado por ela, e eu ficava triste e chorava. E ele dizia: “não chora, porque eu gosto muito dela, mas eu gosto muito de você

---

¹⁵ O controle dos pais sobre as filhas mulheres é e era muito maior do que sobre os filhos homens. Para os pais, tratava-se de uma proteção contra os perigos da cidade, entre os quais a perda da virgindade

também, não chora. A última amante ele ficou bem loco, desesperado, ficava até três dias fora de casa, aí eu falei pra ele: "bem duas mulheres de hoje em diante você não vai ter mais. Qual é que tu quer? Ele disse: "tu sabe bem". Não precisa resposta, pois ele estava lá com o carro cheio de coisa boa pra outra e, em casa, a gente na penúria. Tá bem, então amanhã eu vou arrumar um emprego pra mim e vou desquitá. Ele não acredita e deu uma risada, eu estava deitada chorando, levantei, fiz a janta, arrumei tudo direitinho. No outro dia, levantei às cinco horas da manhã, limpei toda a casa, deixei a casa num brilho só, limpei tudo, ele saiu pro trabalho, e eu fui pra casa de uma amiga de infância, pessoa alto nível. Cheguei na casa dela e falei, assim e assim e ela disse: eu só não queria te dar incentivo pra você se separar, mas eu sabia que já não estava dando mais ponto, mas eu arrumei já um serviço pra ti. Aí me levou na casa de uma senhora que tinha uma loja. Era uma senhora que tinha um menino, o marido era caminhoneiro, a mulher ficou louca por mim, e eu por ela, foi aquele amor à primeira vista. Eu trabalhava na casa dela, era uma mansão, eu fazia como se fosse minha casa, era uma mordomia, um banheiro só pra mim. Mas eu já tinha quarenta anos, era uma casa muito fina, os rodapés tinham que limpar com pano branco, ela era muito exigente. Os meninos já estavam moços, o A. (filho) meu segundo filho, ficou com o pai, porque eu não tinha condição de levá-lo junto, o outro filho mais velho tinha voltado pra o exército, eu deixei a casa com tudo, e ainda criei um filho dele com onze anos, que ele teve com uma amante, pra vê se conseguia salvar o casamento. Eu amava aquele menino, agora ele tá no Pará. Eu só não tive sorte com o marido. Quando fazia dez meses que eu tinha me desquitado, eu encontrei o

---

antes do casamento; as que conseguiram sair estudar ou trabalhar fora contaram com a intermediação de parentes (Vaitsman, 1994).

A.(segundo marido). Eu tinha ido visitá a madrinha do A. (filho), aí me chamaram S. venha conhecê o A.(segundo marido), pensei que era um moço assim muito lindo, mas não era o que eu pensava. Mas aquele dia iniciô sem eu sabe o nosso namoro. Quando eu saí eles tramaram meu casamento. Mas com uma condição: que ele não namorava e me dava quinze dias pra pensa. Era pegá ou largá. Foi a loteria da minha vida, melhor marido eu não podia arrumá, fômo num escritório despachante, assinamos com firma reconhecida e vivemos juntos vinte anos. Rejuvenesci vinte anos, foram vinte anos de companheirismo, e tudo feito desse jeito. Quando ele faleceu, esse papel o contrato serviu pra mim ganhá uma aposentadoria...”

S. teve duas experiências de casamento, uma mal sucedida, “que sobrou de bom foi os filhos, porque ele é um homem perdido até hoje”. O segundo casamento foi uma experiência de companheirismo, de felicidade, que durou quase vinte anos. Casar novamente era necessário, pois, segundo ela, naquela época, uma “mulher largada” ou separada era discriminada socialmente.

“...eu comecei namorá com quinze anos, era difícil as guria serem que nem hoje. Namorá era uma vez por mês, que a gente se enxergava, e se morava perto, nos fim de semana. Depois ele foi pro quartel. Ficô um ano no quartel, depois ele continuô trabaiano fora, de quinze em quinze dia ele vinha em casa; numa quinzena ia na casa da mãe dele, na outra ia na minha casa. Hoje em dia querem tá agarrado todo dia e, se for possível, troca, troca. Os casamentos duram mais por causa do jeito que nós se criemo lá fora. É que nós, no nosso tempo, já se criemo assumindo tudo alí, era roça, era criação, o serviço da

casa, não tinha mordomia. Eu estudava longe, chegava em casa à uma hora da tarde, almoçava, ia pra roça com minha mãe e daí nós não tinha tempo de ficá parada. Era só nos domingo que a gente se reunia na igreja, rezava um terço, via nossos namorado e ia pra casa. Não tinha festa, essas liberdade de saí, voltá quando qué...” N. (42 anos, casada, migrante de descendência italiana, dona de casa).

Ao relatar as longas histórias de casamento, as mulheres descrevem também o modo como viviam, os costumes, as normas que vigoravam, como eram preparadas para a vida social e para a vida familiar no interior. De acordo com elas, havia uma época ideal para casar, que ficava entre os quinze e dezoito anos, vinte já era um pouco velha; por isso, todas casavam jovens, adolescentes e despreparadas. Sofriam com a ausência dos pais e com o processo de adaptação que envolvia uma vida a dois, às vezes, nem sempre a dois, porque ou os homens, mesmo casados, continuavam levando uma vida de solteiro, tendo outras namoradas, ou precisavam morar nos primeiros tempos na casa da sogra. Porém, para elas, o mais grave é quando o homem, após casar, não corresponde às expectativas, ao papel que lhe é destinado: “prover e proteger” a família. Há um consenso de que casar, para o homem (e para a mulher), significa “acomodar-se, criar juízo”, parar de namorar e de andar pelos bares ou “trançando perna pelas estradas”.

A avaliação positiva ou negativa do casamento corresponde à imagem do homem como “marido bom e trabalhador”, ou o inverso “arrumar homem que não presta é arrumar marido vagabundo, incômodo para o resto da vida”. O papel do homem como provedor é aqui, de certa maneira, o

crivo, o termômetro da relação¹⁶. De outro lado, as situações de conflito são amenizadas pelas mulheres desde que o marido, mesmo não cumprindo outras expectativas, “traga comida pra casa”:

“...meu marido nunca ficô um minuto acordado pra atende um filho, nunca fez uma mamadeira. Eu fui mãe e pai dos filhos...Agora, ele traz as coisa pra dentro de casa, isso não posso dizê, só não quando não tem, mas em compensação, ele larga as coisa dentro de casa, e o resto que eu me vire...” E. (42 anos, casada, origem luso-brasileira, professora primária)

“O E. é um marido que se não fosse a bebida não tinha o que dizê de ruim. A bebida é que faz tudo, quando tá são é outra pessoa, não tem pessoa melhor, agora uma coisa tem que se dita não deixa faltá nada em casa...” I. (40 anos, casada, migrante de descendência italiana, bordadeira)

“... o J. (marido) pode tê lá seus defeitos, mas nunca deixô falta nada em casa”, S. (39 anos, casada, migrante de descendência italiana, dona de casa).

Para realizar o projeto familiar, é necessário que cada um cumpra com seu papel. É fundamental pensar de forma conjunta para realizar os planos de comprar um terreno, uma casa, um

---

¹⁶ As mulheres casadas ou as solteiras mais jovens estão cada vez mais críticas quanto ao papel dos maridos ou namorados, percebendo que não é mais possível comportar-se como suas mães; por isso, cobram dos maridos atitudes diferentes no relacionamento, criticando insistentemente as mais velhas por “aguentarem” determinadas situações e não tomarem uma atitude mais drástica. E de fato, as mais jovens têm se separado com muita frequência. Os homens, estão submetidos a uma pressão externa e interna muito grande, na medida em que são cobrados enquanto responsáveis pela família e às situações difíceis de sobrevivência. A bebida representa uma forma extrema de reação a essas condições adversas; é um modo masculino de fugir dos problemas, de escapar a uma existência sem recompensas e ao desânimo frente à realidade na qual se vê impotente.

móvel, são "projetos familiares". Como chama atenção Sarti (1996:62) em seus estudos sobre família:

"Melhorar de vida, é ver a família progredir. O trabalho é concebido dentro desta lógica familiar, constituindo o instrumento que viabiliza o projeto familiar e não individual, embora esta atividade seja realizada individualmente"

Ao longo das falas, percebe-se que a reciprocidade e a manutenção dos laços familiares significam para os pais receber o cuidado dos filhos no futuro

"...meus pais nunca viveram bem, brigavam que tá loco. Então foi que, depois de velhos, se separaram. Minha mãe foi embora pra Chapecó, botô tudo fora aquele dinheirinho que ela pegô dele. Ela veio batê aqui em casa com quatro panelinha dentro numa sacola, e daí eu tive que ajudá. Aí nós tivemos que sustentá ela por vinte anos. Ela não era aposentada, e eu aposentei ela, quando fazia três anos que ela era aposentada ela faleceu. Mas antes disso, ela morô sempre comigo. Daí, eu sei que terminemo morando num porão, e a minha mãe ainda foi lá em Santa Maria e trouxe meu irmão pra morá com nós, porque ele táva pagando pensão lá. Então ela achô que ele pagava pensão aqui pra nós, uma mixaria de pensão e queria comida boa. Eu sei, i guria, que terminemo na miséria, o N.(marido) ganhava uma miséria de salário brigadiano (militar) e eu em casa sem trabalhá, até o dia que eu disse: de agora em diante, nossa vida vai mudá e eu vô trabalhá e quero vê..." D. (46 anos, casada, origem luso-brasileira, comerciante).

O que acontecia e acontece ainda hoje são “arranjos familiares” (são pais idosos, netos, noras, genros), nos quais é possível acomodar todos os problemas e parentes conforme a necessidade; arranjos esses geralmente mediados pela mulher.

É possível dizer que as famílias, sob o ponto de vista da organização, tornaram-se “arranjos familiares, isto é, espaços onde sempre cabe mais um”. Porém, continuam sustentadas por uma visão camponesa de família, que significa ter obrigações morais e prestar solidariedade econômica, que é fundamental para a sobrevivência do grupo nos momentos de crise.

Por outro lado, as mulheres entendem que as formas tradicionais de união, por exemplo, são a melhor opção para a mulher, por assegurarem melhor os seus direitos. Essas orientações circulam e são estimuladas nos grupos comunitários. Entretanto, as uniões consensuais são vistas com naturalidade, ninguém é discriminado por isso; contudo, mas se comparado à primeira situação, estaria, digamos, num patamar inferior¹⁷. Seja qual for a opção de união, nos moldes tradicionais ou “juntando os trapos”, a família é o núcleo que concentra e estabelece as formas da sociabilidade.

“...é a base, todos se ajudam, no aperto é a família que ajuda. Aqui em casa, já ajudamos quantos dos parentes, nem sei mais. Quem acode a gente ainda é os de casa. Lá na família sempre foi assim, cuidei da mãe, depois tive que cuidá também do pai que andava por aí, sem era nem bera” D. (46 anos, casada, origem luso-brasileira, comerciante).

---

¹⁷ De um levantamento realizado, num grupo de cem casais do bairro, 50 % a 60% vivem em regime de concubinato.

Na ausência de um sistema de Previdência Social que funcione e como a maioria atua na economia informal, é necessário ter em quem confiar e com quem contar a qualquer momento; e para isso a rede de obrigações¹⁸ se estabelece entre eles. Implicitamente, fica entendido que, ao ser ajudada, a pessoa cria obrigações para com o outro. Esse círculo entre as pessoas cria também relações de afeto, amizade.

“... a minha casa, até não nem sei quando foi minha casa (risos). Sempre foi de todo mundo, sogra, nora, netos... Minha vizinha ela é separada, quando ela não teve mais como pagá o aluguel, ficô aqui em casa até se arranjá. Agora, por último a menina dela fica comigo pra ela trabalhá. A gente se ajuda por que nunca sabe no futuro de quem vai precisá. Os filho, a gente sempre tá socorrendo. Qualqué coisa, vai pra casa da mãe. Eu só espero que um dia eles reconheçam tanto sacrifício...” 1. (42 anos, casada, migrante de descendência italiana, bordadeira)

Para Woortmann (1995), a noção de *obrigação* não precisa necessariamente, estar vinculada aos laços de sangue, ou seja, não há relações com parentes de sangue se, com eles, não for possível dar, receber e retribuir. As outras pessoas podem ser seletivamente escolhidas, dependendo de que estabeleçam as obrigações no dia-a-dia, na rede de sociabilidade. O importante é notar que a marca das relações familiares é a reciprocidade, ao contrário da individualização, modelo sugerido cotidianamente pela sociedade de consumo.

---

¹⁸ A obrigação de retribuir a quem nos ajudou é fundamental; caso isso não ocorra, a corrente de solidariedade é rompida, e isso pode significar ser isolado pela comunidade ou perder a confiança das pessoas, significando uma espécie de punição para o indivíduo.

Não poucas vezes, um vizinho solidário é muito mais valorizado e estimado do que os próprios parentes.

O cotidiano é constituído por situações que exigem das mulheres paciência, habilidade na relação com os filhos, com o marido e no próprio trabalho. A visão de família que emerge do dia a dia não é a do discurso religioso e tradicional, mas da *família vivida*, tão contraditória quanto a sociedade em que está inserida.

Gomes(1988) diz que se trata de um grupo de pessoas, vivendo numa estrutura hierarquizada, que convive com uma proposta de uma ligação afetiva duradoura (não definitiva), incluindo uma relação de cuidado entre os adultos e deles para com as crianças que aparecem nesse contexto. Essa definição me parece estar mais próxima da realidade das famílias pesquisadas.

O papel das mulheres nesses arranjos¹⁹ familiares, sempre atentas, interferindo, buscando soluções, colabora para que elas próprias se questionam sobre as mudanças de comportamentos, sobretudo dos filhos educados num contexto urbano.

“...a gente vive dizendo não faça assim e o que não é certo. Escute os pais. Adiantô? Fiquei sabendo que minha filha tava grávida uns dia antes de casarem. A gente fechô as vista, tão fazendo tudo que querem, seguem mais as companhia e dão ouvido pros estranho que pra mãe. Fizesse isso no meu tempo:

---

19 As famílias ao mesmo tempo em que recebem e agregam novos membros, vivem inúmeros conflitos; sustentar pais, sogros idosos e doentes não é tarefa fácil, além das desavenças criadas no relacionamento diário. É a nora que não se dá com a sogra, é um parente que não contribui economicamente, um neto que chega e precisa ser assumido pelos avós, enfim, é mais alguém que precisa ser cuidado e alimentado.

respondê, dizê eu não faço tal serviço, pra vê o que recebia..."

S. (39 anos, casada, migrante de descendência italiana, dona de casa).

O que, entretanto, pode desestabilizar mesmo o grupo familiar é o não cumprimento de funções dentro do espaço da família. Quando isso acontece, muitos conflitos vêm à tona. Nesse momento entram em cena as relações de autoridade e poder, que são elementos ordenadores da cena doméstica, definindo, para o marido, esposa e filhos, posições hierárquicas, direitos e deveres específicos, porém desiguais. Uma das informantes explica o que seja o papel de cada um:

"...quando eu casei eu esperava que o homem sustentasse a casa, e eu aprendi que a mulher tinha que sabê cozinha bem, fazê todo serviço, passa bem, costurá, sê boa mãe e dona de casa. Sabe fazê de tudo, isso é obrigação. Imagine uma mulher que não sabia tomá conta de uma casa, não podia nem pensá (em) casar. E hoje em dia as mulhé assume mais que os home as coisa, tem home que não tem "serventia" nenhuma, não bota comida na mesa, perde até o respeito e quem tá garantindo tudo é nós da casa até botá a comida na mesa..." S. (67 anos, casada, migrante de descendência italiana, aposentada/artesã).

"...se não soubé controlar as coisa dentro de casa, a casa não anda, a mulher é que segura as ponta. A mulher são mais batalhadora, não é querê falá, mas veja a Nina, tá lá fazendo docinho pra vendê. Olhe onde anda o marido dela? No bar, e o muito que faz é vendê o que ela faz..." L. (38 anos, casada, migrante de descendência italiana, empregada doméstica).

“... a mulher é bicho engraçado, deve sê bicho teimoso, faz de tudo na vida, faz o serviço que ninguém qué fazê, faz cuidá dos velho, cuidá da casa dos outros, faz olhá as panela, faz cuidá dos filhos. Qué trabalhara maior que isso?... Home faz tudo isso?” S. (39 anos, casada, migrante de descendência italiana, dona de casa)

A distribuição da autoridade²⁰ na família fundamenta-se, assim, nos papéis diferenciados do homem e da mulher. A autoridade feminina vincula-se à valorização do papel de mãe num universo simbólico em que a maternidade faz da mulher a procriadora; caso contrário, será como a “árvore sem frutos, ou a figueira seca”, visão incorporada a partir do discurso da Igreja. Outro importante fundamento da autoridade da mulher está baseado na sua capacidade de administração do lar e, sobretudo, do dinheiro escasso. Ele não tem relação com sua capacidade de ganhar dinheiro, mas é uma atribuição de seu papel de dona de casa (Zaluar, 1985). Ao homem compete prover, “trazer o dinheiro pra casa”; à mulher gastar com parcimônia para fazer render ao máximo o dinheiro trazido pelo marido. Portanto, cumprir com suas atribuições corresponde a ter ou não autoridade na família.

Examinando o fracasso dos maridos, três delas contam como esses perderam a autoridade e o respeito dos filhos.

“...enquanto as criança eram pequena eu fui levando, sabe como é no interior, sê mulher separada, há vinte anos atrás era complicado. Mas diz o ditado “que tanto a raposa vai ao ninho que um dia deixa o fucinho”. Ele começô a sai pro público

---

²⁰ Sobre a questão da autoridade feminina e masculina nas relações familiares, ver Dias (1992).

com as mulher e a vizinhança começô a comenta abertamente. Em casa era só exigência, roupa bem passada, comida boa, parecia uma pensão pra ele. Nem ligava mais prós filho, daí foi um dia que na escola começaram a mexê com as criança, dizê que era filho de coruja, que dizê home que sai voa de noite, arrumá mulhê...Olha que eu lutei pra mantê a família. Foi um tempo, eu pensei pra que fazê tudo mundo sofrê, pra mostra pros outros? Me enchi de corage e separei. Quando os guri cresceram não reconheciam mais o pai, desprezavam ele, diziam na cara dele que ele é sem moral pra dá conselho. O meu filho mais novo disse um dia pra ele: " agora quando o senhor precisá, quem vai cuida do senhor são suas amante". Aquele dia quase deu briga feia entre eles não fosse eu atacá, os guri consideram mais os vizinho do que o pai..." E. (42 anos, separada, origem luso-brasileira, professora primária)

"...aquele dia ele chegô bêbado, fazendo quebra-quebra, queria batê em todo mundo, e não sabia que os filho tavam no quarto. Nem gosto lembrá, me dá um nó no estômago. Aí quando ele começô a dizê nome e quebrá as coisa, meus filho vieram de lá, pegaram ele deram uma surra no pátio da casa e disseram prá ele: "De hoje em diante, quem manda aqui é nós, e você não bate em mais ninguém". De beber não largô, mas agora parece uma moça em casa de tão bonzinho. Chega, come, e vai durmi, respeita todo mundo. Tô fazendo força, vê se levo ele pros AA - (Alcólattras Anônimos), às veiz fico com pena " R. (55 anos, casada, migrante de descendência italiana, confeitadeira).

São alguns exemplos de como o não-cumprimento do papel moral e econômico levou à revolta contra a autoridade

desmedida do pai, chegando ao enfrentamento entre pais e filhos. Os filhos subverteram a hierarquia, de forma que o pai acabou perdendo o poder de mando na família.

Os salários baixos, o desemprego agravam as dificuldades de relacionamento entre os familiares e, como consequência, o alcoolismo tem crescido. E esse é um problema que é tido como uma "desgraça" para a família, razão de muitas desavenças, violências e seguidas separações.

"...a minha preocupação é com meu marido, eu penso sempre assim, ele bebe e pode até se matá dirigindo. Que uma vez, já caiu num buraco aí na estrada. Mas assim no serviço ele não bebe, mas quando vem pra casa, já passa nas bodega, daí ele não traz em casa a bebida, ele já vem do serviço e vai direto bebê. Porque qualquer coisa ele se ofende, faz briga, uma coisa, outra, então a gente nunca tá sossegada. Depende, tem que sabe lidá com ele. O E.(marido) já aprontô muito. Ele quebrava tudo dentro de casa, ele virava tudo. Mas aqui em casa é o seguinte: um não sente raiva do outro, a raiva é na hora que faz. Por exemplo, de noite, se vier, eu já nem brigo com ele, não adianta brigá. Ele sempre diz assim: "se vim pra casa bêbado, e eu brigá com você, você tem que me dá uns tapa". Então, eu falei pra ele: tu tá sabendo o que tu tá fazendo porque é que eu vô fazê isso? Venha pra casa janta e vá dormi...Ele sempre vem, a janta tá prontinha, mas quando não tá bom, saia de baixo...Os filho se mete fica pior, daí ele fica contra eles. A M.(filha), Deus nos livre, quantas vezes ele briga com ela, então é melhor deixar assim. E o problema dele começô com as amizade, e não adianta falar, eu disse vá consultá, ele sempre acha uma desculpa pra sair beber. Ontem, achei uma graça, ele tava ali, tomô café e a

C. (netinha com quatro anos de idade) chegô e disse: "Vó, eu vou lavá a xícara", Daí o vô pegô a chave pra saí e ela disse pra ele:" Vô você vai saí? Pode saí, mas não beba, não beba vô". Ele veio bem cedo pra casa sem bebê. Eu disse: "Opa! Obedeceu a neta hoje". Quando ele vem revoltado, é só falá no nome da C. (neta) que termina tudo. Ele pode tá bêbado, caindo, olha a C.(neta) vem ali, brincam...Olha, se bobeiam no chão, tá loco, mas daí ele não sente, ele pega ela muito com força, sabe, aperta, daí, a gente diz: Não machuca ela, brinca e ela dá risada²¹..." I. (40 anos, casada, migrante de descendência italiana, bordadeira).

A bebida gera muitos problemas, como se pode constatar, mas principalmente carrega de tensões as relações familiares. Diante desses problemas, os grupos comunitários têm um papel fundamental porque funciona como um espaço de terapia para as mulheres que vivem essa realidade; ali elas fazem seus desabaços, aconselham-se mutuamente, ouvem casos semelhantes e são apoiadas pelas companheiras.

Numa reunião semanal R. (55 anos, confeitadeira) me chamou e faz questão de acrescentar algumas informações sobre o problema de alcoolismo na família.

"...aquele dia, eu não pude tê dizê tudo, porque ele tava por perto, mas ele não podia me vê feliz, ele tinha que fazê alguma coisa pra me aguniá. Sabe, esse meu filho que morreu esses dia, o vício foi ele que ensino pro menino. Desde

---

21 Dois meses após ter dado este depoimento, deu um ultimato ao marido, e mudou-se para casa de parentes. O marido só então parou de beber e, pressionado, resolveu tratar-se. Depois desse episódio, as relações familiares melhoraram, e ela agora tem assumido a responsabilidade pela família, ganhou respeito dos filhos que relutam em aceitar o pai de volta.

pequenino, ele dáva bebida pro guri. Eu dizia "não dê", aí que ele dava, parecia que ele queria se vingá de mim no guri. Um dia se reuniram fazê uma galinhada (risoto) lá em casa, e começaram a dá bebida pro guri. Eu pedia pra que não dessem, eles davam mais ainda e achavam engraçado. Pro fim, o guri já tava bebendo vinho no bico do garrafão. Esse sentimento eu carrego com o A (marido), um dia eu disse pra ele: "Era isso que você queria pro teu filho, taí, agora não adianta mais. O rapaz sempre bebeu e eu dizia pra ele: "Meu filho todo mundo adora você, porque você faz isso"? Ele respondia: Mãe, eu faço qualqué coisa que você me pedi, qualqué coisa, menos pará de bebê". Se ele comprasse um garrafão de vinho, enquanto ele não enxergasse o fim, não parava. Taí, morreu de câncêr no fígado com 36 anos. Era guri bom, trabalhador queria que visse, ele cortava pilhas e pilhas de lenha pra vendê...O meu marido ele bebe, mas não é muito. O dinheiro da aposentadoria, que ele é aposentado por invalidez, ele gasta com cigarro e bebida, não compra um quilo de feijão. Olha, eu cansei de sofrê com esse home...eu pedi a Deus que me desse uma luz do que fazê e olha o que aconteceu: o homem fico mudo e parálítico, deu um derrame. Agora, agüentei até hoje, vô agüenta até o final, botei nas mãos de Deus..".

As mulheres mais velhas são, por vezes, submissas, outras se rebelvezes, rebelam-se ou ignoram o marido, agindo e tomando as rédeas da família à revelia do homem. Há diferenças por grupo etário nos comportamentos. No caso de R., o marido praticamente mora de "favor" na casa, pois perdeu toda a autoridade e o respeito dos filhos. Ela entende estar fazendo um gesto de benevolência e piedade, mantendo o marido em casa; considera que ele paga pelo que fez, na medida em que é ignorado pelos filhos. E ela hoje decide os rumos da casa e da

família. Em todos os casos citados, uma autoridade desmedida, e o desrespeito aos valores morais tornaram ilegítima a obediência, conforme nos coloca Montes:

"A "boa" obediência, afinal, implica "boa" autoridade. A revolta deu-se dentro de um universo de valores em que a queixa se dirige a "má" autoridade que abusa de seus direitos e descuida de seus deveres. Não se obedece a uma autoridade que não se reconhece como legítima. A autoridade que abusa de suas prerrogativas torna-se "incapaz de se impor pelo respeito às virtudes necessárias que devem acompanhá-la (Montes. Apud, Sarti, 1996: 37)."

Nesse sentido, a autoridade paterna perdeu sua força simbólica, mas, ao mesmo tempo, a família e a mulher "toleram, agüentam" a presença do marido por compaixão ou porque, ainda que seja um "estorvo", pode significar "respeito" Em meio as que duvidam da importância do papel de alguns homens, percebe-se que existe outro grupo mais numeroso que acredita na força simbólica do papel masculino, "como mediador entre o mundo externo, fragilizando a família, onde não há um "homem provedor de teto, alimento e respeito (Sarti, 1996:38)." Ser uma mulher "largada" ou sozinha pode ser também entendido como ser "mulher fácil" ou, ainda, pode representar uma "ameaça às amigas" e gerar conflitos entre vizinhas mais próximas. Esse estado de "solteirice" acaba sendo incômodo, especialmente se a mulher for jovem. Dessa maneira, ter a presença de um homem em casa, ainda que "sem serventia", pode fazer diferença e evitar abusos por parte de estranhos.

As mulheres, ao contrário de alguns homens, além de darem conta da atividade doméstica, têm se tornado cada vez

mais respeitadas pelo grupo familiar à medida que assumem também o papel de provedoras, atribuição masculina²². Tornam-se a *"alma da família"*, conforme me afirmou S. (67 anos, viúva, aposentada), porque conseguem reunir a afetividade e a autoridade, resolvendo os problemas com mais tranquilidade, sem violência, mais comum entre os homens. Descobrem-se capazes de também sustentar os filhos até, em alguns casos, como o de R. (55 anos, confeitadeira), E. (42 anos, professora), S. (67 anos, aposentada) sem a participação do marido.

Como forma de "afirmação moral", os homens buscam ser percebidos e reconhecidos noutras situações no dia-a-dia do convívio familiar.

"...o F.(marido) gosta de chegá em casa e que tu esteje, Quando eu trabalhava no hospital, por último, eu chegava às treze horas em casa, ele não tinha almoçado. Eu sempre fiz o prato dele, e ele ficava deitado ali, no sofá, pegava no sono e não almoçava. Aí quando eu chegava ele ia almoçá. As criança já tinham almoçado, e o F. me esperava. Então, minha cunhada dizia: "Ele qué chegá em casa e te vê ali. Ele sabe que tem necessidade de trabalhá, mas ele também gostaria de chegá e tá alií, de tomá um mate com ele...Meu marido sempre fez de tudo, ajudá as criança, aqui a gente trabalha em equipe, mas gosta

---

²² Quando o marido tem vários vícios, mas cumpre com o papel de provedor, ele é como que absolvido de determinadas atitudes. Para pelo menos cinco da nove mulheres, o papel de provedor e protetor delegado à figura masculina não é mais unânime; o homem, entendido como único elemento de suporte econômico da família, passa a ser questionado e não mais confirmado. São várias as razões: as mulheres estão trabalhando, os filhos adolescentes trabalham e também as mulheres apontam o grande número de separações, como elemento de insegurança, ou seja, a figura masculina não representa amparo ou proteção absoluta como antigamente. É de consenso entre as mulheres que o salário do marido não é suficiente para garantir o sustento da família, o que implica também, entre outras coisas, perda de poder. A segurança está muito mais depositada nos filhos, que se entende "jamais deixaram a mãe passar necessidades"; espera-se que os filhos reconheçam o esforço realizado pelos pais, e esse reconhecimento se traduza numa reciprocidade, de tal forma que a garantia econômica é buscada noutra pilar da família.

que eu sirva ele..." V. (35 anos, casada, origem afro-brasileira, microempresária).

Um dado importante que o depoimento de V. revela é que, mesmo que o marido ficasse satisfeito em encontrá-la em casa, a necessidade a obriga a sair, ou seja, quando as circunstâncias põem em risco a sobrevivência, os valores tendem a mudar, ou pelo menos, a ganhar certa flexibilidade. Mas o desejo do marido é ver a mulher em casa, pois, dessa forma, estaria "cumprindo" o papel que, no seu entendimento, é da sua obrigação. Outras formas sutis de se sentir importante e de mostrar autoridade com atitudes são, por exemplo, como sentar na ponta da mesa assumindo uma posição central, ou receber a maior porção na hora da refeição ou ainda "corrigindo" as crianças severamente.

Os filhos, enquanto pequenos, acatam tudo e vivem com os pais seus dramas e bons momentos. Entretanto, quando se tornam adolescentes já passam a contribuir para o orçamento familiar, a ter projetos pessoais, ganhando uma relativa autonomia, nesses períodos que os conflitos se acirram mais com a figura paterna. Os filhos passam, então, a desafiar à autoridade do pai e, não poucas vezes, vão rompendo com a coesão familiar, gerando tensões e trazendo à tona problemas muitas vezes encobertos ou disfarçados pela mãe.

Geralmente, duas possibilidades se colocam: primeiro os filhos tomam partido e ficam a favor da mãe, ou acabam por destituir o pai de seu lugar na hierarquia familiar, onde ele que passa a assumir um papel secundário. Há casos em que ocorre a separação definitiva; ainda assim, as mulheres estão sempre atuando como mediadoras e usando da "autoridade de mãe" para

aplainar desavenças e discordâncias, apoiando principalmente os filhos²³, “filho é sempre filho, marido a gente nunca sabe”.

Por outro lado, também é importante dizer que os maridos desse grupo de mulheres vivem uma condição econômica de “pobre ou remediado”. É sobre eles que recai mais fortemente o peso do fracasso, quando não conseguem manter a família. Para o grupo social, é o homem que está faltando com sua obrigação “quando o dinheiro não dá”. Dessa forma, é que na tentativa de “conferir dignidade ao cotidiano sem relevo” que se destacam as qualidades morais que sustentam o homem nas situações de dificuldades estruturais em suas vidas (Sarti, 1996: 40)

É nesse momento que ser “pobre, porém trabalhador (a)” faz a diferença. O qualificativo *trabalhador* significa retirar a negatividade da palavra pobre.

É possível dizer que, nesse novo contexto, os “lugares” tradicionalmente definidos para cada um não são mais tão claros quanto parecem. O poder dentro da família está cada vez mais dividido, ainda que a conquista dele ‘pela mulher se faça lentamente e de forma desigual. Essa mudança geralmente acontece a partir da sua participação em alguma atividade remunerada, ou devido à sua inserção no espaço público da comunidade, obtendo, dessa forma, certa autoridade, que do público passa para o privado.

Vivendo conflitos que envolvem desde o desemprego até a violência, o que se pode dizer é que a mulher tem um papel cada vez mais central e fundamental na superação das dificuldades e nas transformações ocorridas dentro do espaço privado. De uma posição aparentemente secundária, elas passam, a praticamente a dirigir a vida familiar com coragem, trabalho e apoio dos filhos

---

²³ Lobo (1991) discute as mudanças na família a partir das mudanças de comportamento feminino.

e vizinhos; cada vez mais, se descobrem sujeitos sociais atuantes. A família segue nas atividades cotidianas sofrendo as influências da realidade, reforçando laços, reorganizando-se, reestruturando-se e reinterpretando as relações familiares através do espelho da vida social.

Portanto, é possível dizer que, em meio a todos os desafios surgidos, é a instituição família que oferece a rede mais rica de sociabilidade, de trocas afetivas e de apoio econômico às mulheres. É nela que guardam a sua identidade individual e social, que permite, de alguma forma, conservar um pouco de memória da vida rural anterior. A família é a razão da elaboração das táticas e estratégias de sobrevivência, a capacidade de articular a esfera pública e a esfera privada, seja na família ou no bairro. Esse empreendimento tem levado as mulheres a conquistas importantes no meio familiar, trazendo ganhos e saldos positivos para o grupo familiar como um todo, ainda que em meio a muitos conflitos. Através da inserção na comunidade mais ampla e da educação dos filhos, elas são levadas a repensar e reorganizar a família, mantendo, ao mesmo tempo parte dos valores adquiridos no meio rural que ainda têm razão de ser na vida urbana.

III - 3 A Moradia: "Graças a Deus chega de tanto rolá..."

Oito das nove entrevistadas, quando casaram, foram morar com a sogra porque as condições econômicas dos jovens casais não lhes permitiram construir a casa e o desejo de casar veio antes da possibilidade de possuírem sua própria casa.

Geralmente, no meio rural, quando ocorria um casamento, a mulher que ia residir na casa dos sogros assumia uma nova família a qual, grande parte das vezes, não sentia como sua. O homem permanecia na propriedade paterna, ocorrendo muito dificilmente o inverso. Outras saíram para trabalhar em terras alheias e morar em casas humildes de granjas ou fazendas.

“...eu morei no meu primeiro casamento com minha mãe, mais tarde morei com a sogra. Aí minha filha, quase morri trabalhando, minhas cunhada me fizeram de escrava, só faltaram me batê. Bom tanto foi que eu perdi até o leite, que eu táva amamentando; a mais nova coitadinha criei a café preto. Saí de lá com menos de cinqüenta quilo, era uma varinha, então larguei marido, larguei sogra, troxe só a filha comigo. Hoje eu digo pras guria, vivê junto tem que tê seu cantinho, nem que seja duas tábua. Com meu segundo marido, fomo morá de aluguel...Eu também cuidei dos meus pais, mas chegô um ponto que tivemo que ajudá e fazê uma casinha nos fundo, senão, Deus nos livre, era briga todo dia. Um dia meu pai, ele era meio relaxado (risada) acostumado lá pra fora sem muita preocupação com limpeza, jogô um toco de cigarro, desses feito de palha e fumo, atrás da porta e a minha guria viu e falou prá ele: “Pra que?” O velho encheu ela de nome, dali em diante não deu mais certo, ele foi morá com meu irmão uns tempo...” D.(46 anos, casada, origem luso-brasileira, comerciante).

Não são poucas as casas de família no bairro nas quais outros parentes (pai, mãe, sogro, sogra) vivem. Porém, essas relações são muitas vezes conflituosas, mostrando que, na cidade, ter a própria casa é uma necessidade.

“...Digo sempre pras minhas filhas “quem casa primeiro faz a casa”. Esse negócio de morá na casa dos outros não dá certo. Olha eu casei fui morá na minha casinha, simples, mas minha. Eu disse pro meu marido: Com parente não moro...”Fazê o serviço na tua casa é outra coisa, você tem gosto de fazê as coisa...” S. (39 anos, casada, migrante de descendência italiana, dona de casa).

Esse é, talvez, o primeiro problema a enfrentar quando se faz a passagem do interior para a cidade; “ter onde morar e não pagar aluguel”, e, de preferência, não morar na “casa dos outros”, representa segurança e mais dinheiro no bolso, que pode ser gasto com outras necessidades.

“Logo no início, eu precisei, morá com a sogra, sofri demais, eu era uma boba, tinha medo, ela me pisô por cima. Se quisé pagá os pecado, vá morá com a sogra. Mais adiante, lá fora a gente morava e ganhava a casa do patrão, casa que era muito pobre, mas nós tivemos uma casinha lá. Depois, tivemos uma outra casinha nossa, mas não fiquêmo, porque daí a terra não era nossa. Onde era nosso, por causo das terra, a gente não tinha como plantá, então tivemos que saí, mas só a casa que era nossa, a terra não era da gente...Um dos meu guri, o P., que estudô um poco, ele veio do quartel, disse: “Eu não vô ficá aqui”. Pego umas ropa, um fogão velho que nós tinha e veio pra cidade. Ele veio primeiro, na frente, daí ele conseguiu fazê a casa pra nós, foi ele que fez, ele diz: “Mãe! a casa é sua”. Mas só que a gente sabe que não foi do nosso suor, foi do suor

dele..." R. (55 anos, casada, migrante de descendência italiana, confeitira/padeira).

A importância da moradia, no momento, não é destacada só por quem faz a transição do meio rural para o meio urbano; é uma preocupação de todas as mulheres, inclusive daquelas mais pobres que não são migrantes. É o caso de V. (microempresária), que faz um relato impressionante de como usaram de todos os esforços e sacrifícios para, finalmente, comprar o sonhado terreno.

"...quando nós casamo, fomo morá na casa do pai dele, aqui no bairro São José. Daí, a gente não pagava aluguel e a gente guardava o dinheiro pra compra o terreno. Então, compremos o terreno e troquemos com o padre, por esse da frente. Pra mim podê vim morá perto dos meus pais, porque as criança eram muito pequena... Se é uma coisa assim que a gente sempre se entendeu muito bem, é isso aí, na questão da organização, sempre foi, tanto que ele era e é muito econômico. Não que ele diga não pras coisa, mas assim econômico na hora da gente tê um objetivo, ele é ali de tranca os gasto, mesmo. Então, ele era cobrador de ônibus, daí ele recebia, a gente fazia o rancho e o resto a gente guardava na caderneta de poupança, lembra uma cadernetinha verde que dizia: "Habitação?" Era lá. A gente comia carne, só quando ele recebia, ou no fim de semana, quando a gente ia na casa do pai ou da sogra, porque a gente era muito econômico mesmo, a gente comia coisa que plantava. Ele chegava às sete horas, o terreno era grande, plantava as coisa. mandioca, pra gente tê as coisa assim, com arroz, feijão. E eu, tinha uma vizinha, uma chácara na frente onde eu morava,

tinha abóbora, eu fazia chimia²⁴, fazia pão de milho, procurava os mercado mais barato pra comprá. E daí, o dinheiro não ficava em casa, guardava tudo prá comprá o terreno e fazê a casa” V. (35 anos, casada, origem afro-brasileira, microempresária).

A casa de V. é relativamente pequena dois quartos, sala, banheiro, cozinha para o número de filhos oito, porém ela mesma diz que se preocupa em comprar terreno grande nos fundos para que, futuramente, os filhos possam também construir sua casa. De fato, o terreno é enorme, “tudo que a gente tem tá investido aqui...”. Não é por acaso que, em algumas conversas com as mulheres, nas muitas visitas que realizei, elas têm chamado minha atenção para a casa que construíram. A casa é um dos poucos bens que as moradoras pobres podem, com orgulho, exibir; motivo de contentamento para aquelas que possuem “casa própria”, tema de desalento para aquelas que ainda pagam aluguel.

“A casa é onde realizam o projeto de ter uma família, permitindo, a realização dos papéis centrais na organização familiar, o de pai de família e o de mãe/dona de casa. Este padrão ideal pressupõe o papel masculino de prover teto e alimento, do qual se orgulham os homens, (Woortmann, apud Sarti, 1996: 42)”

Ser um bom provedor significa também ser capaz de construir uma morada para sua família. Nas condições em que vivem, não é o que acontece; a casa pode surgir de uma ajuda do sogro, da própria família ou ser construída paulatinamente, com muito esforço e trabalho, tanto do homem quanto da mulher, como ilustra o caso de V.

---

²⁴ Geléia pastosa.

Entre as entrevistadas, todas afirmaram ter adquirido com grande sacrifício o terreno e a casa. Algumas o conseguiram através de compra simbólica pela prefeitura em período eleitoral. Soube, em conversas informais, que muitos moradores invadiram terrenos e lá estão até hoje.

A compra do terreno é um dos tantos desafios colocados pela vida urbana, entretanto homens e mulheres parecem sentir de forma diferente os problemas. Nem todos os homens partilham do anseio de estabilidade das mulheres. A presença dos filhos e o desejo de protegê-los fazem com que sintam e lutem de maneira incansável pelo próprio teto, que significa "não andar rolando". Elas próprias afirmam que os homens não se preocupam como elas; por isso, a compra do terreno e a construção da casa representam um esforço extraordinário para as mulheres. O problema da "casa própria" revela a interiorização das normas da sociedade capitalista, com sua ênfase na posse da casa (Mello, 1988:63). Assim, morar no porão ou num puxado da casa dos pais ou sogros, é uma solução boa, mas provisória, porque pior seria "precisar morar de aluguel". Entretanto, continua sendo ideal ter sua casa própria.

É muito comum em nossa região, o uso de expressões, como patroa (dona de casa) e patrão (o dono da família), cada qual exercendo um poder dentro do âmbito familiar. A casa também aparece como representação das condições socio-econômicas de cada família, demonstra a capacidade de ter progredido ou empobrecido no processo de fixação em hábitat urbano.

“...aqui foi nós que fizemos, meu marido foi construindo aos poucos estocando material, os vizinhos ajudando, e foi indo, a limpeza fica por minha conta” L. (38 anos, casada, migrante de descendência italiana, empregada doméstica/manicure).

“...isso tudo que a senhora vê aqui foi tudo com suor meu, o pouco de minha vida eu empreguei na casa. Sabe salário de professora tá brabo hoje. Separada, nunca recebi ajuda do marido...Cada coisinha aqui foi comprada por mim e feita devagar até chegá onde tá, mas a gente tem sempre que ir melhorando. Por enquanto, eu acho que tá mais ou menos bom, eu consegui muita coisa em vista de tê que criá os guri sozinha e fazê a casa. Também é bom porque moro perto dos filho...” E. (42 anos, separada, origem luso-brasileira, professora primária).

“Nós podia comprá um terreno noutro lugar, mas eu quis ficá perto dos meus pais. Daí, minha mãe me ajuda com as criança, quando eu precisá...” N. (42 anos, casada, migrante de descendência italiana, dona de casa).

A proximidade familiar assegura uma dependência afetiva e material que é vista como positiva e que, na realidade, corresponde aos esquemas de dependência na luta pela sobrevivência, que rege a vida do povo do bairro. Ocorre uma troca permanente de serviços nas famílias, um apoio sempre presente em todas as horas. Essa troca, ou solidariedade, como muitas denominam, é fundamental porque permite enfrentar, desde os pequenos problemas, doença, maternidade, até situações de desemprego, que, nos últimos tempos, têm se agravado. Então, a família ampliada passa a ser a rede de sustentação entre os moradores e cada vez mais enfatizada como

valor fundamental para as mulheres. A pesquisa vem mostrando que, na atualidade, as condições socioeconômicas que impedem muitos de realizar o sonho da casa própria.

No bairro, encontramos moradias recebendo uma família nuclear e membros do grupo familiar mais extenso. Por exemplo, R. (55 anos, confeiteira) recebe na sua casa a nora e o filho, apesar de nela morar em mais um filho solteiro e o marido inválido; outros filhos também moram próximos. A vizinha I. (40 anos, bordadeira) tem o filho e a nora como moradores do porão de sua casa.

É muito comum um filho que casa erguer sua morada no espaço que sobra nos fundos do terreno da casa dos pais, ou fazer um pequeno aumento suficiente para o casal, com porta isolada, detalhe que é importante porque significa "independência" do jovem casal em relação à casa dos pais. Por outro lado, revela a manutenção do *ethos* camponês, que privilegia a moradia próxima na mesma propriedade quando o tamanho da mesma o permite. Ao mesmo tempo, os pais, quando recebem os filhos, agregam mais renda familiar, permitindo certa melhora no orçamento do grupo, criando uma espécie de troca.

Aparentemente, o que se vê é uma casa, mas ali vivem duas ou três famílias dependendo do seu tamanho; na medida do possível, vão sempre fazendo melhorias na casa. O mobiliário é uma mistura de objetos velhos e novos, geralmente televisão, geladeira, fogão são mais conservados, ou adquiridos há poucos anos. Já os móveis maiores que ficam nos quartos ou os sofás, mesas, e cadeiras, são velhos e pelo seu estado, se vê que acompanharam várias mudanças ou foram ganhos de segunda mão, o que é muito comum.

Os de melhores condições constroem dois pisos, com os mesmos objetivos. As habitações revelam muito da origem dos moradores, do desejo de melhorar, da organização familiar. De outro lado, é bom lembrar que o desemprego, o subemprego, o trabalho a domicílio das mulheres fazem com que o trabalho informal se intensifique, mudando a fisionomia das casas adaptadas para tanto, aparecendo puxados para abrigar as pequenas casas comerciais.

As nove escutadas na pesquisa, revelaram já terem morado em casas, todas moraram de aluguel ou com parentes na fase inicial da vida de casada, hoje tem casa própria e revelam nas falas o orgulho da conquista do próprio teto.

Entre elas S.(39 anos, dona de casa) é a que tem a casa considerada melhor e mais bonita: *"tudo brilha na casa da S."*, diz, uma delas. S. diz com orgulho disfarçado, ser exagero das amigas. As casas são erguidas com dificuldade, sempre bonitas aos olhos dos proprietários; Vasos de flores enfeitando a área da casa, asseio e limpeza, acusam a presença constante de mãos femininas. Além do mais segundo, para elas *"é um prazer ver a casa limpa, mesmo porque as vizinhas sempre aparecem para o chimarrão"*. O hábito freqüente das visitas para tomar o chimarrão na casa das comadres e amigas é também o momento de se reparar na casa da vizinha, o que pode gerar um sentimento de "igualdade" ou de "diferença" em relação às condições de vida.

Basta caminhar pelo bairro com as mulheres para assistir a uma competição de cuidados e limpeza entre suas casas. Mesmo nas moradias mais humildes em que estive, percebi

grande preocupação com a limpeza²⁵ e o orgulho da dona de casa, que justifica seu trabalho constante apesar do cansaço, porque é um *“faz e desfaz toda hora, suja e limpa, que não termina”*. Contudo, parece que todas seguem o ditado conhecido por todas *“pobre sim, mas sujo não”*.

Uma delas nos mostrou sua casa em fase de acabamento. Pensou fazê-la maior, porém, com faltou dinheiro, fez de um só piso e se mostrava orgulhosa nos convidando para visitá-la. Quando perguntada se sua casa era própria ou alugada, a resposta vinha sempre acompanhada de um suspiro: *“graças a Deus a casa é minha, a chega de tanto rolar”*²⁶.

Para a mulher, a casa é seu espaço, onde seu projeto afetivo se realiza, a qual incorpora a constituição da família e a sua sobrevivência econômica e afetiva. As pessoas vivem nas suas casas, embora, em alguns casos, passem boa parte fora delas; assim por mais frágil e precária que sejam, as moradias são cheias de significado, de histórias, carregadas de afetividade. Quando ocorre algum dano nas moradias, é uma dor semelhante à de quem perdeu um pedaço de si próprio. V.(35 anos, casada, afro-brasileira, microempresária) nos mostra a casa bastante danificada e comenta:

---

25 “A limpeza não é apenas uma condição de saúde; ela contribui também para a dignidade, a moralidade humana, ela torna saudável, ela embeleza o mais pobre reduto, a mansarda mais miserável, e pressupõe entre as famílias, mesmo as mais indigentes, o sentimento da ordem, o amor, à regularidade e uma luta enérgica contra a ação dissolvente da miséria (J. Barberet, *apud*, Perrot, 1992, p. 204)”.

26 Sobre o significado da casa em relação, ver Caldeira (1984).

"...quando veio o temporal, não deu tempo de nada, corremos e colocamos as criança dentro da Kombis que tava do lado da casa, elas choravam, Deus do céu... Não deu prá socorrê nada, as ropa, tv, geladeira, perdi quase tudo, molhô tudo as peça, só não molhô as comida. As criança pobrezinha, de noite, ainda estremezem e se assustam, acho que sonham. As ropa tão com cheiro que não sei que fazê, tem que lavá tudo... A M. (filha) atacô a broquite, tá na casa da minha cunhada, aqui é cheiro de môfo por tudo, pó, isso faz mal prá ela. Agora até metade do ano tenho serviço, tenho que lavá toda essa casa, olha as parede corria água por dentro que nem cachoeira, tenho que lavá peça por peça, mobília, ropa, tudo e ainda tenho que tocá a firma, porque sem dinheiro como é que a gente faz. Agora é reza prá não chove..."

Portanto, perder a casa ou vê-la danificada por conta de tragédias naturais significa ver o investimento de uma vida perdido, porque as casas não são apenas abrigos; foram construídas com muito esforço, segundo um projeto que geralmente exige anos de economia e privação. As casas nunca estão prontas, sempre estão por terminar, assim como a vida de cada uma das moradoras, cheias de sonhos por realizar. Mas não são só os imprevistos da natureza que ameaçam a moradia; as mulheres enfrentam também os maridos que, muitas vezes, em razão de dificuldades econômicas, ameaçam vendê-las. Dona I. (40 anos, casada, migrante de descendência italiana, bordadeira) passou por esta situação:

"...daí, ele diz que fez a casa pra nós, daí ele quis vendê a casa, e eu não queria que ele vendesse porque eu sabia que

não ia virá em dinheiro, vai virá em nada, porque você sabe nunca pagam aquilo que vale. A gente sofreu tanto pra adquirir uma casa pra morá, vivia morando no galpão dos outros, agora que a gente tem... Aí o que aconteceu? Quando bebia queria vendê a casa, até fogo queria botá na casa, ele diz: que a casa é dele, só que ele não sabe que eu fui me informá e por lei metade da casa é minha, ele não vende nada se eu não assiná..."

Observando a geografia do bairro, percebe-se que ele é dividido em duas zonas, repetindo o modelo da cidade: as casas melhores, mais bonitas e mais bem conservadas se localizam no centro do bairro, e as mais pobres e precárias, na baixada periférica. Esses últimos moradores da baixada sofrem com o acúmulo de lixo em terrenos próximos, o riacho se transformou em esgoto e faz parte do quintal de grande parte das casas, distante apenas três metros das moradias. Para atravessar o quintal da casa de R.(confeiteira) e chegar à casa de I.(bordadeira), é preciso equilibrar-se num tronco que atravessa o canal sanitário. As crianças são as maiores vítimas, não só por terem saúde mais frágil, mas porque são obrigadas a atravessar o canal para se deslocarem de uma casa à outra, freqüentemente caindo no esgoto. Essa parece ser a queixa mais freqüente das mulheres.

As casas dessa parte do bairro também são as mais precárias, na sua quase totalidade, estão por acabar, sem pintura, envelhecidas tendo sido levantadas parte com tijolos, parte com madeira. Aos poucos, vão sendo "ajeitadas", conforme as possibilidades da família. Mora-se de qualquer modo, não sendo possível escolher quando o dinheiro é curto e incerto (obtido em atividade urbana) e, de alguma forma, precisa-se

morar na cidade. Caminhando pelo bairro, vê-se a propaganda da venda de terrenos no bairro, pois grandes espaços vazios são comuns e as casas para alugar são poucas.

É nas reuniões dos grupos comunitários que as mulheres, expressam os desejos de melhorar a casa, de aumentá-la, de realizar consertos, fazer um banheiro novo ou desmanchar uma parede. Esses projetos fazem parte das preocupações femininas, muito mais do que das dos homens, pois são elas que cuidam da casa, limpam-nas e percebem mais concretamente as necessidades das melhorias; são elas também que sofrem as críticas por uma casa muito limpa ou mal-cuidada. Nessa hora, não se fazem críticas ao homem "chefe de família" e, sim, à mulher "chefe da casa". Existe uma diferenciação básica fundamental que envolve o homem, a mulher, a família e a casa, que é a seguinte: a casa é identificada com a mulher e a família, com o homem. Casa e família, como homem e mulher, constituem um par complementar, mas hierárquico. A família compreende a casa, que está, portanto, contida na família. De tal maneira que é o homem é considerado o chefe da família e a mãe, a chefe da casa. Essa distribuição de funções confere também diferente nível de autoridade a cada cônjuge (Caldeira, 1986, Sarti, 1996).

Sendo a casa, para elas, o espaço de moradia, trabalho e onde se dão as relações de vizinhança e amizade, elas mantêm uma relação muito mais próxima e íntima com esse equipamento, tendo, portanto, nítida noção das suas possibilidades, carências e desejando sempre e com mais intensidade melhorá-la ou ampliá-la.

São as crianças que mais se aproveitam do espaço físico, da ausência de cercas entre algumas moradias, do ambiente "rurbano" do bairro. Percebi as ruas movimentadas pela

presença de crianças que não têm limites definidos por cercas e portões, o que lhes permite andem por quase tudo, brincando e caminhando pelas ruas, como a dizer “este espaço é meu”. Assim, os carros que reduzam sua velocidade e entrem no ritmo delas. Aliás, o bairro parece, numa primeira impressão, pertencer aos velhos e às crianças, pois são eles que estão sempre na frente das casas. Pouco a pouco constatei que uma primeira impressão que tive era verdadeira: o segredo da vitalidade do bairro está na presença constante das crianças, com seu barulho, brincadeiras, e o vai-vém de mulheres. S. (67 anos, aposentada/artesã) me disse: “*elas parecem um bando de curucacas*”, pássaro típico na região e que, ao ouvir qualquer movimento, faz muita barulho.

A rotina das mulheres pesquisadas gira em torno da casa, dos cuidados com os filhos; por isso, como vimos, a casa representa muito mais que uma construção material e fria. É ali que a vida de fato é vivida com algum grau de satisfação e contentamento, é ali que elas exercem e põem em prática seus saberes e poderes. É uma construção que representa trabalho e história de vida, porque cada família tem ali depositada sua parcela de contribuição e trabalho: tem a mão do marido que construiu e pintou; tem a mão da mulher, que limpa, organiza e cuida de maneira incansável; é o objeto concreto que mostra que a família existe e que não está desprotegida. É o abrigo e única herança para os muitos filhos, a demonstração visível da luta da família ao se fixar no urbano. “*Quem não tem casa, não tem nada*”, afirmou S. (39 anos, casada, migrante de descendência italiana, dona de casa).

Pode-se dizer que o espaço privado (concretizado na casa e na família) é olhado nas suas minúcias e valorizado pelas mulheres; é determinante no cotidiano. Já o espaço público é

descoberto através da sua inserção na comunidade. A luta para superar limitações pessoais e aquelas impostas por sua condição social são constantes. Os aprendizados vão acontecendo e contribuindo para redefinir a identidade feminina (de migrante rural) e o papel das mulheres no âmbito familiar e social. As comparações que as mulheres estabelecem entre o lá e o cá, não esquecendo suas origens, têm mais o sentido de revelar os reajustes que realizam do que mostrar a dimensão da sua própria metamorfose. Lá, como aqui, elas sobrevivem. As comparações que fazem entre "a vida de antes e a vida de agora" narram sempre o limite da existência e da possibilidade de produção e reprodução da vida no interior desse limite. As mulheres migrantes e seus familiares de raiz popular e camponesa tendem a reproduzir e conservar, na cidade, táticas e estratégias semelhantes às que desenvolviam nas suas comunidades de partida. Lutar pela coesão familiar, manter os valores dentro da lógica camponesa, ainda que atualizados pelo meio urbano, esses são os maiores desafios que elas enfrentam.

III . 4 - Saúde: entre ervas e remédios

A condição de bem-estar físico preocupa muito as mulheres, porque ter saúde para trabalhar, segundo elas, é *“ter o maior dos bens, significa ter a riqueza que muitos ricos não têm”*. Nessa busca, vale tudo, desde a bênção do padre até as rezas da comadre benzedeira. Todas elas, em algum momento, abandonaram o trabalho para atender a situações de doenças dos filhos e de pessoas mais idosas da família, tarefa considerada como *“atribuição feminina”*.

A primeira prática a que recorrem na falta de saúde são os chás, os benzimentos e as rezas. No bairro há várias benzedeiros, dona R. (55 anos, casada, migrante de descendência italiana, confeitadeira/padeira) é uma delas: *“... eu acho que os benzimentos, os chás, a gente nunca pode deixá. No caso, o médico é em último recurso, daí a gente vê. Os filho eram tudo de boa saúde, no caso, passaram o que era necesssário: tosse cumprida, sarampo, catapora, nunca gastemo com médico. Agora a gente ficava grávida, nem ia no médico, sem fazê um exame nada, e tudo ia pra roça trabalhá. Hoje em dia a gente se trata por aqui mesmo, a vizinhança faz fila pra benzimento aqui. Benzo de rendidura (problemas na coluna), das bicha é quase todo dia criança aparece, mau olhado, quebrante, picada de aranha...”* R. (55 anos, casada, migrante de descendência italiana, confeitadeira).

“...ela teve muito problema de bronquite asmática, agora tô fazendo aquele remédio de babosa, coisa mais caseira. Hoje vai dá no Fantástico sobre benzimento, sobre as pessoa se benzerem. As oração também ajuda, eles tão querendo

comprová que é muito mais que tomá um comprimidinho. Tô fazendo cursinho de chás, de ervas, eu botei aqui no chimarrão uma alcachofra, meio-amarguinho, mas...Eu escutei muito minha mãe nessas coisa, muito eu aprendi com ela, a senhora viu que agora tão começando a dá valor pros chás. Nem tudo é médico..." V. (35 anos, casada, origem afro-brasileira, microempresária).

"...tinha dona E., uma velhinha aqui do bairro, era benzedera das antiga. Diz que foi até partera, coitada morreu da asma. Na casa dela era fila de gente, mas tinha os dia certo e a lua certa, conforme o tipo de problema. É, não é assim, e tem reza que ninguém pode escutá, isso é um ensinamento difícil, não é qualqué pessoa que pode aprendê... Agora eu ouvi dizê que quando ela fico mal, mas nem tão mal, falava bem ainda, ela chamo outra vizinha pra passa esses ensinamento. Coitada dona Ernestina pessoa santa, não sei quanta gente curô aqui no bairro" S. (67 anos, viúva, migrante de descendência italiana, aposentada/artesã)

".. agora nós tamos fazendo muito curso de chás, curso desses que a Cáritas promove. Tem muita coisa boa, mas tem muita coisa que elas pensam ensiná, que a gente já sabe faz muitos anos. Eu acho uma coisa importante esses curso, principalmente pra gente mais nova, porque se evita quanta coisa. Mas eu tava pensando que seria mais certo se a gente, assim, se perguntasse o que a gente já sabe, porque daí podia ensiná umas coisa mais diferente..." L. (38 anos, casada, migrante de descendência italiana, empregada doméstica/manicure).

Essa informante critica uma forma de educação segundo o padrão formal que ignora o saber e os interesses do educando.

As dificuldades encontradas nos cursos é que nem todas podem (ou desejam) participar porque estão trabalhando, além do que é um programa que é preparado por mulheres de outra paróquia, "mulheres do centro da cidade", professoras aposentadas, que não conhecem as mulheres do bairro, que "dão aulas" sobre assuntos sem conhecer as "alunas" e sua realidade. De qualquer forma, elas consideram positiva a iniciativa.

Quando todos os recursos tradicionais e mais naturais utilizados não recuperam a desejada saúde, então, buscam-se as filas do INSS.

"...eu já fiz cinco cirurgia no intestino, dá nó no intestino e cada vez que isso acontece tem que fazê cirurgia....aí tem que recorrê pros médico. O brabo é esperar, às vezes, eu tenho impressão que pobre não é gente, pelo tratamento que nós recebe. Aqui no bairro até que melhorô muito, agora nós temos uma agente de saúde, que conseguimos com organização nossa. Ela passa, de casa em casa e a gente faz uma fichinha, dizendo do que sofre e do que tipo de tratamento que precisa e ela encaminha. Agora, se a gente sabe de uma vizinha, por exemplo, que pode curá com chá, se alcança. Tem essa vizinha aí pra cima, tava com dor nas costa, eu tinha um chá aí, muito bom, daí eu disse: "Lurde, leve esse chá pra ela vê se melhora". Ela levô, diz que fico boa com aquele chá. Viu como a gente precisa se ajudá? Porque se dependê de médico, sai dinheiro e não é fácil, uma ajuda a outro, aí até remédio por exemplo, que eu tenho, se eu sei que não vai fazê mal pra pessoa e serve, eu passo adiante. Depende do que a pessoa sente, uma dor uma coisa se eu tenho, eu dô, a gente também um dia vai precisá...."

I. (40 anos, casada, migrante de descendência italiana, bordadeira).

É impressionante a solidariedade das mulheres quando tomam conhecimento de que alguma delas ou outras amigas ficaram doentes. As pequenas casas ficam cheias de vizinhas visitando e ajudando no que é necessário, inclusive no serviço doméstico. Quando uma delas ganha bebê e não tem mãe ou sogra próxima, uma vizinha fica tomando conta do serviço da casa e das crianças no período necessário pós-parto.

“...de uns tempo pra cá tenho que tomá remédio. Fiquei doente de tanto sacrifício na vida. Eu me trato no INSS com um médico pra fraqueza e depressão. Fiquei assim de tanto corrê mundo e sofrimento, só eu sei o que é não tê as coisa e tê que dá o jeito, pra dá pros filhos. Mas tenho me tratado com as duas medicina essa que a gente aprendeu, popular que dizem, que é das erva e com os comprimido do posto de saúde...o que não é contra a natureza é os chás...” E. (42 anos, separada, origem luso brasileira, professora primária).

A desconfiança e o descrédito com médicos e suas práticas é geral: *“...eu duvido, minha filha, ora! Nunca vi tanta cesariana que se faz, uma vez não era assim. Como é que antigamente o negócio funcionava diferente? A gente se curava com ervas de todo tipo e não tinha nem como buscá médico. Era carqueja, poejo, tansagem, alho, limão. Se fazia chá da raiz das erva e a gente conhecia tudo! Agora essa gurizada por ai, não sabe separá um poejo duma erva braba! Quando meus filho tinham febrão, enrolava num lençol branco e curava com aipo, não tem de melhor. Agora minha netinha já vive entupida de antibiótico desde que nasceu! Que saúde vai tê! Tudo é pediatra, tudo é médico, é claro que eles querem ganhá!...”* D. (46 anos, casada, origem luso brasileira, comerciante).

“Quando morava lá fora, depois do almoço minha avó saía a caminhar pelo campo com nós pra fazê a digestão, e ia mostrando as ervinha, ensinando o nome e prá que servia... Eu me lembro até que a gente comia uma florzinha chamada azedinha. Eu aprendi com minha mãe também, ela morô anos comigo. Quando ela fazia algum chá, ela sempre dizia:” Olha este chá serve prá tal coisa, barriga, dor de cabeça”. E daí fomos pegando o jeito. Olha, esse aqui não sei se você conhece é a tal tansagem, vô te dá umas mudinha pra você levá e plantá. É bom pra tudo, não tem igual, você ferve uma água e coloca umas folhinha num copo, larga a água quente por cima, quando tivé morninha toma. De melhor, seria depois da comida” S. (39 anos, casada, migrante de descendência italiana, dona de casa).

“...médico são poucos que prestam, ao menos pra atendê pobre. Olham com nojo pra gente, fingem que atendem e nós fingimo que consultamo em cinco, dez minutos. Então é em últimos casos mesmo...Quando é hora da gente morré, a gente morre igual. Quando me aperto com essas doenzinha mais conhecida da gente, essas de criança, levo prá d. R.(confeitadeira/padeira) benzê, é mesmo que tirá com a mão”. L. (38 anos, casada, migrante de descendência italiana, empregada doméstica, manicure).

A doença na concepção dessas mulheres, deve ser combatida com a medicina popular, à qual todas estão habituadas a recorrer. Todavia, as mulheres são pressionadas pelo discurso dos religiosos a abandonarem certas “crendices”, os quais afirmam que só Deus tem o poder de curar. É

combatida, sobretudo, a prática do benzimento, “*mas a gente faz com fé, então, não vai contra Deus...*”. Del Priore ajuda a clarear essas práticas que são milenares, dizendo que, desde o período colonial, há registros de que as mulheres usavam desse saber.

Desprovidas dos recursos da medicina para combater as doenças cotidianas, as mulheres recorriam a curas informais, perpetrando assim uma subversão: em vez de médicos, eram elas que, por meio de fórmulas gestuais e orais ancestrais, resgatavam a saúde. A concepção da doença como fruto de uma ação sobrenatural e a visão mágica do corpo as introduzia numa imensa constelação de saberes sobre a utilização de plantas minerais e animais, com as quais fabricavam remédios que serviam aos cuidados terapêuticos que administravam. Além desses conhecimentos, havia os saberes vindos da África, baseados no emprego de talismãs, amuletos e fetiches, e as cerimônias de cura indígenas, apoiados na intimidade com a flora medicinal brasileira (Del Priore, 1997, p.88-89)

Nos grupos comunitários, assistimos semanalmente, à reprodução desses saberes, aliados a uma situação econômica precária que faz com que as famílias busquem formas mais simples e baratas de prevenirem as doenças, deixando recurso aos médicos como última possibilidade, pelo péssimo atendimento e pelos custos com remédios industrializados que envolve¹.

Há centenas de anos, as mulheres são alvo dos discursos religiosos e respeitam muito a palavra do padre. As proibições a

---

¹ Perrot (1992, p.208), nessa questão, faz uma análise muito interessante: “seria preciso falar ainda da cultura do corpo. Antes de serem as auxiliares reverentes, ansiosas e sempre culpabilizadas dos médicos, as mulheres do povo, pelo contrário, foram suas principais rivais e continuadoras de uma medicina popular, cujas virtudes hoje em dia tende-se a revalorizar. Elas empregam todos os recursos de uma farmacopéia multiseular, conhecem mil maneiras de aliviar os pequenos males cotidianos que tantas vezes desarmam a medicina douta. Olhando-se de perto, esses “remédios populares” certamente revelariam um real saber dos sofrimentos do povo, preocupado em evitar despesas, mas também em *conservar sua autonomia corporal e em subtrair-se ao olhar médico*, esse olhar que ausculta, mede, classifica, elimina e, para terminar, envia-se para o maldito hospital”

determinadas práticas existem desde que a Igreja existe, tendo se intensificado no período da Inquisição². Sabe-se que, nos primeiros tempos da colonização, homens e mulheres acreditavam que a doença era uma advertência divina e, ainda hoje, a doença e a morte são compreendidas por boa parte da população como sendo desígnios de Deus; porém, deve-se lutar de todas as formas para afastar esses males. No caso em estudo, a Igreja faz uma higienização das práticas, trazendo senhoras das classes médias ou altas para dar "cursos" sobre saúde e ervas medicinais, excluindo o benzimento. O que se percebe é que as mulheres aceitam parcialmente o discurso da Igreja, pois, à medida que fazem a crítica aos ensinamentos do padre e continuam utilizando os saberes do benzimento, vão, portanto, contra o saber religioso e contra o saber médico também.

A ambigüidade dos tratamentos, que abrangem desde ervas, raízes e benzimentos até a busca de um médico, é vista com naturalidade e faz parte das concepções que oscilam entre o natural e o sobrenatural. Já a classe média vai, primeiro, buscar o saber do médico; depois, em situações mais desesperadoras busca os saberes sobrenaturais, dos chás e rezas, como última alternativa. O que se observou foi que, contrariamente, as classes populares, primeiro, buscam os chás, ervas, benzimentos e, por último, recorrem ao atendimento médico se se tratar de caso grave.

---

² Fátima Oliveira (1997, p. 9) especula com um dado interessante. Diz ela: "...é importante refletir se a caça às bruxas não representou também uma forma de desbaratar certo nível de organização feminina, que o saber de curandeiras e parteiras representavam. Ser curandeira ou parteira, tanto no escravismo como durante o feudalismo, era uma forma de poder razoável, em épocas que os conhecimentos biológicos e médicos eram insignificantes comparando-se com a atualidade. Penso que curandeiras e parteiras representavam uma forma de organização das mulheres, uma confraria poderosa, cujos saberes e poderes eram passados de geração à geração. Talvez curandeiras e parteiras tenham sido embriões das organizações de mulheres que surgiram com o advento do capitalismo".

Do grupo de entrevistadas, a única que é benzedeira, rezadeira, que ainda pratica sua arte no bairro é R. (55 anos, casada, migrante de descendência italiana, confeitadeira), havendo outras, segundo ela, não integrantes do grupo

Os partos, vistos como "coisas de mulher", também são acontecimentos que estão relacionados à saúde, à vida e à morte. Para algumas mulheres, os partos eram uma situação sempre de risco, realizados com o auxílio de vizinhas ou de uma parteira.

"...a minha irmã mais velha tinha doze anos, quando a mãe faleceu de parto, ela faleceu e o nenê ficou vivo. Esse foi criado por um tio meu. Hemorragia e não parô mais. Tinha a parteira e a gente enxergava. Sabe, antigamente, as partera vinha na casa, e o pai atropelava a gente pra fora, pra gente não vê (o parto). Eu enxergava que eles levava pra fora as bacia com sangue coalhado, então, foi ali que ela faleceu, daquela hemorragia, que hoje em dia ninguém morre assim. Difícil morrê, podia tá viva até hoje a coitada. Os nove irmãos se distribuíram, umas foram trabalhá de doméstica, outras o pai ficô. As únicas que ele deu, fui eu e minha irmã e aquele nenê que ele não tinha condição de criá. O resto ficô em casa, nós era as menorzinha..."
I. (40 anos, casada, migrante de descendência italiana, bordadeira).

"A parteira a gente chamava de "entendida". Eu morava pra fora, o primeiro parto quase me matô; o segundo foi mais fácil. Mas a parteira me avisô: se você precisá de uma injeção, eu não tenho autorização pra te dá. Mas não tinha outra pessoa, e ela atendeu minha cunhada, ela ganhô quatro e ganhô bem, então...Daí, o bebê vinha e voltava, no fim ele nasceu, eram 9 horas da noite, e desde às 4 horas da tarde desse jeito. Daí meu

ex-marido pendurou uma corda alto, pra mim me segura e fazê força e foi o único jeito. Ele nasceu preto, preto, eu tava tão mal e eu ouvia ela dizê: um dos dois vai morrê. Naquela época, pra chama um médico, era três horas a cavalo, não tinha condução...Olha, o que tem que passá não adianta. O A. (filho), meu segundo filho, já foi diferente. A parteira veio e foi bem ligeiro, quando o carro veio buscá ela, já tinha tomado até cafezinho. Ele tinha bronquite, convulsão; antes de dá a meningite, ele teve coqueluche, sarampo, catapora, tudo que foi doença, diz que purifica o sangue. Enquanto que era bebê, até os dois anos, era um pouco em casa um pouco no hospital. E tinha que pegá hospital pela prefeitura, porque meu marido não trabalhava, nove anos ele fico fazendo só biscate, vendia quadro de parede..." S. (67 anos, viúva, migrante de descendência italiana, aposentada/artesã).

V. (35 anos, casada, origem afro-brasileira, microempresária, oito filhos) sempre precisou recorrer ao INSS, porque tem uma família numerosa e uma filha com bronquite crônica. Ela se refere aos "anjos da guarda" ao relatar os problemas de saúde vivenciados por sua numerosa família, os quais são as pessoas sempre a auxiliam em momentos difíceis. Sempre foi muito ajudada pelo pároco, por vizinhas e pelas companheiras do grupo de mulheres, pelo fato de ter uma família numerosa e quase todos pequenos, exigindo muito trabalho.

"...as criança tem tudo uma diferença de um ano, um ano e pouco, são quatro gravidez, e duas de gêmeos, são oito crianças. Eu ganhei as criança que nem em casa, porque ganhei de parto normal todos, bem que podiam fazê cesariana, mas eles

deixaram ali, você sofrendo, até ganhá, porque cesária tem que pagá. Se bem que eu tive muita sorte, não posso reclamá, eu sempre tive muitos "anjos de guarda" que apareciam, que corria comigo. É bem verdade, se fosse contá quantas pessoas... O problema é que eu não podia toma comprimido e daí, quando via, tava grávida, mas nunca vi isso como uma coisa negativa, meus filho são o melhor presente que eu tive, porque muita gente me recriminô. Sem eles, eu não teria lutado tanto e não teria quantas alegria que tenho hoje. Eu enfrento os problema também porque eu sô uma pessoa bem comunicativa, e sempre acho quem me ajude, mas eu penso noutras pessoas que não têm esse tipo de relacionamento com as pessoas, amizade, elas vão lá. Eu sei, porque vejo: um dia eu tava na emergência do hospital, chegô uma mulher, e ficô, ficô, ficô, daí ela me disse: "Eu tô esperando que me atendam". Mas eu disse: "O que que o teu nenê tem?" Ela disse o nenê, desde ontem, tem febre e eu vô num hospital, eles me mandam de um pro outro. E daí a enfermeira mandô ela procurá outro lugar porque ali não tinha lugar pra criança dela, entende? Eu sei que se acontecê alguma coisa assim comigo, eu ia esperniá, eu ia fazê qualqué coisa, mas eu me preocupo com os outros que não (esperneiam)...Eu esperneio, é isso aí que me preocupa a questão saúde. Se um dia eu precisá de alguma coisa mais complicada, eu tenho dificuldade de consegui. Ontem você viu na TV, uma mulher que ficô quatro meses esperando pra sabê se ela era soro positivo de Aids ou não. Entende, isso é uma preocupação minha também. De algum dia a gente precisá de alguma coisa bem mais sofisticada e não tê. E a Aids tá sujeito, qualqué pessoa pega, não precisa sê drogado, que Deus nos livre! Se um dia a gente precisa fazê uma transfusão...

V. demonstra que sabe exigir os seus direitos e um atendimento rápido, mas se preocupa com o social, com as pessoas que não têm a mesma persistência e que sofrem com o mau atendimento. Por outro lado, não tem as condições necessárias para enfrentar o problema; sente-se se vê limitada e vê outras pessoas em situações piores, realidade cotidiana vivida pelas populações pobres, retrato da ausência de políticas públicas para a saúde dirigidas às camadas populares.

Discutem vários problemas de saúde, inclusive os relacionados à Aids. As orientações que chegam sobre esse assunto são mínimas: são ouvidas pela televisão, informações trocadas nos grupos, ou vêm dos próprios filhos, que aprendem na escola ou na rua. Informações ligadas ao corpo e à sexualidade circulam, mas num tom de advertência. Situações de aborto espontâneo ou induzido acontecem. Dificilmente, alguém toma conhecimento deles, pois são feitos às escondidas e só são comentados quando ocorre o agravamento da saúde da mulher, por conta das precárias condições em que é feito o aborto. Porém, numa e noutra conversa, ao pé do ouvido, contam-se as histórias.

“...a mãe da moça viajô com o marido e o neto. Essa moça, (não é) moça nada, é mulher, já tinha uma criança, viveu com um rapaz, não deu certo, ele foi embora, moravam na casa do sogro. Saiu por aí, arrumou outra gravidez, a mãe não sabia de nada. Daí, aproveitou que a mãe viajô, juntô umas amiga em casa e fizeram o tal aborto. Menina do céu, deram uma chapuerada (mistura de ervas) pra ela. A moça começou a passá mal, as amiga, em vez de chamá algum vizinho, se apavoraram e chamaram os bombeiro pra levá a moça pro hospital. Imagine

você! O bairro inteiro ficô sabendo. A moça se salvô, mas foi uma vergonhera pra família. E o pior não é isso, ninguém que tem filho tá livre. Mas essa fez de sem-vergonha, hoje já tem como se cuidá...” E. (42 anos, casada, origem luso brasileira, professora primária).

Numa conversa muito reservada com a pesquisadora uma fez uma revelação inesperada uma informante idosa:

“...Olha! eu vou contar uma coisa muito séria, quando mais nova eu fiz aborto sim, porque eu não podia criá. Deus que me perdoe, e Ele sabe, não podia botá filho pra passá fome no mundo. No meu tempo, não podia dizê não pro marido, então como é que fazia, se não fazia, ele dizia que procurava outra. Então, eu sei de muitas mulheres do meu tempo que se obrigaram a fazê isso. Mas Deus é testemunha, ele sabe como eu sou. Então tem que pensá bem, antes de condená essas coisa, tem que vê como foi feito. É certo que hoje em dia as moça tão passada (livres)...mas ninguém faz isso por livre espontânea vontade, é por necessidade. Se bem que por ele não adiantô nada, porque foi uma marido dos mais sem-vergonha, cheio de amante...” S. (67 anos, viúva, migrante de descendência italiana, aposentada/artesã).

“...eu não sei, Deus é que sabe, cada um, mas prá mim hoje em dia é pecado, fazê isso com um inocente, por pura sem vergonhice de algumas mulhé,...” L. (38 anos, casada, migrante de descendência italiana, empregada doméstica, manicure).

O aborto continua sendo um grande e polêmico problema para as mulheres do grupo, o qual, do ponto de vista moral,

parece não ter solução. Num meio em que a influência religiosa é muito grande, fica quase proibido colocar-se a favor do aborto, no entanto, a realidade é bem outra, os abortos acontecem, e as maiores vítimas são as mulheres pobres, que, via de regra, os realizam nas piores condições higiênicas e com pessoas desqualificadas. Isso reflete novamente o abandono e o descaso com a saúde da população em geral, com a saúde do corpo e a sexualidade femininas, que não são contempladas com programas de apoio e orientação, nem por parte do governo nem de outras instituições da sociedade mais ampla ³.

“... o mais velho e o mais novo são falecido, um nasceu de seis meses e o mais velho faleceu, eu acho porque judiaram muito no parto, ele criô água na cabecinha. Eu já sofri, ganhei no hospital municipal de parto normal, passô da hora, eles tiraram a ferro, e aquilo ali, foi prejudicando, começô a dá ataque, aí nos levêmo ele em Porto Alegre, fiquemo dez dia em Porto Alegre. Mas daí, não tinha mais condição, se não tinha que enterra ele lá. E daí fizeram a injeção pra ele não falecê lá na estrada, dentro do ônibus. Ele ficô ainda vinte dias em casa, ele tinha três meses. Na minha última gravidez tava muito fraca; nos nove meses, o médico me disse que eu tinha que fazê ligação, eu não podia tomá comprimido. Tivê que fazê outra operação depois, porque eu perdi muito sangue , esperei um ano pra fazê a ligadura” I. (40 anos, casada, migrante de descendência italiana, bordadeira).

---

³ Scavone acrescenta o seguinte: “ Outro fato a ser considerado quando se analisa como se dá o aborto é o processo da decisão sobre a interrupção da gravidez, isto é, o confronto que se dá diante das crenças religiosas, princípios religiosos e valores que até o momento da decisão permanecem inquestionáveis; representam o impacto emocional e mortal que propiciam o sentimento de culpa. Mediante a indução deste sentimento, a sociedade converte a mulher que aborta em veículo de seu próprio castigo. Porém, apesar desse sentimento, as mulheres levam a cabo a sua decisão (Scavone, 1996, p. 132)

Os partos das mulheres mais jovens já aconteceram em hospitais, mas também em meio a dificuldades e falta de assistência adequada, enfrentando filas de espera. Todas tiveram parto normal, nem pensavam em fazer cesárea, visto que não podiam pagar, e essa história continua se repetindo com as mulheres pobres.

No meio rural, as mulheres mais velhas recordam que faziam uma dieta pós-parto com caldo de carne⁴, massas e comidas leves, dispensando tudo que fosse ácido, como vinagre, frutas cítricas, carne de porco. Na cidade, nem sempre isso é possível, visto que não se dispõe da mesma fartura alimentar e os hábitos se alteraram. A alimentação já é considerada mais fraca e menos abundante; muitas nem falam mais em dieta alimentar: *“a gente come o que tem e o que puder comprar”*.

Além disso, o que mais angustia é ter um filho doente, sem saúde e precisar buscar o INSS com regularidade. Esse é um grande problema.

“...quando nós tava lá fora, a gente perdia uma pessoa da família, tinha que se conformá, porque sabia que era quase impossível chegá na cidade. Eram horas a pé, a cavalo, dependendo de um vizinho, de um ônibus longe, horas e horas. Então, quando acontecia alguma coisa que não tinha volta, a gente pensava é longe do recurso... Agora a gente tem os hospital ali, os médico ali, e não consegue vaga, nem numa emergência! Morre na porta do hospital...” S. (39 anos, casada, migrante de descendência italiana, dona de casa).

---

⁴ Em italiano, as mulheres chamam de *brodo*, é um caldo preparado com carne de galinha velha que leva alguns temperos leves.

A saúde é um "bem" fundamental; sem ela, como trabalhar? De outro lado, o custo elevado dos medicamentos, a necessidade de perder dias de trabalho para conseguir uma consulta, a desconfiança em relação à qualidade do atendimento médico, os tratamentos caros e quase impossíveis de cumprir conduzem os moradores a buscarem soluções diferentes para tratar as doenças. É a afirmação, cada vez mais forte da herança cultural deixada pelas avós curandeiras e benzedeadas.

Elas conservam os modos de tratar as doenças aos quais emprestam sua crença, assim como assimilam e usam os conselhos médicos, quando esses adquirem, para elas, a mesma racionalidade que os outros já possuem de longa data. Todavia, à medida que se agrava a crise econômico-social, atingindo, sobretudo, as camadas menos qualificadas e de menores condições, por conta do não acesso à educação, do desemprego e de fatores de ordem cultural, mais se recorre ao curandeiro, raizeiro, benzedor, que assumem o lugar do médico e do farmacêutico.

As benzedeadas não cobram nada por seus serviços, ou cobram apenas "uns troquinhos", ou, ainda, aceitam um pequeno presente, que pode ser qualquer coisa de utilidade doméstica, adorno para casa ou algo para comer.

De todas essas práticas depreende-se que as práticas tradicionais não foram abandonadas e são, sim, cada vez mais divulgadas. Não poucas vezes, ouvi as mães combinando levar suas crianças pequenas para benzer de "quebranto", apesar de a Igreja Católica, como já dissemos, desautorizar os benzimentos. O que acontece, pelo que se percebe nos

depoimentos, é que tradição e ciência se misturam e compõem uma medicina para uso próprio, todavia, conforme já frisamos, esses sujeitos colocam num patamar superior as ervas, benzimentos e rezas.

Os depoimentos revelam, finalmente, a face complexa das políticas públicas de saúde,⁵ que estão ausentes ou são ineficazes ao menos para a população pobre, confirmando as desigualdades sociais, raciais, sexuais que persistem em nossa sociedade e sem solução aparente. Nessa, mulheres são atingidas diretamente porque são elas as responsáveis pela reprodução da espécie com todas as implicações que esse fato natural e social tem. São elas que menstruam, engravidam, passam pelo parto; são elas, igualmente, os membros dentro do grupo familiar que são chamados pelas crianças quando adoecem, e a elas também cabe cuidar dos idosos; elas convivem e sofrem diretamente com essa realidade que mexe com sua sensibilidade. Não é de admirar que busquem fórmulas para solucionar esses problemas.

A forma que encontram para resolver os problemas não é de submissão, mas velhas formas. Elas têm bem claro o que vem primeiro e até se submetem ao saber médico, mas com olhar crítico. As mulheres, assim, reservam-se esse "outro poder" que se conserva dentro do gênero, que está espacial e culturalmente se reproduzindo dentro da cultura do próprio grupo.

---

⁵ Sobre os vários problemas que envolvem a saúde da mulher, dos filhos e a responsabilidade dos governos nessa questão, ver Scavone (1996).

III. 5 - Alimentação o dilema entre: “ prazer ou tortura”

“...fazer a comida pode ser um prazer, mas também pode ser um tormento, depende da tua despensa...”

S. (67 anos, aposentada/artesã)

O trabalho feminino está em toda parte, para usar a expressão de Moraes (1989): na limpeza, nas roupas, na organização do lar, mas principalmente na *comida preparada*.

Dos muitos afazeres domésticos, o cozinhar é uma atividade fundamental e indispensável para a reprodução das forças de trabalho da família. Dentro da casa, boa parte do tempo da mulher é dedicado à preparação dos alimentos: amassar pães, descascar batatas, ferver feijão, passar café. Ou, ao contrário, “inventar” com o que se tem para uma refeição satisfatória, a primeira dentre todas as preocupações da dona de casa: *“se a despensa tá vazia, a gente não tem vontade nem de levantá de manhã. Ouvi reclamação porque falta o que comê, é coisa muito doída. Então toca trabalhá pra ajudá não faltá, a gente tem que se mexê...”* D. (46 anos, casada, origem luso-brasileira, comerciante).

Por outro lado, as mulheres têm se tornado sábias ao organizarem seu tempo no exercício do trabalho doméstico, dividindo seu tempo entre atividades demoradas e que envolvem um ritual que varia de cozinheira para cozinheira, com a atividade autônoma que também realizam no mesmo espaço da casa. Aliás, as mulheres são sábias, versáteis e realizam várias tarefas ao mesmo tempo, isto é, entre outras coisas, cozinham, “olham os filhos”, lavam roupa, atendem o forno, arrumam a

casa, tudo simultaneamente; dominam o tempo no exercício do trabalho doméstico, o espaço, os saberes e fazem verdadeiras mágicas, não poucas vezes, a “multiplicação da comida”.

Constatedei, no seu dia-a-dia, que é a cozinha e não a sala a principal peça na casa das mulheres. Acredito ser esse um costume trazido das famílias camponesas, porque, na cozinha, se trabalhava, se fazia o beneficiamento de alguns produtos cultivados e, ao mesmo tempo, se recebiam as visitas; ela é o espaço do trabalho e do lazer também. Tive a oportunidade de observar e confirmar que o espaço da cozinha, mesmo sendo pequeno, continua sendo o espaço onde toda a família se acomoda para sentar e fazer as principais refeições ou, mesmo, para tomar o chimarrão com as vizinhas e descansar um pouco. Essa observação me fez lembrar as palavras de Certeau ao retratar as relações familiares que se desenrolam no espaço da cozinha:

A cozinha pode ser o abençoado lugar de uma doce intimidade, conversas sem nexos travadas a meias-palavras com a mãe que vai e volta da mesa para a pia e da pia para o fogão, com as mãos ocupadas mas o espírito disponível e a palavra atenta a explicar, discutir, reconfortar (1997: 259).

A alimentação do grupo familiar é uma das grandes preocupações das mulheres porque seu cultivo e preparo são “atribuições femininas”. Às lembranças de um tempo de comida mais forte, mais pura e mais farta se juntam as preocupações presentes, quando o alimento é mais leve, mais “cheio de química” e mais difícil de conseguir, porque é cada vez mais caro. As mulheres evitam contar detalhes da dieta alimentar;

esbarrando numa reserva natural, hesitam em desvendar para a pesquisadora, membro de outra classe social, a intimidade espartana de suas cozinhas. Depois de muitas semanas conquistando sua amizade, fui convidada a entrar e sentar nas cozinhas para conversar e tomar chimarrão. Algumas se mostraram espaços bastante humildes, outras com móveis e utensílios mais novos e bem cuidados. Numa única casa fui convidada a fazer uma refeição, na casa de V. (35 anos, casada, afro-brasileira, microempresária) num espaço pequeno para tantas crianças (são oito), que eles faziam fila para ganhar cada pedaço de pão. Atenciosa, ela diz:

"...fiz este pão ontem, está novinho, é caseiro, mas tá bom. Essa chimia (geléia) também fui eu que fiz, prove? Faço pão três vezes por semana, as crianças comem muito pão, são oito. É um prazer vê eles comerem, faço com vontade. De vez em quando, faço também bolo de fubá que aprendi da minha avô, não se faz mais igual..."

Os móveis das casas, em geral, são velhos (com exceção de uma ou duas um pouco melhores). Na casa de V., a pia e o balcão da cozinha quase não param em pé, apesar de terem sido estão reformados; a geladeira deve ter uns vinte anos de uso segundo ela, e as crianças abrem seguidamente como que procurando alguma coisa, mas ela se encontra quase vazia. Dois gêmeos comendo um pedaço de pão, sentam-se num pequeno caixote de madeira onde se guarda a lenha, em seguida abrem a geladeira e tiram de lá uma forma de pudim, com um restinho de calda, e ficam comendo-a, enquanto escutam nossa conversa. V., entre alegre e emocionada, elogiava as crianças e fazia planos: *"vô aumentá a cozinha e comprá uma mesa bem grande,*

onde possa sentá todo mundo...e vai tê até fotografia, se Deus quiser..." A mesa é um lugar sagrado para ela. Aos domingos, todos se reúnem ao seu redor para as refeições, ainda que seja pequena. Fazem uma oração e depois almoçam. Quando fui embora, ela fez questão de que eu levasse um pão feito por ela.

Poder alimentar-se bem todos os dias significa vencer a miséria, assim como lembrar os tempos de mais fartura, geralmente vividos na infância no meio rural. Os gostos e sabores da infância não se esquecem, e elas revelam isso. Os pratos que as avós preparavam são trocados nas reuniões, e aquela comida *"forte e com outro gosto, era galinha, mas tinha outro gosto"* diz D. As mulheres mais maduras e de origem rural chegam a estabelecer comparações entre a alimentação "lá de fora e a de hoje", e nessas comparações já há uma consciência das diferenças entre o modo de vida rural e o modo de vida urbano.

"...a alimentação lá de fora tem bastante diferença, tudo que você botá na mesa é comida, e aqui já é bem diferente. Lá se tem tudo e satisfaz. Aqui as escolha são fraca, o dia que eles querem outra coisa, tem que sê outra coisa. Lá já não, se tu não tem, tem que sê aquilo ali e enchê. A gente fica se acostumando porque a gente muda pra cidade. Lá o que a gente mais gostava era comida mais grossa, por exemplo: mandioca, batata-doce, batatinha, feijão, carne, a gente tinha galinha, ovo. Lá prá fora a gente cria porco, mas aqui já é diferente. Agora aqui em casa, ninguém é enjoado, o que botá na mesa come...O almoço que eu gosto é pão e café, minha comida preferida...A comida lá de fora era mais forte, porque hoje em dia, eu não sei. Antigamente as comida eram mais forte, porque não eram plantadas com adubo químico. Hoje em dia elas crescem na marra. Antigamente a

terra era boa, eu acho que aquelas plantaço era mais forte, até o tomate, já não tem gosto, parece que não é natural. No fundo, no fundo não é natural, eles amadurecem dentro das caixa, não que nem antigamente plantava as coisa e colhia quando tava bom..." I. (40 anos, casada, migrante de descendência italiana, bordadeira)

"...Acho que lá fora era melhor, como é que vô dizê: lá fora era melhor a gente tinha uma horta bem plantada, tinha as coisa mais à vontade. E aqui também se a gente pude, no caso, compra e tê as coisa, tudo depende do dinheiro. Tenho um cantinho no fundo da casa, uma horta, uma vez eu plantava, mas já não é como lá fora, lá vem da roça, você já traz a mandioca, a batata, a moranga..." R. (55 anos, casada, migrante de descendência italiana, confeiteira, padeira).

"Aqui cada dia é um pensar, o que vô fazê prá comé? Eles não querem muita repetição, é brabo inventa uma coisa todo dia..." L. (38 anos, casada, migrante de descendência italiana, empregada doméstica, manicure).

Primeiro, o trabalho era braçal e tinha-se muita fome, comia-se bastante e qualquer coisa servia, não havia exigências. No meio urbano, o trabalho não exige tanto esforço físico, a sensação de fome é menor, você fica mais seletivo e não poucas vezes segue as ofertas divulgadas pelos meios de comunicação, anteriormente consideradas dispensáveis ou supérfluas.

Associada a todas essas lembranças existe a preocupação constante com o que comer. Certeau diz sobre isso

que comer, envolve muito mais que gosto, envolve "poder"⁶, poder comer. O que comer lembra sempre à despensa, o que nos é acessível ou aquilo que não mais é possível ter à mesa. Todas conservam a horta no fundo do quintal, não apenas reproduzindo hábitos e costumes herdados da vida rural, mas para complementar a dieta alimentar, evitar gastos com verduras e legumes, alimentos tidos como leves, que são por vezes difíceis de adquirir.

".. pra economiza, como já te disse, nós plantava quase tudo. No fundo do lote, ou no lote emprestado da vizinha da frente, era mandioca, verdura, abóbora, batata, milho verde e olha, nós tinha uma alimentação bem saudável. Difícil um ficá doente, só a Márcia, mas essa nasceu com o problema de bronquite... Daí, aqui na nossa casa, veja, olhe, o lote é enorme, nós ainda plantamo de tudo, tem horta e tudo, quanto menos comprá melhor, mais a gente economiza pras outras necessidade. Tem coisa que não pode deixa de comprá: o café, açúcar, coisa de higiene, miudezinha... agora que a comida da cidade é mais fraca e envenenada, tudo sabe" V. (35 anos, casada, origem afro-brasileira, micro empresária).

"...experimente fazê uma comida no fogão à lenha e faça a mesma no fogão a gás, pra vê. A diferença é a pressa, eu tenho

---

⁶ Certeau (1997, p. 251), nas suas pesquisas sobre cotidiano, nas quais trata da alimentação, diz: "...também comemos nossas representações sociais da saúde, o que supomos ser "bom para nós"... Mais adiante acrescenta, como observa Bourdieu, que há "paradoxos do gosto, por necessidade": os gostos populares, por necessidades econômica e por hábito, baseiam-se nos "alimentos mais nutritivos e mais econômicos ao mesmo tempo", devido "à necessidade de reproduzir a custo mínimo a força de trabalho". Também existe, muitas vezes, uma estreita relação entre o que uma família pode adquirir como alimento comum, o que gostaria de comer e o que acha benéfico à saúde. " No caso das mulheres optam por uma alimentação mais econômica por uma questão de escassez de recursos, não significando, porém, que sejam os mais nutritivos. Ao mesmo tempo, guardam imagens de alimentos que num tempo de mais fartura consideravam mais saborosos.

até hoje meu fogão e acendo ele todo dia” S. (67 anos, viúva, migrante de descendência italiana, aposentada/artesã).

“...aqui no bairro tem suas vantagens, dá pra tê uma criação, tê umas plantinha e quando não dá, tem a feira do produtor uma vez por semana, que é tudo coisa da colônia, mais barata e mais pura. Agora tem uma coisa, daquele preparado que se fazia, ficava lá, a manhã inteira cozinhando o feijão, escolhia, botava no molho, aquela maneira não é mais possível...” L. (38 anos, casada, migrante de descendência italiana, empregada doméstica/manicure)

Elas guardam a memória dos costumes antigos da zona rural e tentam adaptá-los à vida atual, recriando seu espaço vital.

“Tem os dois lado: se de um a gente não enfrenta mais o serviço tão pesado e duro, tem o lado que a comida também não é mais como antigamente. É só vê por aí, nada mais tem gosto, se a gente que criá um bichinho, tem a vizinha que reclama. Até parece que ela é madame, se eu não conhecesse? Veio de onde eu vim...” N. (40 anos, casada, migrante de descendência italiana, dona de casa).

“...eu só cozinho no fogão a lenha, a comida tem outro gosto...” S.(67 anos, viúva, migrante de descendência italiana, aposentada/artesã).

No bairro São José, a grande maioria das casas têm uma pequena horta, porém essa não é mais suficiente para suprir as demandas da família geradas pela vida urbana. As mães confessam que *“os filhos comem muita porcaria. Se ganharem um troquinho, vão correndo no primeiro armazém, gasta. Então,*

um mexido de feijão ou mandioca como a gente fazia, eles comem mais não é com aquela vontade. Agora docinho do bar, isso vai..." S. (39 anos, casada, migrante de descendência italiana, dona de casa).

É difícil, por vezes, acomodar costumes herdados com um modo de vida rural e as necessidades gestadas num modo de vida urbano. Elas não fazem essa relação e quem agir de forma diferente da delas é considerado ser pessoa "cheia", que se considera melhor que os outros". Não poucas vezes, isso gera bate-bocas com as vizinhas.

"...eu tive que largá minha criação de galinha porque a vizinha reclamava que cheirava na casa dela. Mas eu sei que tempos atrás a irmã dela, que mora aqui pertinho, criava porco no fundo do lote, e ninguém podia fala nada, por isso nos se destratemo esses dia, parece que virô grã-fina..." N. (40 anos, casada, migrante de descendência italiana, dona de casa).

"...venha vê os pato que eu crio no fundo do lote, não é bonito? Uma pena vô tê que matá uns porque tão escapando e indo comê salada na horta da vizinha..." D. (46 anos, casada, origem luso-brasileira, comerciante)

A mulher se sente responsável pelo alimento que chega à mesa. Ela precisa usar de verdadeiras mágicas para "fazer dar" até o fim do mês", e algumas confessam que, da metade do mês em diante, as coisas são "medidas".

“...eu, meu filho e a A. (nora) mantemo a casa e paguemo as conta. O dinheiro do A.(marido)? A aposentadoria dele não compra um quilo de feijão, tudo na pinga e no cigarro...” R. (55 anos, casada, migrante de descendência italiana, confeitadeira/padeira).

“...eu vô lá no Sesi, lá tem o leite em pó mais barato da cidade, dá pra mim e pro A. (filho deficiente), o mês inteiro, vou lhe mostrar qual é...Olhe e prove que cheirinho tem, dá um café que é uma beleza, mas eu economizo, porque a senhora sabe, meu salário é 120 reais e é pr mim e pro A. (filho). O que me salva são as bonequinha de pano que faço prá vende prá fora...” S. (67 anos, casada, migrante de descendência italiana, aposentada/artesã).

Por outro lado, todas confessam certa economia, controle, desejo e simplicidade na alimentação. Há saudades de uma alimentação mais “pura”, porém compreendem que hoje é quase impossível ter a mesma abundância. Como o dinheiro é escasso, ainda se planta no fundo do lote para “tapear”, ou complementar o prato principal, que é o arroz com o feijão e ovo. A carne é prato só no fim de semana; quando as coisas estão bem duas vezes por semana, mas isso é raro. Geralmente, a carne é misturada a outro legume, como batatinha, abóbora, chuchu, ou é usada, “só pra dá gosto”.

“...minha avó ficava comigo, enquanto minha mãe trabalhava pra fora. Eu brincava na cozinha, enquanto ela cozinhava, parece que sinto o cheiro do feijão que ela cozinhava. E não podia faltá alho, salsinha, uma colher de farinha de trigo era pra engrossá o caldo. Hoje ainda procuro fazê que nem minha avó o feijão, era passo por passo fazendo...E no meio

rural tem uma coisa, a senhora vê as pessoa vestida de qualquer jeito, a moradia é simples, às vezes tem pouca coisa dentro de casa, mas se chega na mesa, é sempre bastante comida" E. (42 anos, separada, origem luso brasileira, professora primária)

Todas reclamam de que os alimentos na cidade não são mais iguais aos do campo. Mas como bem nos relata a fala acima, Não é apenas o alimento que faz falta; era o "jeito" de fazer e "quem" fazia. Havia um ritual de cozinhar em um tempo no qual as mulheres estavam, mais presentes em suas casas; moravam sempre com a família, uma avó, sogra, tia, as quais influenciavam ao cozinhar para as crianças. Cheiros, temperos, combinações, enfim, reportam a um tempo e a um sabor passado. Chego a pensar que tais relatos servem para falar menos da realidade escassa do presente, do que para dizer que um dia a alimentação já foi diferente, melhor ou com mais fartura.

Esse assunto é predominante entre as mulheres quando se reúnem. As questões referentes à alimentação parecem ser uma especificidade da condição feminina. Alimentar bem a família e não deixar faltar o essencial, ser "*pobre, mas comer bem*", todo o resto vindo em segundo plano, é a mensagem que elas passam. Numa hierarquia de necessidades básicas, a comida está no topo; depois vêm roupas, objetos domésticos, móveis, etc.

Antônio Cândido (1987:125) refere-se à "fome psíquica", ao desejo permanente das misturas queridas: carne principalmente, e seus derivados, queijo, salame... Comer carne, para as mulheres, também é sinônimo de fartura. Esta é a queixa mais constante: não poder comer carne com a mesma regularidade que antigamente, quando viviam na zona rural.

Todas contam que criavam galinhas, porcos, dois ou três bovinos, esses em menor número que os demais animais. E sempre que se matava um porco ou boi, levava-se um pedaço para o vizinho mais próximo; quando este matasse alguma criação, devolvia na mesma medida, de forma que a proteína não faltava⁷. A carne, conforme vimos pelos depoimentos, é escassa, e pouco comprada, não poucas vezes, é reservada aos homens, porque trabalham no pesado, e as crianças, porque estão crescendo. As mulheres acabam por comer qualquer coisa, ou o que sobrar. Numa conversa informal, R. estava brava porque o marido comeu toda a carne que ela pôs à mesa: *“...para mim e para a A.(nora) fiz um risotinho, e para os homens fiz bifés de carne de primeira. E o A.(marido) comeu tudo sozinho. Não é todo dia que compra carne de primeira...”* R. (55 anos, casada, migrante de descendência italiana, confeitadeira/padeira).

“... nestes dia de frio, na hora da comida tem que servir um por um, até meu marido. Sentam todo mundo em roda do fogão e só erguem o prato: “ mãe quero mais”. Eu acabo sendo sempre última, sempre pra comê” L. (38 anos, casada, migrante de descendência italiana, empregada doméstica/manicure).

De acordo com os depoimentos transcritos as mulheres mantêm preferências ligadas à quantidade do alimento que é servido ou, mesmo, à qualidade do mesmo. No entendimento delas, carne de vaca é superior à carne de frango; portanto, os homens devem receber primeiro ou comê-la em maior quantidade porque trabalham no pesado. Disse uma mãe, para os filhos que

⁷ Antônio Cândido (1987, p. 54-55), ao falar da dieta do caipira, diz que “a carne de vaca era excepcional, constituindo-se índice de urbanização ou situação social acima da média. Tinha caboclo que envelhecia sem conhecer o açougue...”. Contrariamente, o grupo estudado, de origem campesina (e pobres) do interior do Rio Grande do Sul, tinha a carne como um dos alimentos principais de sua dieta.

reclamavam porque o pedaço de bolo maior ficava para o pai: “o pedaço maior fica pra seu pai porque ele é maior, mais grande”. Outro aspecto que demonstra muito bem a hierarquia familiar, é o momento de sentar à mesa: o homem se senta à cabeceira e a mulher serve a todos, servindo-se por último.

A questão central é que envolve o esforço da família toda é poder comer sempre, pois está ficando cada vez mais difícil adquirir os mesmos alimentos todo mês. Embora falem de uma certa fartura, nota-se nas casa que tudo é contadinho; cada colher de alimento, é controlada, e as mulheres sabem o preço de todos os alimentos, indicando onde é mais barato adquiri-los; reaproveitam alimentos, transformam, como de um resto de arroz que sai um bolinho frito, de uma sobra de feijão que dá um “feijão mexido com ovos” bem engraxado de preferência. Perrot (1992: 192) acrescenta: “administrar a miséria é antes de tudo, sacrificar-se, apesar disso é a base do poder das donas de casa”. Nessa ginástica diária as mulheres são peritas e criativas.

As crianças e as mulheres têm uma aparência de bem-nutridas, por comerem de uma dieta alimentar rica em amido. No dia-a-dia, consomem muita massa, pão, bolacha, arroz, tipo de alimentação que provoca uma “falsa aparência de saúde”⁸. Em nenhuma das casas, enxerguei frutas, por exemplo; às vezes, alguma banana ou laranja, mas que são pouco consumidas e quando compradas, são sempre insuficientes para toda família. A opção é feita muito mais pelos tubérculos, batata, abóbora, mandioca. Alguns tipos de alimentos são adquiridos somente quando recebem o salário no início do mês; depois, vão

---

⁸ Sobre o uso em demasia de amidos na alimentação e a obesidade das pessoas nos fala Zaluar (1985, p. 109): “ a importância da quantidade de comida no prato, a valorização da “barriga cheia” como sensação prazerosa de repleção e negação da morte, aparece junto à valorização estética da corpulência e gordura, especialmente entre as mulheres”.

escasseando. A variedade ou qualidade dos alimentos nem sempre é levada em conta, visto que o mais importante é a quantidade, ao menos nas famílias maiores. Os alimentos se diferenciam no decorrer do mês e, conforme o dinheiro vai terminando, a despensa do início do mês é uma; da metade para o final, é outra.

As mulheres pouco aceitam a colaboração dos homens na cozinha, consideram-no um espaço seu. Reclamam muito da não-participação masculina na limpeza, porém a cozinha é seu território, é um espaço de poder; e ali elas mandam em tudo e em todos e só elas sabem onde se encontram os utensílios e as panelas. Por vezes, escondem algum enlatado para uma "hora de aperto" ou um docinho das crianças, que *"são pior que formiguinhas para achá doçura"*⁹.

Durante o dia, são as crianças que a todo momento estão solicitando o que comer. É preciso, por isso, fazer algumas coisas caseiras para ter nesses momentos, como uma bolacha, um bolinho frito, ou um pão com geléia também caseira. Mães jovens com quem conversei nos grupos, todas sem exceção, amamentam ou amamentaram. S.(39 anos. casada, migrante de descendência italiana, dona de casa) do grupo São José, conta que, no grupo comunitário, dão a seguinte orientação:

"...a gente que é mais velha aprendemos com a experiência, não tivemos quem explicasse nada. Hoje o que

---

⁹ A cozinha lhe confere poderes de administradora, tão ou mais importante que ganhar dinheiro, porque não adianta ganhá-lo se não se sabe gastá-lo com parcimônia, e essa difícil tarefa é das mulheres, que não querem a intromissão dos homens, são as "senhoras das panelas e das conversas" como observa Perrot; ali revivem "hábitus" adquiridos e lembrados com saudade como os pratos preparados pela mãe, de tal forma que, ao falarem do assunto, parecem estar fazendo um discurso de volta ao passado. Não sei se o passado, de fato, foi tão melhor, mas quando se tem uma realidade mais dura, talvez o passado seja uma forma de amenizar tempos difíceis.

nossas filha tão aprendendo nos curso de saúde, nós aprendemo quase sozinha, as mãe da gente falavam alguma coisa mas não como hoje em dia. Sabe, no causo que o melhor alimento pra criança é o leite materno a gente dava, mas hoje tá comprovado que é também remédio. Essas coisa a gente tenta passa pras (moça) mais nova essas coisa, que só mulhê conversa. Não custa nada, é vantage não gastá, e eles não ficam doente. É mais fácil do que tê que toda hora tá fazendo mamadeira e comprá o leite. A minha guria ganho nenê esses dia e eu ensinei desde cedo a importância do leite, agora vô começá trabalha e daí como fica?..."

Percebe-se ao mesmo tempo, o prazer das mães mais jovens em amamentar e a preocupação com o momento em que não puderem mais fazê-lo. Numa reunião de grupo, S. (67 anos, aposentada), a mais idosa, aconselhava as mães mais jovens a amamentarem e contava histórias para as crianças, dizendo que o leite da mãe era igual a leite de coco, ou leite condensado, tinha gostinho muito bom. Naquele dia riram muito porque uma criança pequena, ingenuamente, pediu: "Tia, posso provar?"

"...tô muito preocupada como é que eu vô fazê, preciso volta a trabalhá, se voltá, não posso mais amamentá, deixá a nenê de que jeito? Ela só mama no peito, a fábrica não tem creche. Eu trabalho na Frangosul (abatedouro de frangos), eu tenho que saí às 4 horas da manhã e só volto pra casa vê minha filha, só no fim da tarde. Não fosse tê que ajudá meu marido com metade das despesas, ia desisti " R. (23 anos, casada, origem luso brasileira).

Esses são comentários e ansiedades comuns para boa parte das mulheres, que vêem no ato de amamentar muito mais que nutrir uma nova vida; é, para as mulheres, uma relação afetiva que se estabelece. Esse momento é uma alegria para todas com quem tive oportunidade de conversar. Uma delas, inclusive, que, enquanto amamentava, dava o outro seio para a criança brincar, deixando os dois seios à vista com muita naturalidade. Conforme Mello,

o leite materno não só alimenta como dá segurança, transmite o calor e o afeto do outro ser humano, que se mistura ao seu sabor. Aprende-se, em parte, a temer ou amar pela oferta ou pela recusa do alimento, e compartilhá-lo ou oferecê-lo, são formas sólidas de manter a coesão grupal, solidificar a amizade, partilhar um prazer (Mello, 1988, p.101).

Se depender das jovens mães que conheci, seus filhos desfrutarão dessas benesses. E se depender das amigas de grupo, não faltará leite, porque as mais idosas não se cansam de ensinar infusões e alimentos que fortalecem e aumentam o leite materno, para evitar "escondê o leite".

O servir não é sinal de submissão, mas sinal de autoridade numa situação de comida escassa, de controle espartano da alimentação. É a mulher que conhece a realidade da casa, e, por isso, faz a distribuição; ela sabe das necessidades de cada um segundo sua fase de vida. Comer é uma necessidade do corpo, mas também é uma forma de concretizar relações entre as pessoas. L. e V. contam que os maridos gostam de ter seu prato servido por elas, numa atitude que elas veem como uma forma de agradá-los. Talvez não passe de uma atitude de carinho com o outro, porém nunca as mulheres mencionaram serem servidas ou "agradadas" pelos maridos, é sempre uma atitude unilateral. Penso que essa faz

parte da educação machista dos homens, que vêem as mulheres, como alguém que está aí, para servi-los mesmo, essas por sua vez, já incorporaram essas práticas e agem como se tudo fosse "natural". Teríamos que investigar melhor as relações dentro do lar, porém sabe-se de antemão que os homens guardam uma postura conservadora e de hierarquia dentro do lar.

A questão da alimentação é entendida como sendo um problema social e as mulheres sentem-se responsáveis pelos que têm menos que elas. Também nessa importante questão funcionam as regras da solidariedade e da reciprocidade, apesar da pouca fartura. No bairro, promovem-se seguidamente, campanhas de arrecadação de alimentos, os quais são distribuídos entre as comunidades mais pobres. Foi feita uma lista das famílias mais pobres, que todo mês, recebem alimentos para amenizar a sua miséria: *"é pouco mas ajuda, a gente faz nossa parte"*. Quando voltam aos grupos, questionam espontaneamente: *" a fome não precisava de existi, teria prá todo mundo, um pedaço..."* D. (46 anos, casada, origem luso-brasileira, comerciante).

" . por que alguns têm tanto, dá prá esbanja e pra outros falta? Não vê esses político, tão na melhor das mordomia, e o povo?..." N. (40 anos, casada, migrante de descendência italiana, dona de casa).

"...eu tenho assim que as pessoa que entram lá, que nem os político, têm um objetivo claro que é fazê alguma coisa, só que depois cresce muito o olho e começam a embolsá. É isso aí que acontece, e quando cresce isso aí, a pessoa pára de se preocupá, e a pessoa vira materialista pura. Porque acho que se

a pessoa é uma pessoa espiritualista, ela não vai tirá o dinheiro. Ela nunca vai robá. Ela entra como uma pessoa que quer fazê alguma coisa pelo país, pela comunidade,...Ela não consegue enxergá outra coisa, senão embolsá, dinheiro, dinheiro. e o que acontece, ela só pensa nos objetivo dela, nas coisa dela, ela deixa de ser uma pessoa, mata o espírito dela...Eles entram lá pra colocá o país em ordem...o que adianta eles terem se preocupado com essa coisa. A gente tem que trabalhá prá tê as coisa, pra tê conforto, mas se você tem a parte espiritual bem forte, você não fica uma pessoa egoísta. Se você se preocupa com os outros, você não roba, você não faz nada errado, tu pode se preocupa em tê dinheiro, mas tu te lembra de reparti. Então, a fome vem daí, uns passam a mão, não no que é seu de justiça, mas no dos outros..." V. (35 anos, casada, origem afro-brasileira, micro empresária).

V. atinge com lucidez admirável, a raiz da questão alimentar, que é alvo da suas lutas. Ela se diferencia como uma liderança no grupo porque tem noção da desigualdade social enquanto as outras trazem o sentido da solidariedade do mundo rural. Ela que já nasceu em zona urbana reivindica dos poderes públicos uma maior justiça social.

III. 6 - Relações de vizinhança

“amigo é aquele em quem se pode confiar em qualquer hora” L. (38 anos, empregada doméstica)

Na zona rural, geralmente os parentes são também os vizinhos mais próximos e a eles se recorre quando necessário; a solidariedade está concentrada no lugar de moradia e no espaço próximo a ela. No bairro urbano, há entre as famílias das mulheres da periferia uma tendência a estreitar os laços com as famílias da vizinhança, às vezes em detrimento dos parentes de sangue, no sentido de criar uma comunidade de referência, um “parentesco espiritual”, reproduzindo de certa forma as relações de vizinhança vividas no meio camponês. Assim, não causa estranhamento algum que um vizinho possa ser mais importante que um parente, vigorando também o ditado de que “o vizinho é o parente mais próximo, com quem a gente se socorre pra tudo”, com exceção dos parentes de sangue, se esses também se concentrarem no bairro ou na cidade, participando da vida cotidiana. O que define a relação com o vizinho é a confiança.

“...quando nós viemo da chácara, viemos direto pra cá, e a A.(vizinha) também tava aqui morando, são 14 anos todo dia junto de manhã e tarde. A gente sai pra fora conversa pela cerca, um dia eu vô na casa dela tomá o chimarrão na casa dela, outro dia ela vem aqui, é como mãe e filha...” S. (67 anos, viúva, migrante de descendência italiana, aposentada/artesã).

“...aqui a gente tem vizinhos que eu não posso me queixá, nunca tive inimizade com vizinha...Que nem quando meus filho

eram pequeno, se a vizinha dissesse: "Teu filho fez isso". Eu nunca disse pra pessoa: "meu filho não faz isso". Eu pego e vô corrigi. Eu nunca discuti com ninguém, quero bem todo mundo. A vizinhança é boa, principalmente aqui em baixo. Você conhece todo mundo e não tem reclamação de ninguém. Eu não sou de passear na casa de ninguém, mas eu adoro visita..." I. (40 anos, casada, migrante de descendência italiana, bordadeira).

"...tê um bom vizinho é igual tê um parente, às veiz mais, porque é ali que a gente busca o apoio, o vizinho nunca nega ajuda. Já os parente não é tudo que a gente se dá..." S. (39 anos, casada, migrante de descendência italiana, dona de casa).

Quase todas falam positivamente da vizinhança quando perguntadas formalmente, porém, nas conversas informais ou casuais, revelam os conflitos e as hostilidades existentes entre elas: "...tem dia que olha! que a S.(vizinha) e a S. (outra vizinha) tão umas sarna, queria que tu visse...Eu digo umas coisa também, são muito espicula. Esses dia, veio a S.(vizinha) aqui e disse bem séria: "Vim vê se a senhora vai comê carne na Quarta-Feira Santa, porque eu vô come ovo".Eu disse: "Mas o que é que tu tem que vê, se eu vô come ou não? Cada um come o que quer. Ela se queixa da sogra, mas não sei qual é a mais difícil de lidá...Diz que a véia é terrível, até os filho diz, ninguém quer a velha morando junto, é uma cobra. Pra mim, eu não me meto, converso com uma, converso com a outra e assim vai, a gente não queria precisá tomá parte." R. (55 anos, casada, migrante de descendência italiana, confeiteira/padeira).

No dia em que pretendia conversar com dona. I.(bordadeira), passei antes na padaria de R.(confeiteira),

vizinha. Esta convidou-me para tomar um chimarrão e fez questão de contar, que não concordava com uma atitude de conivência de I.(vizinha). com a filha.

“...isso ela não vai te contá, o que ela fez com a barriga da filha. No velório do falecido A.(filho de d. R. que faleceu há poucos meses), ela tinha uma barriga desse tamanho, tava já inchada, e foi dali uns tempo, sumiu...Diz que a moça tava de us quatro meses, deu uma chapuerada.(mistura de ervas)..tem que tê um coração muito ruim....Isso ela não vai te contá, a filha dela vive incomodando o marido das outras por aí. A nora de dona.R. intervém: “Eu é que me incomodei com essa bicha, você nem imagina!” Dona R.(confeiteira) toma a palavra:”.Então criasse, a criança, hoje em dia isso não é mais um fim de mundo, você não acha? A minha filha casô grávida, mas eu contei pra todo mundo, pra que escondê? Daqui a pouco todo mundo fica sabendo mesmo!...”

Ao mesmo tempo que conta o fato que considera grave e condenável, ela relata que, dias depois, precisou socorrer a mesma moça da violência do pai que chegou alcoolizado em casa e queria agredi-la, ou seja, num momento difícil, existe a obrigação moral de se socorrer os vizinhos, e todos o fazem. Os vizinhos são uma “extensão da família” e, como em família, se atritam e se solidarizam, num processo que não é unívoco. Assim, solidariedade e rivalidade parecem caminhar juntas.

Boa parte das casinhas pobres não têm cercas ou divisas, entre elas ou, quando as têm, são muito precárias, de tal forma que as crianças correm e atravessam as casas e ruas como se tudo lhes pertencesse. A atitude delas também colabora para que os adultos se aproximem fortifiquem os laços entre a

vizinhança. Às vezes, porém, a proximidade acaba gerando problemas; as brigas entre as crianças ou discussões entre as mulheres acabam em intrigas e, em alguns casos (pouco comuns) em agressões. As normas de confiança e amizade são rígidas. Algumas famílias já se mudaram por conta desses atritos. As falas mostram que o bairro não é tão tranquilo quanto aparenta, visto que existem tensões disfarçadas pelas pessoas, ou amenizadas, ou que acabam sendo comentadas quando o pesquisador conquista certa dose de confiança junto ao informante. É difícil quem não tenha parente próximo no bairro; se não tiver parentes, há sempre o parentesco espiritual pelas comadres e compadres, ou seja, pertencer ao Bairro implica em regras de lealdade, reciprocidade e solidariedade¹⁰

Reclamar dos vizinhos faz parte do dia-a-dia das relações e dos discursos das moradoras. A identificação positiva ou negativa com o vizinho é parâmetro para sua identidade de "mulher de bem". Ter uma vizinha próxima, malvista, é um problema, dado que as mulheres se relacionam fundamentalmente com a vizinhança, em torno das atividades domésticas e do cuidado com os filhos, enquanto a área de sociabilidade dos homens gira em torno dos bares e campos de futebol. As representações acerca da mulher e do homem são colocadas de forma dicotômica e, aos poucos, vão delineando o espaço que consideram de cada um, as situações de conflitos, as vantagens e desvantagens de ser homem ou mulher. As mulheres consideram o homem é um sujeito mais livre e que se dá o direito de ser menos descomprometido, que pode se eximir

---

¹⁰ O bairro pode ser entendido como o espaço de práticas coletivas que envolvem redes de sociabilidade marcadas por relações de vizinhança ou ações compartilhadas no dia-a-dia, espaços onde se tece a trama do cotidiano (Magnani, 1984).

das preocupações diárias e cotidianas, com a casa e com os filhos, porém não foge do olhar controlador das vizinhas, que inibem determinados comportamentos. O controle exercido sobre as mulheres é muito grande, seja pelo marido, seja indiretamente pelos filhos, pelos vizinhos e amigas. Ao mesmo tempo que reclamam da maior liberdade masculina, as mulheres justificam o controle mais estrito exercido sobre as filhas por essas serem mulheres; argumentam também que a incapacidade de o homem cuidar das crianças se dá pelo fato de ser homem, demonstrando que as diferenças de gênero são construídas socialmente.

Percebemos, na pesquisa, um "ethos" cultural que marca o bairro; que há um forte sentimento de família, de amizade e interesse pelos parentes, amigos e vizinhos; que a solidariedade surge sempre que se faz necessária. A troca de favores é uma constante; os vizinhos fazem mutirão para socorrer a família que teve a casa alagada; V. (35 anos, microempresária) viu toda a parentela mobilizada para ajudá-la, quando a chuva quase destruiu a casa onde morava. R. (55 anos, confeitadeira) empresta dinheiro para a vizinha próxima, que recebeu aviso de corte de luz por falta de pagamento.

Por outro lado, os amigos e vizinhos também podem tornar-se mais próximos através do compadrio; os laços se consolidam e as relações são traduzidas em termos de obrigações morais. A amizade é, então, um vínculo moral do mesmo tipo que os da família, fazendo com que, na cidade, os amigos e/ou compadres possam se tornar mais importantes do que os parentes, que naturalmente teriam elos de sangue (Sarti, 1996:91).

"Aqui é um bairro familiar, todos se conhecem e todos conhecem quem não é do bairro, e tem mais uma coisa, não fale mal de ninguém, aqui porque todo mundo é parente, amigo, ou compadre." S.(67 anos, viúva, migrante de descendência italiana, aposentada/artesã).

O bairro todo praticamente se solidarizou com Rosa quando faleceu seu filho de câncer, através de visitas, confortos, apoios espiritual e financeiro. A solidariedade do bairro é calorosa e densa; o grande número de crianças aproxima as famílias e especialmente as mulheres. Nos grupos comunitários, os problemas domésticos graves, como alcoolismo, **desemprego, são, em pouco tempo, do conhecimento e preocupação por parte de todas.** Os depoimentos revelam que o número de desempregados¹¹ vem crescendo, o que agrava os problemas e faz as dificuldades nas famílias se acentuam ainda mais. Brigas, inimizades e violências também são parte desse cotidiano, porém as moradoras, ao falarem do lugar de moradia traçam um retrato positivo; falam dele com orgulho, salientando somente os aspectos positivos e falando com certa reserva dos problemas, com exceção dos problemas que entendem ser de obrigação do poder público.

As famílias são o centro da sociabilidade no bairro, visitam parentes no fim de semana e a convivência com vizinhos é intensa; participam dos ritos religiosos e das redes de lazer locais (Magnani, 1984).

Todas essas atividades e outros hábitos são muito valorizados e são valores trazidos do meio rural, numa forma de

---

¹¹ Percebe-se que o pai passa a ter um papel secundário em muitas situações da vida familiar, e é comum a afirmação de que "quando longe da família eles não mandam nada". Ver Zaluar (1985).

viver e de preocupar-se com o bem-estar familiar que caracteriza uma forma de sociabilidade entre as mulheres. Essas que trocam informações sobre as atividades cotidianas, colaborando com as amigas na solução de problemas graves ou banais; elas demonstram uma solidariedade própria de quem viveu em pequenas comunidades e que aprendeu a ajudar-se. O próprio bairro, pelas características que apresenta, favorece a manutenção de certos traços culturais comuns ao mundo rural.

O bairro é um espaço intermediário de uma vivência de sociedade rural e um início de inserção nos padrões urbanos de comportamento. Isso porque ainda há um controle social estrito dos parentes e vizinhos mais próximos, mas há também as possibilidades de exercer comportamentos desviantes fora do espaço do bairro. Há controle à moda antiga para mulheres e mais liberdade para os homens, porém conservam-se as relações de solidariedade e reciprocidade.

III. 7 - Educação: a esperança futura]

“...quando você tá na escola você tem a visão do que vai acontecer pra frente...” V.(35 anos, microempresária)

As falas sobre a escola e o estudo dos filhos das mulheres pesquisadas se apresentam sob o ponto de vista do que almejam para o futuro desses filhos, fazendo parte dos projetos de melhoria de suas vidas. Não analisam, portanto, a escola do ponto de vista de sua atuação e eficiência, aliás, o grupo não questiona a escola em momento algum, até porque os problemas ligados à área educacional são postos sempre como sendo problemas das crianças e da família. Ter acesso a uma boa educação é parte do sonho de ascensão social para os filhos, pois esses representam a razão maior da vida das mães. Todos os esforços, as lutas e os maiores sacrifícios são explicados e justificados em nome deles. Para todas elas, mesmo as que se encontram numa situação econômica mais equilibrada, a chegada até esse estágio foi penosa e representou uma obstinada dedicação ao trabalho, realizado no lar e fora dele. Foi o trabalho e muito esforço que permitiram chegar aonde estão hoje.

Conforme já comprovamos, ao invés de estudar e brincar na fase da infância, os relatos dessas mulheres demonstraram que o trabalho esteve presente em todos os momentos de suas vidas, desde crianças, elas e realizavam tarefas de adultos. Os exemplos de V.(microempresária), R.(confeiteira), N.(dona de casa), E.(professora primária) ilustram bem como as crianças, desde cedo, contribuíam para a sobrevivência da família e se

tornavam capazes de arcar com as próprias despesas, seja da escola seja da família.

Trabalhar na casa dos outros significava ser explorada, mas também era uma forma de contribuir para o orçamento familiar e adquirir desde muito cedo a capacidade de dominar situações cotidianas no lar e fora dele. As meninas se transformaram em “donas de casa mirins”, e tais exigências em tão tenra idade fizeram com que elas internalizassem normas, valores e comportamentos que mais adiante seriam utilizados em situações familiares cotidianas. O estudo não era prioridade para as famílias rurais e nunca foi facilitado ou incentivado, além do que moça estava destinada a casar-se e ter filhos.

“...tu sabe, antigamente, na colônia, a gente não tinha como escolhê, era ficá trabalhando, ajudando a família ou casá cedo. O pai não dexava a gente segui pra cidade, no caso eu sempre quis estudá, o pai só dexó meu irmão mais novo que foi pro seminário, depois acabô saindo, hoje é o que tá melhor de tudo nós... pra mulher sobrava casá...” S. (39 anos, casada, migrante de descendência italiana, dona de casa).

“... meu pai bebia, e ele dizia: ah! que que vão fazê com estudo? Tem que trabalhá, ganhá mais do que estudá, mulhé casa, depois se enche de filho e não aproveita o estudo. E eu pensava diferente, porque, mesmo que eu me enchi de filho, como ele achava que eu ia tê, uma coisa ele errô, porque hoje em dia, mesmo que tu fique em casa, tu precisa um pouco de escolaridade. Quando é que eu pensei que tinha que tocá a firma. Aí, não é uma firma grande, mas tem que tê uma organização, senão daqui a poco, você tá perdido. Eu fiz o

primeiro grau, quando era solteira, e fiz o segundo grau, de noite, depois que casei com muito esforço.” V. (35 anos, casada, origem afro-brasileira, micro empresária) .

“...primeiro vinha o serviço, depois a escola, no tempo da colheita, a gente quase não ia na escola, tinha que ajuda a catá trigo” E. (42 anos, casada, origem luso brasileira, professora primária).

“Era normal as criança trabalhá, era a primeira coisa que aprendia. Lembro que eu era pequenininha e já tinha uma enxadinha e uma vassourinha pra ajudá a mãe...” N. (42 anos, casada, migrante de descendência italiana, dona de casa).

As mulheres entrevistadas tornaram-se crianças trabalhadoras, moças trabalhadoras, esposas e mães trabalhadoras, como que cumprindo destinos femininos previstos. No entanto, o desejo de estudar e aprender ainda permanece, como nos fala I. (bordadeira), apontando a importância do ensino formal e seu “comprovante”.

“..nunca tirei um curso, de bordado na vida, quando a gente tem cabeça, a gente faz, quando tem vontade das coisa faz, nunca eu tirei um curso, até falei pra M.(filha) esses dia: eu queria tanto fazê um curso. Ela me diz: “Pra que, mãe! Você sabe fazê tudo de bordado.” Eu digo: é importante a gente tê um diploma, eu queria tê também o papel que mostra que fez alguma coisa assim...” I. (40 anos, casada, migrante de descendência italiana, bordadeira).

"...nós tinha em casa uma professora, meu pai fez um colégio lá, e a professora morava na nossa casa. Com doze anos eu aprendi um pouco da quinta série, fui até a quinta e depois a professora não sabia mais, e daí ela queria que eu viesse pra cá, pra cidade com ela, pra me formá. O pai não quis, naquele tempo, Deus nos livre, uma filha saí de casa aquela idéia que vem pra cidade, vai se largá, se perdê, eles cuidavam muito".R. (55 anos, casada, migrante de descendência italiana, confeitadeira /padeira).

A trajetória de migração vivida pela maioria trouxe novas concepções de vida, novos valores e costumes de tal forma que nos discursos coletados, está presente a confiança de que o futuro dos filhos seja menos penoso, menos duro e mais tranqüilo. E é nesse sentido que apostam tudo na escola e no estudo das crianças agora, prioridades na vida dessas e preocupação principal das mães.

Os filhos são os projetos de realização daquilo que não se puderam viver; representam um "vir-a-ser" através deles. Quando falam dos filhos, é como se uma chama se acendesse dentro delas; ficam ligadas, atentas, ansiosas e falam muito. Já consideram que eles têm uma vida melhor em relação ao que elas viveram, ainda que em meio às adversidades diárias do bairro popular.

"...os filho tem mais condição que antigamente, eles têm uma cabeça feita, pra eles tudo é mais fácil. A gente já não tinha...Como é que a gente diz, uma vez os meios de comunicação, só os mais ricos tinha. Hoje tem rádio, TV, computador, os colégio, tem tudo que é coisa pra aprenderem. A escola pertinho, eles vão tê um futuro melhor que o nosso,

espero. O bairro aqui é meio carente, mas tem uma boa escola... I. (38 anos, casada, migrante de descendência italiana, empregada doméstica/manicure).

Ao mesmo tempo que se entusiasma ao fim do relato, muda a expressão fisionômica e fala com cautela, pois, afinal também não se deve esperar muito, visto que a decepção pode acontecer. Passam a comentar os tempos de hoje em comparação com as vivências do passado e as dificuldades em educar os filhos. Sentem-se desorientadas em muitos assuntos da atualidade e, na dúvida em como agir, o *"melhor, ainda, é agir como antigamente"*, com mais rigor e energia, mesmo porque a *"família só vai pra frente se todos ajudarem"*. Por enquanto, muitas das expectativas para os filhos ainda permanecem na esfera do desejo.

Na tentativa de dar concretude ao futuro dos filhos, as mulheres estabelecem comparações entre a educação recebida no passado e a educação e o comportamento de seus filhos hoje. As diferenças são gritantes e, por vezes, se queixam do comportamento dos filhos.

"...a gente vive dizendo pra eles que o futuro deles é o estudo, não adianta esperar outra coisa,... Agora, hoje é mais difícil educar um filho, tem mais coisa que a gente não aceita e tem que aceitá,... Tem diferença do tempo que eu criei os mais velho, e a S.(vizinha) criou as dela, a N.(cunhada) criou aquelas duas dela, o jeito a educação, tá muito diferente, do que quando na nossa época, e de agora que criamos essas menores,... E depois começaram os colégios, as companhias, e entram num assunto contigo, numa conversa, ali como a gente vê, certos casos. A

gente pensa que elas não tão sabendo, (mas) elas sabem melhor do que a gente...Sabe, o que eu acho errado e que arruína essas menina é que, no colégio, elas aprontam, daí as professora mandam te chamá. Você vai lá no colégio, elas fazem aquele reclame bem grande e depois elas (as professoras) voltam atrás e dizem: "Olha, não faça isso, isso de batê. Tem que conversa, não adianta dá castigo, tem que conversá". Mas então, hà quanto tempo que a gente conversa, e nada resolve, então como é que a gente vai compreendê isso, a gente fica perdida, não sabe pra que lado vai pendê. Esses dia, eu disse ali no colégio, ali pra elas: "Sabe duma coisa? Que vou resolvê do meu jeito e não pelo que vocês tão me mandando aqui. Porque a minha essa mais velha das menina, foi pavorosa no colégio, essa adotiva. Chegô o ponto que eles mesmo concordaram com nós, no colégio, ela foi medonha bastante. Agora, teve uma reunião ali, do Conselho do Menor, sabe, que ele disse assim: "Olha!, nós não tiremo o direito do pai e da mãe, porque um pai e uma mãe, não dão um tapa num filho se não for preciso, pois nós também semos pais..." N.(42 anos, casada, migrante de descendência italiana, dona de casa).

"...antigamente você falava, os filho obedecia, era coisa incrível, hoje em dia tu tá dizendo: "Minha filha não vá, não vá", e elas não tão nem aí. E acho o fim do mundo agora, não digo todas as criança...por isso, digo depende da educação dos pais, como a mãe e os pais criam os filho. Tem criança hoje que responde na cara da mãe e puxa a língua e faz um escarcéu. Antigamente, Deus nos livre! A mãe dizia: "Filha vai em tal lugar". A filha dizê: "Ah! eu não vô!" Não podia dizê isso prô pai, prá mãe. E hoje em dia, mas a gente fica olhando que quantos mal educado, mãe de céu! Eu não sei se hoje em dia deixam

mais à vontade ou se, claro que a geração muda. Sabe, claro que hoje as coisa são muito mais aberta, ensina muito, nesse ponto é muito melhor do que antigamente... A minha mãe nunca ensinô quando a gente ia ficá mocinha. Nesse ponto, é melhor hoje do que antigamente. A minha mãe nunca contô quando vinha a menstruação nada, hoje no colégio já ensinam sobre relação, sobre tudo...o problema da Aids, se bem que não existia essas coisa. Conforme as coisa, é mais aberto, e eu acho bom nesse ponto, pra alerta as criança, mas sobre educação, gente não se faz mais como antigamente...Agora, em casa, as mãe têm que dá também ajuda às professora, só dentro do colégio não dá” D. (46 anos, casada, origem luso brasileira, comerciante).

Esses novos tempos, valores e comportamentos deixam as mães desorientadas, pois desejam o melhor para os filhos, mas não têm o retorno que esperam. Notam que tudo está diferente, foram criadas com mais disciplina e rigor e sendo obedientes, porém não conseguem lidar com o comportamento “teimoso e desleixado” dos filhos.

É difícil explicar a expectativa que os pais criam em relação à escolarização prolongada dos filhos. Os depoimentos levam a crer que muitas esperanças têm origem no desejo de ascensão e mobilidade social. Muitas das que melhoraram sua condição de vida atribuem-no ao melhor estudo, que é visto como a porta que dá acesso às melhores oportunidades, ao trabalho mais leve, mais limpo e a uma melhor posição social. As limitações de toda ordem, mas principalmente econômicas, não permitiram concretizar pouco mais que o primeiro grau; as duas exceções são V.(35 anos, microempresária) e E. (42 anos, professora primária). O sonho da faculdade fica para os filhos e

ou netos realizarem. V.(35 anos, microempresária) expressa melhor do que ninguém em sua fala a idéia de que não basta apenas esforço pessoal para vencer as barreiras de classe; é preciso também enfrentar oposição no âmbito da família.

“Eu estudei até a 5ª série lá em Ernestina. Eu não ia a escola porque antigamente, meus tios, era assim, estudo só até tal série e tava bom. “Estudá mais por que?”, me dizia meu tio que me criou. O tempo era pra trabalhá. Agora mudô tudo, mas na nossa época era estudo até a 5ª série. Terminei o colégio, não tinha querê continua, naquele tempo era isso...” I. (40 anos, casada, migrante de descendência italiana, bordadeira).

A escolarização, de um papel acessório passou a ser percebida como fundamental na formação do indivíduo. O discurso se alterou; noutros tempos, a escolarização se realizava quando possível, era limitada por dificuldades de todo tipo, como distância, infra-estrutura e principalmente, porque o trabalho deveria vir em primeiro lugar. A luta que se tratava era pela sobrevivência e ela era mais importante, ou seja, aprender a produzir e ser capaz de superar os desafios cotidianos impostos pelas dificuldades econômicas.

“...quando você tá numa escola, você tem a visão do que vai acontecê pra frente, porque quando você tá estudando você diz: eu quero sê alguém na vida, você sempre tá dizendo isso. Agora quando tu não tá estudando, qual é teu objetivo? Eu ia pra escola meio-fugida, meu pai não queria, ele era alcoólatra. De manhã, a mãe me alcançava minha pasta pela janela e eu ia pro colégio...Terminei o segundo grau com muito sacrifício, eu já te

contei, depois de casada. Meu pai era uma pessoa doente, porque alcoólatra é uma pessoa doente. Eu acho, então não entendia, hoje ele sabe, inclusive ele até fez mobral. Eu fui na formatura dele, entende, eu pude dizer pra ele: "Oh! pai, quem diria que aquela pessoa que era contra o estudo, se interessa em pelo menos aprendê um pouco com 67 anos. Os meus irmãos não fizeram o segundo grau e as minhas irmãs não terminaram o primeiro grau, porque elas não tinham o incentivo e não tinham o objetivo também. Quem fez o segundo grau mesmo fui só eu, e o meu irmão mais velho" V.(35 anos, casada, origem afro-brasileira, microempresária, oito filhos).

É possível dizer que, muitas vezes, o fio condutor das conversas na atualidade está ligado à importância do estudo e à necessidade do trabalho e que, sem o primeiro, o segundo não se realiza. O estudo contribui para que se consiga um trabalho mais leve; não é visto mais como acessório, mas como ferramenta fundamental para a ascensão social.

A reflexão que fazem acerca da sua infância e escolaridade em comparação com os novos modos de pensar e agir e os novos valores vividos no urbano, faz parte da maneira como elas percebem a realidade do mundo urbano onde vivem. Enfrentar todas essas mudanças com a vantagem de uma boa escolaridade significa ter mais condições de enfrentar os problemas cotidianos, tornar-se mais forte e preparada para viver e transformar o seu entorno.

Fica claro que, no processo de manutenção de alguns valores da cultura rural e na assimilação de valores urbanos, a escolaridade ganhou espaço na medida em que as mães se preocupam com que os filhos desfrutem de mais conforto e

tenham uma vida diferente daquela que tiveram. Essas mudanças todas vão colaborar para que haja um olhar diferente sobre a criança na forma de relacionar-se com elas e no redimensionar das responsabilidades e das obrigações dos pais que cresceram.

“...não sei se a gente criava bem os filho. Não tinha essa ansiedade do que vai sê na frente, pensava assim: “Vai sê gente boa, trabalhadeira, honesta...Agora a gente já pensa só de soltá nas rua, tudo é muito diferente, e as companhia, e os namorado, e a tal Aids...Tem que pensá tudo. Olha, às vezes, vejo como nós temos coragem de por filho no mundo. Antes o filho era só uma alegria, hoje nasce, a gente tá pensando o que vai sê...” E. (42 anos, separada, origem luso-brasileira, professora primária).

“Eu já sofri na vida, minha mãe não me deixô estudá, eu já passei as minhas dificuldades. Graças a Deus, meu filho terminô o segundo grau, tá trabalhando. Não eu disse assim: “Eu não me queixo, eu tô apertada, mas é por causa da guria”. Tive que comprá uma coisarada que ela precisava, ela tá tentando faculdade federal, em Santa Maria, a gente tá fazendo o que não pode pra ajudá. O meu marido é brigadiano (Policia Militar) ganha pouco, não fosse eu dá uma ajuda...Mas é pro bem dela mais adiante. Ela vive a vida mais tranqüila, porque se ela faz uma faculdade de arquitetura que ela quer, é uma coisa que isso aí, vai servi prá ela, e ninguém tira o estudo. Eu pra mim não me quexo...” D. (46 anos, casada, migrante de descendência italiana, comerciante).

“...sem estudo, depende do serviço, eles não te pega. Ela não tem o segundo grau, só tem o primeiro. Ela fez até a sexta

série, e daí não foi mais. O pai dela não quer deixá estudá de noite. O homem não pensa que nem a gente, acham que não é preciso. Porque eu sempre penso assim, um estudo é melhor pra gente, porque daí você consegue arrumá trabalho, alguma coisa mais fácil. Se não é coisa mais difícil, qualqué emprego, coisa assim, o serviço é mais pesado. Depende de onde vai trabalhá, precisa do segundo grau, eles tão pedindo. Ela foi em vários lugares fazê ficha, agora foi na Frangosul, ficaram de chamá ela, vamos vê se chama..." I. (40 anos, casada, migrante de descendência italiana, bordadeira).

"...incentivá as criança a estudá, é só isso que eu quero. O estudo em primeiro lugar, e onde clareia as pessoa. Se a pessoa dentro dum colégio, duma escola, pode virá outra pessoa, eu achei assim. Essa pessoa que inventô toda criança na escola, foi assim uma coisa muito boa, que aconteceu aqui no Brasil, foi uma luz muito grande, sabe? V. (35 anos, casada, origem afro-brasileira, microempresária).

"Os meus estudaram bem, não estudaram mais, porque tinha como estudá. Tinha condições, de primeiro era longe, de chinelinho de dedo saí quebrando geada na estrada...Hoje a Kombi vem buscá pertinho de casa, é mais fácil. A gente não gasta quase nada, a prefeitura ajuda, então no caso, ele cursou o segundo grau, hoje o P.(filho) é motorista de ônibus; o O.(filho) também cursou e parô porque tinha qe trabalhá, mas ele falô que se ele for chamado no concurso do Correio, que ele passô, ele vai voltá estudá, que daí ele tem mais condições. Aqui faculdade é só pagando, é impossível ganhando o que se ganha. Mas perto do que a gente conseguiu já é grande coisa. E

elas foram até a quarta série, a M.(filha mais velha), ia até uma altura depois não queria mais sabê, e a J.(filha mais nova) casou muito novinha, tinha quinze anos, aprendeu até a quarta série”.

R. (55 anos, casada, migrante de descendência italiana, confeitadeira/padeira).

O projeto do casamento, para as mulheres, também é, entre outras coisas, motivo para adiar ou parar definitivamente de estudar. Aquelas que param dificilmente voltam, porque logo vêm os filhos e os entraves aumentam. Entretanto, os adolescentes solteiros(as) ou que passaram por essa fase, geralmente, trabalham e estudam. Apesar de perceberem ser fundamental o estudo, quando conseguem alguma independência financeira, não querem mais abandonar o emprego, e nem sempre é possível conciliar as duas atividades, sendo obrigados a optar pelo trabalho.

“...pobre sabe que herança é só o estudo, eu digo sempre pras minha gurias, antes estudá, nada como tê seu dinheiro e não dependê de home...” D. (46 anos, casada, origem luso brasileira, comerciante) .

O projeto de ascensão social passa pela escolarização e pela certeza de que não é possível contar com o apoio financeiro da família na vida adulta.

Atualmente, ocorre uma inversão nas prioridades, as mulheres aprenderam que trabalhar era o mais importante, a sobrevivência devia vir em primeiro lugar; hoje, o estudo passa a ser mais importante, não que a sobrevivência não o seja,

porém as condições de acesso à escola melhoraram na atualidade e, ainda que vivam privações, os filhos não participam do trabalho dos pais.

Pelo que dizem as mães e pelas observações que fizemos são poucas as crianças envolvidas com trabalho. No bairro, as poucas crianças que vi trabalhando tinham em torno de catorze anos, vendiam frutas, doces, pequenos objetos. Trabalho formal praticamente não existe, primeiro que as casas de comércio são relativamente poucas e de médio porte, com escasso número de funcionários; segundo, porque a fiscalização tem sido constante e os comerciantes têm medo de contratar adolescentes menores de idade e serem multados. Se veem alguns jovens ou crianças ajudando os pais em pequenos negócios da família. Mas é bom lembrar que essa não é a realidade das ruas do centro ou, mesmo, de outros bairros.

No meio rural, os filhos acompanhavam os pais ao trabalho, acontecendo um aprendizado natural para os jovens. Na cidade, essa experiência não acontece, com exceção das meninas, que acompanham as mães nos afazeres domésticos. Nesse caso, todas as informantes afirmam que seus filhos pequenos fazem algum serviço em casa, fora de casa dificilmente.

O trabalho exaustivo realizado pelas mães tem um objetivo certo e claro: lutar por melhores condições de vida para os filhos. Os filhos são sempre mencionados como o que existe de fundamental nas relações desgastadas, e tudo se justifica em nome deles; eles representam a nova vida e principalmente a esperança na vida.

“Eu, por exemplo, agora essa semana, eu já sei que fazê, tem que gastá, tem que comprá o material das criança. É uma

alegria, quatro vão pra escola e quatro ficam. Tu sabe é uma emoção tão grande quando eu vô comprá o material. Eu adoro fazê isso, eu gosto. Eu me preocupo porque eu tô muito apertada de dinheiro, só que assim é, é uma coisa que me dá muita emoção. É como se eu tivesse comprando meu próprio material, me dá uma alegria tão grande, e eu sei que eu chego no fim do ano, só me dão alegria, eles sempre passam. O ano passado, eu fui na formatura delas..." V. (35 anos, casada, origem afro-brasileira, microempresária).

O processo de migração e a condição social das mulheres levam-nas a perceberem que, no meio urbano, a principal ferramenta que habilita os filhos para enfrentar o trabalho e a vida difícil é o estudo, ao contrário do meio rural, onde o fundamento era a força de trabalho e a terra para trabalhar. Os filhos são, então, o alvo principal de todos os investimentos e razão última de todos os sacrifícios por elas realizados; são não só o prolongamento da vida, mas o sonho e a esperança futura. Os filhos irão reproduzir os valores cultivados, além de significarem apoio e acolhimento na velhice.

O trabalho das mulheres "antes" e "agora" representam uma luta feroz para manter a vida, sobreviver apesar das circunstâncias. A partida para o meio urbano, em muitos casos a contra gosto, trouxe conflitos e desafios; entretanto, novamente as mulheres são capazes de encontrar formas de equilíbrio razoável para problemas sérios, como a moradia, a alimentação, a saúde, o trabalho, realizando uma adaptação ao novo meio, vivendo na cidade de um modo peculiar. Elas desenvolveram uma sociabilidade calorosa com a vizinhança; estabelecem relações que são úteis e fundamentais para encontrar e criar trabalhos, seja remunerado, seja a domicílio ou, como dizem, "por conta própria". Palmo a palmo, conquistaram e construíram

os grupos comunitários, organização que oportunizou sua inserção e participação no espaço público. A família e os filhos, de um lado, são o ponto de encontro dos modelos velho e novo de vida, campo de conflitos; de outro, são fonte de esperanças, e a certeza de que o caminho percorrido não foi em vão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

"Juntêmo o medo e a corage e viêmo pra cidade...(e agora)...somos a alma do bairro; quando a gente se organiza e se escuta...como diferencia."

Após meses de convivência com as mulheres migrantes do bairro São José, relendo seus depoimentos, e ao mesmo tempo retomando reflexões de alguns estudiosos sobre o assunto, pode-se observar que apesar das mulheres sempre terem exercido um papel fundamental e determinante na família e nas comunidades onde viveram, elas tem sua atuação destacada nos processos migratórios. Ocorre que vivendo anteriormente em sociedades mais conservadoras que seguem um modelo patriarcal a presença feminina no âmbito familiar e da comunidade era ofuscada, tornando seu trabalho praticamente invisível, ou colocando-o no plano de uma obrigação ou de uma função feminina secundária.

Tendo dado voz à essas mulheres, vêm à tona testemunhos surpreendentes, ricos em detalhes e revelando intensa participação feminina no espaço privado e também fora dele. No caso em estudo, o que chama a atenção é a forma como este grupo de mulheres se coloca frente à realidade atual em que vivem, a maneira como enfrentam e solucionam os problemas surgidos, tanto na situação anterior em contexto rural, quanto no espaço urbano. Embora se refiram a momentos de dificuldades econômicas e conflitos familiares surgidos no processo migratório a vida é enfrentada com resistência, coragem e não vivida com resignação.

No período em que viveram no meio rural, desempenhavam múltiplas atividades, inclusive auferindo alguma renda, geralmente com a venda dos produtos agrícolas que beneficiavam, colaborando assim direta ou indiretamente para a constituição da renda familiar.

Realizado o processo migratório e já fixadas na periferia da cidade e Passo Fundo, surgem novos desafios e necessidades para essas mulheres, inerentes ao processo de integração à vida urbana. Então, assumem atividades remuneradas, trabalhando como operárias, balconistas ou domésticas, o que as coloca numa situação de subordinação e dominação, além de usufruírem de um retorno econômico julgado insatisfatório. Diante das exigências do mercado de trabalho e conscientes de suas limitações, em termos de qualificação profissional, para exercer uma nova atividade no cotidiano urbano, passam a se utilizar tanto de táticas individuais, ao nível familiar, quanto de estratégias, após se integrarem aos grupos comunitários. De maneira criativa se utilizam dos talentos que desenvolveram ao longo da vida como cozinhar, bordar ou negociar e aperfeiçoando-os, com orientação dos grupos, ou ainda adquirindo, no âmbito do próprio grupo, novos conhecimentos, passam a exercer um trabalho domiciliar autônomo. Descobrem que a melhor alternativa para conciliar o espaço doméstico com uma atividade que lhes proporcione alguma renda, é o trabalho a domicilio, situação em que são "donas do próprio negócio", autônomas na utilização do tempo e do espaço, não sofrendo qualquer controle patronal. Não se preocupam, entretanto, com o fato continuarem assumindo uma dupla ou tripla jornada.

O que importa é resolver os problemas imediatos ou seja

melhorar as condições de vida, reafirmando sua condição de trabalhadora, porém autônoma.

A pesquisa mostrou que o fator diferenciador desse grupo de mulheres em relação a outros grupos migrantes, é exatamente a capacidade demonstrada de se organizarem coletivamente, via grupos comunitários. Para as entrevistadas a grande diferença no processo de integração ao meio urbano aconteceu depois que passaram a participar desses grupos. Nesses espaços diversos tipos de práticas são desenvolvidas ou realizadas entre elas podemos ressaltar: as práticas religiosas, de lazer, de ajuda mútua, ou de educação não-formal, além disso, encontram no próprio grupo apoio econômico e orientação, norteando suas trajetórias profissionais.

Os grupos sobrevivem porque contam com o apoio institucional, econômico da Igreja e principalmente porque foram capazes de transformar esse espaço numa tribuna de discussões das questões cotidianas ligadas ao feminino. Ao transformarem o espaço do grupo numa tribuna de discussão das questões femininas surgidas na vida de periferia de uma cidade de médio porte, foram capazes de elaborar a solução do trabalho a domicílio como uma estratégia que lhes permitiu reunir as atividades familiares, e de manutenção a casa, ao mesmo tempo, que desenvolveram uma atividade de trabalho no próprio espaço doméstico.

O trabalho a domicílio só pode ser desenvolvido por elas após o apoio sistemático dos grupos que se explicitou uma ajuda econômica e estímulo das líderes e demais participantes. Cada mulher engendra uma solução que lhe é mais conveniente, dentro da estratégia grupal mais ampla de melhoria das condições de vida do bairro. Além do benefício próprio, as

mulheres vão percebendo a importância do meio social mais amplo. Enquanto participantes dos grupos comunitários se sentem cidadãs e capazes de reivindicar dos poderes públicos as melhorias e benefícios necessários a sua comunidade específica e para o bairro como um todo.

A grande mudança de mentalidade que realizam se liga ao fato de além de se preocupar consigo mesmas e com a família, passarem a ter uma preocupação também com a comunidade em geral. Conscientizam-se que a solução para as questões sociais, são fundamentais e que só poderão concretizá-las, através da organização grupal.

O crescimento ocorre em dois sentidos, primeiro em nível pessoal, na medida em que solucionam, ainda que de forma precária (sem direito a benefícios trabalhistas), os problemas no âmbito financeiro e familiar e num segundo momento realizam através do grupo, uma inserção no espaço público, ganhando assim maior visibilidade e reconhecimento por parte da comunidade e dos vizinhos de bairro pelo que realizam.

Junto dos avanços acima referidos também conflitos surgiram ou se acirraram, sobretudo no âmbito familiar porque há necessariamente nesse processo, uma redefinição dos papéis masculino e feminino o qual se reflete tanto na relação com o companheiro, com os filhos, como com a comunidade local; pois tanto ela como aqueles que com ela se relacionam percebem novos papéis exercido por essa mulher, agora no meio urbano. Entretanto, na nova situação urbana às mulheres mantêm alguns comportamentos e atitudes que, num primeiro momento, aparentam ser de submissão, mas que um exame mais aprofundado mostra serem concessões que a sua vitória econômica e de autonomia pessoal permitem a elas fazerem em

relação aos maridos por vezes desempregados ou fracassados na sua condição de provedor do lar. Às vezes, o sucesso do trabalho autônomo realizado pelas mulheres é tão evidente que alguns dos cônjuges passam a trabalhar sob às ordens das esposas para aumentar o rendimento familiar. Apesar disso, elas continuam mantendo certas atitudes que seriam vistas como de submissão, para não gerar crises e não diminuí-los ainda mais perante os familiares e a vizinhança do bairro.

O espaço privado transformado também em espaço de trabalho a domicílio, passa a ser visto e reconhecido como sendo um “espaço de poder feminino”, o que trouxe autonomia, e independência mas, com certeza também, grande carga de trabalho e maior responsabilidade. Porém, esse trabalho a domicílio por ser autônomo é visto por elas como condição mais rendosa, livre e feliz.

De outro lado, é necessário dizer que o abandono forçado do meio rural, não significou o abandono completo do “ethos” componês e da visão de família construída ao longo da vida. E o melhor exemplo disso é que todo o esforço que realizam, em termos de trabalho e poupança, tem como objetivo final a melhoria das condições de vida da família e a manutenção da coesão familiar, além de encarar como valores fundamentais a solidariedade e a reciprocidade, também alimentados e desenvolvidos no dia-a-dia entre vizinhos e parentes e sob influência desses movimentos criados pelas mulheres.

Reunindo o “medo e a coragem”, “se juntando e fermentando”, no espaço dos grupos comunitários, as mulheres ensinam e aprendem a arte de viver na cidade, sem participar da escola, mas realizando um intenso processo educacional, numa situação de educação não-formal que encontram no espaço das

reuniões regulares dos grupos comunitários, finalizando "...parece-me que o lugar das mulheres na sociedade não é o produto direto do que ela faz, mas do significado que suas atividades adquirem através da interação social concreta" (Michele Rosaldo, *apud*, Lobo, 1991, p.187).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACCARDO, A. e CORCUFF, P. *La sociologie de Bourdieu*. Bordeaux: Éditions le Mascaret, 1986.
- ÁVILA, N. *O historiador passo-fundense Antonino Xavier*. Florianópolis: Ufsc, 1993.
- ABREU, R. de Paiva Abreu e SORJ, B. *O trabalho invisível - Estudos sobre trabalhadoras a domicílio no Brasil*. Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora, 1993.
- ALVES, M. *A mulher na Igreja: presença e ação hoje*. Petrópolis: Vozes, 1979.
- AFONSO, Almerindo Janela. Sociologia da educação não-escolar: reatualizar um objeto ou construir uma nova problemática? IN: ESTEVES, A. Joaquim, STOER, Stephen R (orgs). *A sociologia na escola*. Biblioteca das Ciências do Homem. Editora Afrontamentos, Porto, 1992.
- BRUSCHINI, C. *Mulher e trabalho: uma avaliação da década - 1975/1985*. São Paulo: Nobel, 1985.
- *Tendências na força de trabalho feminina brasileira nos anos 70/80*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1989.
- BARROSO, C. *et alii*. Pesquisa sobre mulher no Brasil do limbo ao gueto. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, Agosto, 1985.
- BILAC, E. D., *Trabalhos produtivos, trabalhos reprodutivos: trajetórias femininas de trabalho e suas representações*. São Paulo: Perspectivas, 1989/90.
- BRIOSCHI, Lucila Reis. TRIGO, Maria Helena Bueno (Orgs). Família: Representação e Cotidiano. Reflexão sobre um trabalho de campo. *Textos CERU*, n. 1, 2ª série. 1989.
- BETO, Frei. Prática pastoral popular. *Encontros com a Civilização*, Rio de Janeiro, n. 13, 1978.
- CAMPOS, Maria Cristina Siqueira de Souza. Mulheres alçando vôo: família e mercado de trabalho (1900-1950). *Textos CERU*, n. 7, Série 2, 1997.

- CHANEY, Elsa. M. e CASTRO, Mary Garcia (orgs.). *Patroas na Berlinda*. México: Nueva sociedade, 1993.
- CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes. 1994.
- ..... *A invenção do cotidiano 2. Morar e cozinhar*. Petrópolis: Vozes. 1997.
- COSTA, Albertina de Oliveira. BRUSCHINI, Cristina. *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Ed. Rosa dos tempos. Fundação Carlos Chagas. 1992.
- CAFRUNI, Jorge E. *Passo Fundo das Missões. Passo Fundo: Passo Fundo: Ed. da Municipalidade, 1996.*
- CANDIDO, Antônio. *Os parceiros do rio bonito*. São Paulo: Livraria duas cidades Ltda. 1987.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *A política dos outros*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- CARVALHO, Maria do Carmo (org.). *A família contemporânea em debate*. São Paulo: Ed. Cortez, 1995.
- CARNEIRO, Sueli. *Identidade feminina: que cara tem a mulher brasileira*. Seminário Gênero, classe e raça. Rio de Janeiro: Instituto Cajamar, 1997.
- DALMORO, Selina. *O espaço urbano e a escola na periferia Passo Fundo, 1996* (texto para discussão).
- DEL PRIORE, Mary. *Magia e medicina na colônia. História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.
- DEBERT, Guita. G. Problemas relativos à utilização da história de vida e história oral. IN: CARDOSO. Ruth. *Aventura Antropológica*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1986.
- DIAS, Maria. O. L. S. Teoria e método dos estudos feministas: perspectiva histórica e hermenêutica do cotidiano. IN: COSTA, A. O. BRUSCHINI, C. *Uma questão de Gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1992.

- .....*Quotidiano e o poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- DURHAM, E. *A caminho da cidade: a vida rural e a migração para a São Paulo: Perspectiva*, 1984.
- *A família e a mulher*. São Paulo: Cadernos, 1983.
- DUBY, G. PERROT, M. *História das mulheres no século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- ENGEL, M. *Meretrizes e doutores: o saber médico e a prostituição no Rio de Janeiro*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1988.
- FORTUNA, C. As cidades e as identidades: narrativas, patrimônios e memória. *RBCS*, n. 33, São Paulo, 1997.
- GOMES, H. S. R. *Um estudo sobre o significado de família*. São Paulo: Puc, 1988 (tese de doutoramento, mimeo.).
- YANNOULAS, S. C. *Trabalho feminino: discursos e realidades*. São Paulo: Papirus, 1993.
- LOBO, E. S. *A classe operária tem dois sexos*. Petrópolis: Vozes, 1991.
- LAMPHERE, L. e ROSALDO, M. *A mulher, a cultura e a sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- MAGNANI, J. G. C. *Festa no pedaço: cultura e lazer na cidade*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- *Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole*. Relatório de pesquisa, 1996.
- MADEIRA, F. R. "*Quem mandou nascer?*" *Estudos sobre crianças e adolescentes pobres no Brasil*. São Paulo: Rosa dos tempos, 1997.
- MELLO, S. de. *Trabalho e sobrevivência*. São Paulo: Ática, 1988.
- MORETTO, C. F. A provisão pública da educação. *Revista Teoria e Evidência Econômica*; n. 2, Passo Fundo: Upf, 1996.

- MATTA, Roberto da. *Carnavais, malandros e heróis*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1985.
- MARX, K. et alii. *Sobre a mulher*. São Paulo: Global, 1979.
- MARTINS, J. de Souza. *O Massacre dos Inocentes*. São Paulo: Hucitec, 1993.
- MORAES, M. L. Q. de. *Mulheres em movimento*. São Paulo: Nobel, 1989.
- OLIVEIRA, F. A. X. *Annaes do município de Passo Fundo*. Passo Fundo: Ediupf, 1990.
- PERROT, M. *Os excluídos: operários, mulheres, prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- POLI, ODILON LUIZ. *Aprendendo com as próprias pernas*. Dissertação de mestrado. Campinas. 1995.
- RIBEIRO, I. *Família em processos contemporâneos: inovações culturais na sociedade brasileira*. São Paulo: Loyola, 1995.
- RODHEN, F. *Feminismo do sagrado: uma reencenação romântica da diferença*. *Estudos feministas*. Rio de Janeiro: Ufrj, vol. 4, n. 1, p. 96 - 117, 1996.
- RAGO, M. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar no Brasil, 1890 - 1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- RODRIGUES, A, M. *Lugar e imagem da mulher na indústria*. COSTA, A. de O. e BRUSCHINI, C. (orgs.). *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.
- ROSEMBERG, Fúlvia et alii. *A educação da Mulher no Brasil*. São Paulo, Global. 1982.
- RIDELI, Sandra. BRUSCHINI, Cristina. *Desvendando o oculto: Família e trabalho Domiciliar em São Paulo*. In: ABREU. Alice R. de P., SORJ. Bila (orgs). *O trabalho Invisível*. Rio De Janeiro: Rio Fundo Ed., 1993.
- SAFFIOTI, H. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. Petrópolis: Vozes, 1969.

- *Violência de gênero: poder e impotência*. Rio de Janeiro: Revinter, 1995.
- e FERRANTE, V. L. S. B. *A mulher e as contradições do capitalismo agrário*. São Paulo: Perspectiva, 1983.
- SALEM, T. *Mulheres faveladas. Perspectivas Antropológicas da mulher*. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.
- SCAVONE, L. (org.). *Teconologias reprodutivas: gênero e ciência*. São Paulo: Unesp, 1996.
- SCOTT, J. História das mulheres. BUKER, P. (org.) *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992.
- SARTI, C. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. São Paulo: Autores Associados, 1996.
- SOUZA, L. A. G. Puebla e as práticas populares. *Revista Encontros com a Civilização Brasileira*; Rio de Janeiro, n. 9, 1979.
- SOIHET, R. Violência simbólica: saberes masculinos e representações femininas. *Estudos Feministas*, n. 1, v. 5, Ifcs/UFRJ, Rio de Janeiro, 1996.
- *Condição feminina: formas de violência. Mulheres pobres e a ordem urbana, 1890 - 1920*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.
- SILVA, L. ^a Machado da. A oposição entre trabalho Doméstico e Trabalho Feminino Remunerado”, In: José Sergio Leite Lopes *et alii*, *Mudança Social no Nordeste: A Reprodução da Subordinação*, Rio de Janeiro, Paz e terra. 1979.
- TEDESCO, J. C. *et alii*. Uma aproximação do processo de urbanização na região de Passo Fundo. *Revista Teoria e Evidência Econômica*; n. 2 Passo Fundo: UPF, 1993.
- WOORTMANN, E. *Herdeiros, parentes e compadres*. São Paulo: Hucitec, 1995.
- VIEZZER, M. *Se me deixam falar*. São Paulo: Símbolo, 1979.
- VAITSMAN, J. *Pluralidade de mundos entre mulheres urbanas de baixa renda*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

- *Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda. 1981.
- VON SIMSON, Olga *et alii*. *A Valorização da Diferenciação Sócio-Cultural como Fator de Integração de Estudantes em Situação e Risco: Discussão de uma Experiência Concreta - O Projeto Sol de Paulínea - SP*. Paper apresentado no V Congresso Afro-Brasileiro, 17 a 20/03/97 - Salvador /BA.
- ZALUAR, A. *A máquina e a revolta: organizações populares e o significado da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ANEXOS

Informações, dados coletados sobre o Centro Juvenil Mericiano, única creche do bairro, dirigido pelas Irmãs Ursulinas, a partir de conversa informal com irmã D.(22 anos, religiosa) e de levantamento num fichário fornecido pela instituição:

-creche está instalada no bairro há aproximadamente 15 anos;

-não existe critério econômico ou religioso para o recebimento das crianças;

-idade mínima das crianças é de três anos e permanecem até no máximo seis anos, saem em idade escolar;

-atendem em torno de 150 a 200 crianças ou mais por dia, que chegam a partir das 6 horas da manhã e saem às 18 horas da tarde; as turmas são formadas por 35 a 40 alunos;

-também atendem em torno de 70 meninas, na parte da tarde, com idade entre 7 a 14 anos, para cursos de crochê, pintura, culinária, confecção de bonecas, trabalhos manuais em geral e reforço escolar;

-alimentação para as crianças é servida quatro vezes por dia; café, lanche às 10 horas, almoço e lanche da tarde; o trabalho realizado na creche é gratuito, os pais colaboram espontaneamente se quiserem;

-a grande maioria das mães são trabalhadoras autônomas ou empregadas domésticas. A irmã observou que somente as mães comparecem às reuniões da creche;

-ainda na creche coletei informações sobre cem famílias, baseadas nos questionários realizados pelas instituições. Deste grande grupo, as cem mulheres têm o seguinte perfil:

Estado civil

- a) casadas (pelo civil e religioso): 46
- b) concubinadas: 48
- c) viúvas: 1
- d) separada/divorciada: 5

Profissões das mulheres

- a) empregada doméstica: 31
- b) donas de casa: 26
- c) vendedora, doceira, costureira, manicure:35
- d) auxiliar de contabilidade: 1; auxiliar de laboratório: 1 ;
professora 1; balconista 3;

Nível de Instrução:

- 1º grau incompleto: 89
- 2 grau incompleto: 10

Magistério: 1

Religião:

católicos: 95

Evangélicos: 5

Número de Filhos

19 casais com 1 filho

29 casais com 2 filhos

15 casais com 3 filhos

1 casal com 6 filhos

Profissões exercidas pelos homens:

pedreiro, mecânico, cobrador, vigilante, motorista, vendedor, biscateiro, metalúrgico, garçon, serralheiro, pintor, serviços gerais, serventes, marceneiro, brigadiano, zelador, agricultores (2).

Dados levantados sobre as nove mulheres pesquisadas:

Grupo São Sebastião

Nome: R. S. O.

Profissão: confeitadeira/padeira

Estado civil: casada

N° de filhos: 5 filhos

Marido: A. P. F.

Idade: 57 anos

Profissão: agregado de fazenda/aposentado por invalidez

Origem: Mato Castelhana

Rural/Urbano: rural

Instrução: 5ª série

Moradia: própria

Nome: I. B.

Idade: 40 anos

Profissão: bordadeira

N° de filhos: 4 (dois falecidos)

Estado Civil: casada

Marido: E. B.

Idade marido: 45 anos

Profissão: motorista da prefeitura

Origem: Ernestina

Rural/Urbano: rural

Estudo: 5ª série

Moradia: própria

Nome: S. da S. P.

Estado civil: viúva

Idade: 67 anos

Nº de filhos: 3

Profissão: aposentada/artesã

Origem: interior de Carazinho

Rural/urbana: rural

Estudo: 1º grau incompleto

Moradia: própria

Grupo São José

Nome: S. D.

Estado civil: casada

Idade: 39 anos

Profissão: dona de casa

Nº de filhos: 2

Marido: J. O. D.

Profissão: motorista de caminhão

Idade: 52 anos

Origem: Forquilha

Rural/Urbano: rural

Estudo: 4ª série primária

Moradia: própria

Nome: N. A. S.

Estado Civil: casada

Idade: 42 anos

Profissão: dona de casa

Nº de filhos: 4

Marido: A. A.

Idade: 45 anos

Profissão: construtor de estrada

Origem: Forquilha

Rural/Urbano: rural

Estudo: 5ª série

Moradia: própria

Nome: D. dos R. L.

Estado civil: casada

Idade: 46 anos

Profissão: comerciante, vendedora

Nº de filhos: 3

Profissão: policial militar

Marido: N. J. L.

Idade: 45 anos

Origem: Lagoão

Rural/Urbana: rural

Estudo: 1º grau incompleto

Moradia: própria

Grupo Nossa Senhora Aparecida

Nome: E. R. de A.

Estado civil: separada

Idade 42 anos

Profissão: professora primária

Nº de filhos: 2

Origem : Mato Castelhana

Rural/Urbano: rural

Estudo: magistério

Moradia: própria

Nome: L. de A.

Estado Civil: casada

Idade: 38 anos

Profissão: empregada doméstica/manicure

Marido: V. A.

Idade: 40 anos

Profissão: pedreiro

Nº de filhos: 4 (1 adotivo)

Origem: Mato Castelhana

Rural/urbana: rural

Estudo: 4ª série primária

Moradia: própria

Nome: V. S.

Estado Civil: casada

Idade: 35 anos

Profissão: micro empresária

Marido: F. S. N.

Idade: 38 anos

Profissão: motorista de ônibus

Nº de filhos: 8

Origem: Passo Fundo

Rural/urbana: urbana

Estudo: 2º grau completo

Moradia: própria